

ESPERANDO GODOT

BECKETT

157

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

COSACNAIFY

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]



SAMUEL BECKETT





ESPERANDO GODOT



TRADUÇÃO E PREFÁCIO FÁBIO DE SOUZA ANDRADE

PREFÁCIO



FÁBIO DE SOUZA ANDRADE

PIKE THEATRE CLUB
HERBERT LANE
OFF BAGGOT STREET

WAITING FOR
CODOT

BY
SAMUEL BECKETT

. such terrifying and compelling intensity that 21 hours
. . . seemed to pass in ten minutes— *Irish Times* we shall
certainly feel impelled to see it for ourselves— *Independent*
. . . telling passages of highly effective writing which hold an
audience by the sheer power of their appeal— *Irish Press* . . .
. . . puts Dublin on the world map of drama— *Evening Mail* . . .
. . . an attempt to out-Joyce the Joyce of "Ulysses"—*Evening Herald*

BOOKING AND MEMBERSHIP AT
BROWN THOMAS' GRAFTON ST.
PHONE 73418
OR AT THEATRE FROM 7.30 p.m.

Há muito tempo, nosso encontro com Godot independe do tino editorial, do empenho dos produtores de teatro, das modas literárias. Não esperamos mais por Godot: ele vem ao nosso encontro, o ausente que ganhou vida própria, deixando rastros por toda parte. Esconde-se sob o maciço anedotário associado à peça da qual se abstém (uma estreia difícil, seguida de inúmeras montagens para todos os gostos: dentro de um presídio, com elenco de internos; numa Sarajevo dividida e sitiada, com atores de várias etnias; durante o *apartheid*, só com negros atuando; com elenco apenas de mulheres; encenações dirigidas pelo próprio autor) e a Samuel Beckett, seu criador – laureado silencioso e recluso. Sua sombra insinua-se, volta e meia, na alta literatura e na cultura de massas, alimentando de filósofos da atualidade a trocadilhos publicitários. Está vivo, por fim, na espera do par de inseparáveis vagabundos, Vladimir e Estragon, perdidos no palco em meio à paisagem deserta, querendo partir, mas presos a um compromisso tão impreciso quanto inarredável, firmemente assentados no imaginário moderno (e para nós, brasileiros, indissociáveis da lembrança de Cacilda Becker e sua morte prematura, quase no palco).

Nem sempre foi assim. Escrita em francês, num período de intensa produção beckettiana – os anos do pós-guerra, em Paris –, durante breves quatro meses de 1949, *En attendant Godot* fazia par com *Eleutheria*, peça contemporânea, mais tarde renegada pelo autor e publicada apenas postumamente. As duas cumpriram a mesma *via crucis* editorial que marcou os romances concluídos à época – *Molloy*, *Malone morre* e *O inominável*. Confiados a Suzanne Deschevaux-Dumesnil, pianista, companheira de Resistência e mulher de Beckett desde 1938, passaram pelas mãos de dezenas (literalmente) de editores, até encontrarem a acolhida de Jérôme Lindon, das Éditions de Minuit, e, quase ao mesmo tempo, a atenção de Roger Blin. Ligado aos nomes de Jean Genet e Jean Cocteau, cujas

peças dirigiu, o jovem ator era o responsável pela direção artística de um teatro parisiense e entusiasmou-se na primeira hora pelo autor, de quem conhecia, até então, apenas alguns poemas, lidos no rádio. Ironicamente, os custos de produção selaram o destino do dramaturgo: instado a escolher qualquer das duas peças, o pragmatismo pesou e Blin optou por *Esperando Godot*. Quatro atores e um menino num palco quase vazio, a não ser por uma árvore esquelética e uma lua ocasional, eram mais realizáveis do que o cenário móvel (combinando, em diferentes proporções e a cada um dos três atos, os interiores contrastantes de uma residência burguesa e de uma pensão modesta) e o cortejo descomunal de personagens (dezessete!) de *Eleutheria*.



Vladimir e Estragon ao final do dia, na encenação dirigida por Philippe Adrien, com cenografia de Gérard Didier, no Théâtre de la Tempête (Vincennes, 1993)
Cartaz da primeira montagem de *Esperando Godot* na Irlanda, país natal de Samuel Beckett, que foi dirigida por Alan Simpson (Dublin, 1956).

Nem por isso a estreia foi menos custosa. Aconteceu em janeiro de 1953, precedida em alguns meses pela publicação do texto, depois da mudança do projeto para o pequeno Théâtre de Babylone e a inesperada substituição de atores – Blin assumindo o papel de Pozzo com os ensaios, acompanhados de perto por Beckett, já em andamento adiantado. No mesmo ano, uma versão alemã fez uma primeira temporada em Berlim e o texto de *Waiting for Godot*, um segundo original da peça, ganhou corpo. Em inglês, a peça esperou até 1955 para ganhar os palcos: em Londres, sob a direção de Peter Hall, e em Dublin, dirigida por Alan Simpson. Nenhuma dessas montagens satisfez Beckett como a pioneira de Blin, primeira de uma parceria duradoura entre ambos. Do outro lado do Atlântico, outro fiel escudeiro do dramaturgo irlandês, Alain Schneider, foi o responsável pela *première* americana, que, para desespero do diretor, inaugurou, em 1956, um megalômano e modernoso teatro em Miami, o Coconut Grove, vendida ao público de *socialites* e famosos de Hollywood como uma comédia arrasa-quarteirão.

“Pascal encenado pelos Fratellini”, “uma peça em que nada acontece, duas vezes”: tentativas de sintetizar em fórmula a novidade que *Esperando Godot* trouxe à dramaturgia contemporânea pulularam, apontando, muitas vezes, para direções opostas. Nessa peça em que a simetria imperfeita, forma particularmente cara a Beckett, encarna-se numa multiplicação de duplos ligeiramente discrepantes (dois atos, dois dias, dois pares – Didi e Gogô, Pozzo e Lucky), a indefinição do espaço – um meio do caminho na terra de ninguém, demarcado unicamente pela presença insistente de uma árvore –, a incerteza da espera anunciada no título, a ausência de um quadro de referências naturalistas e a falta de consequência prática dos diálogos despertaram várias leituras alegóricas. Houve quem buscasse um deus oculto em Godot; outros, uma eterna e absurda condição humana; outros ainda procuravam alusões mais diretas a um contexto histórico determinado. De fato, parece difícil negar que muito da experiência de Samuel Beckett ao longo da

Segunda Guerra – na clandestinidade, tomando parte dos esforços da Resistência, ao sul da França ocupada, vivendo na expectativa aberta, diária, pelo fim do conflito – tenha se comunicado à angústia das personagens.^[1]

Apesar de inquietante, o sentido de urgência que acompanha a fidelidade de Vladimir e Estragon a este compromisso misterioso, sempre adiado, não pode mais ser qualificado como trágico. Estratégia para camuflar a mínima margem de ação das personagens, os diálogos reduzem-se a rotinas que encobrem a dificuldade de passagem do tempo, hábito ao qual se aferram em vista da ausência de alternativas. O heroico há muito se retirou de um mundo em que a possibilidade do suicídio se esgarça no ridículo de um cinto que se rompe e de calças que caem por terra. Aliás, como notou o crítico Günther Anders, ocorre aqui sua completa inversão: no lugar do gesto enfático dos que, tendo lançado mão de todos os recursos possíveis, renunciam à vida porque não há mais nada a fazer, os personagens de *Esperando Godot* se deixam ficar, na expectativa, contrária a todos os sinais, de que algo de novo se produza.

O muito que a peça deve, por outro lado, à tradição da comédia de *music-hall*, ao modelo chapliniano do vagabundo desvalido, atesta o lugar do riso na obra beckettiana. Mas trata-se de um riso pouco desopilante e nada inocente, quase sempre acompanhado de um tanto de desconforto, que nunca se resolve em clara superioridade, moral ou intelectual, do espectador sobre as personagens. Sua graça, às vezes, se resolve em força lírica (Vladimir se confessa um poeta arruinado), como nas muitas litanias enumerativas, distribuídas nas falas intercaladas de Didi e Gogô.

A interdição ao riso franco é assunto para Vladimir e Estragon, como tudo mais na armadilha dramática que os apanha. As alusões ao caráter ficcional da sua existência, o metateatro, estão no coração da peça, e vão um passo além do experimentalismo pirandelliano. A opção modernista pelo choque como procedimento, derrubando a

quarta parede imaginária do palco italiano, é muito mais sutil do que em *Eleutheria*, por exemplo. Está intimamente ligada à natureza infernal da representação do tempo na peça – aprisionador, como o círculo fechado que descreve a canção do cachorro morto, com a qual Vladimir abre o segundo ato – e, assim, potencializada em sua eficiência.

Há uma exposição voluntária desta natureza perturbada e perturbadora da forma, em franca ruptura com a tradição, em diversas passagens: quando, para matar o tempo, Vladimir e Estragon decidem praticar “conversação” ou se dispõem a representar, peça dentro da peça, assumindo os papéis de Lucky e Pozzo; quando, observando a plateia, equiparam a paisagem a um “espetáculo admirável”, ou Pozzo implora por suas deixas, adotando uma dicção empostada, de palco em segundo grau.

A natureza mecânica e danificada do tempo – ecoando a regularidade exasperadora das encenações, noite após noite – é atravessada num ritmo movimentado na superfície, mas pobre de mudanças. Nesta espiral descendente – a árvore ganha mínimas folhas, mas Pozzo fica cego e Lucky, mudo –, hoje se parece enormemente com ontem e antecipa amanhã. A única oposição forte se dá com um “antigamente”, tempo remoto, perdido nos primórdios da humanidade, quando “éramos gente distinta”, ressaltando o caráter de fim de linha do presente dramático. A repetição de situações e ditos garante a unidade estrutural da peça, em que a fala profética da abertura – “Nada a fazer” – retorna regularmente, lembrete paradoxal tanto da necessidade de preencher o vazio, quanto da inocuidade deste esforço.

A memória deficiente, incapacidade de aprender, atinge a todos de forma desigual. Ao contrário do terra a terra Estragon, gravitando ao redor da pedra, sempre às voltas com o sono, as surras, os calos nos pés, a natureza espiritual de Vladimir, tendendo para o alto, concede-lhe, bênção ou praga, espasmos de lucidez: “Será que dormi, enquanto os outros sofriam? Será que durmo

agora? Amanhã, quando pensar que estou acordando, o que direi desta jornada? Que esperei Godot com Estragon, meu amigo, neste lugar, até o cair da noite? Que Pozzo passou por aqui, com o seu guia, e falou conosco? Sem dúvida. Mas quanta verdade haverá nisso tudo? [...] Ele não saberá de nada. Falará dos golpes que sofreu e lhe darei uma cenoura. *(Pausa)* Do útero para o túmulo e um parto difícil. Lá do fundo da terra, o coveiro ajuda, lento, com o fórceps. Dá o tempo justo de envelhecer. O ar fica repleto dos nossos gritos. *(Escuta)* Mas o hábito é uma grande surdina. *(Olha para Estragon)* Para mim também, alguém olha, dizendo: ele dorme, não sabe direito, está dormindo. *(Pausa)* Não posso continuar”. E, no entanto, continuará, a exemplo de Godot, que permanece.



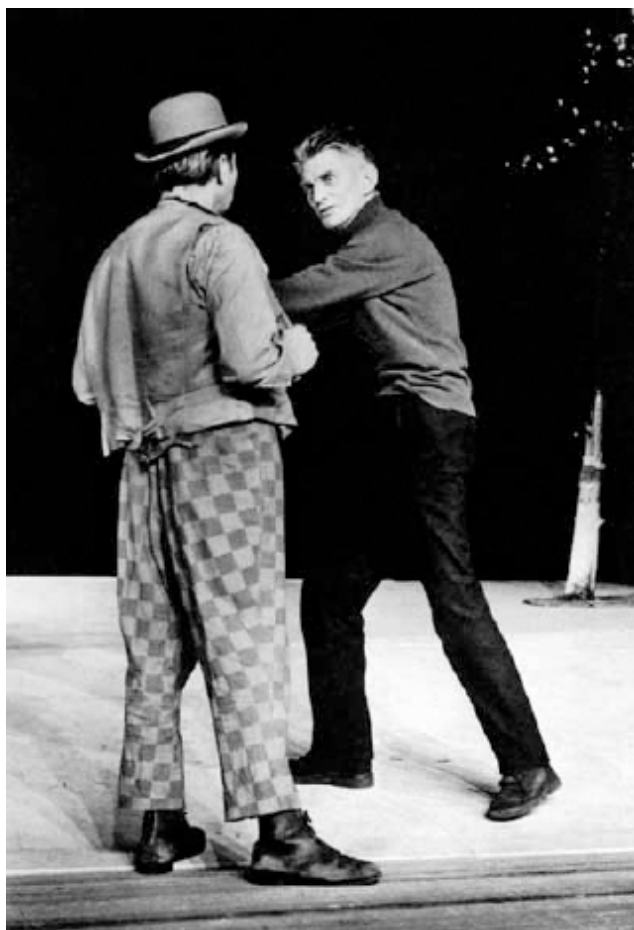
Todos contra Lucky, sob a direção de Roger Blin, Théâtre de l'Odéon (Paris, 1978).

As variantes do texto de *Esperando Godot* não se restringem ao bilinguismo beckettiano. Escrevendo ora em francês, ora em inglês, responsabilizando-se ele mesmo pela tradução de uma língua para outra, Beckett produziu sempre um segundo original, não menos legítimo que o primeiro, para quase cada uma de suas obras. Tendo acompanhado de perto os ensaios da encenação de Roger Blin, estreia que sucedeu em meses a primeira edição, Beckett introduziu no texto francês várias modificações, que foram definitivamente incorporadas às edições francesas a partir da segunda. Esta tradução baseia-se no texto de *En attendant Godot* então estabelecido, sempre cotejado com as versões em inglês. Também há diferenças significativas entre a edição de *Waiting for Godot*, da Faber & Faber, e

a americana, da Grove Press. As discrepâncias são reflexos de respostas do autor a encenações específicas que contaram com sua intervenção mais ou menos direta. É o caso das montagens berlinenses de *Warten auf Godot*, em 1965 e 1975, no Schiller Theater – em que atuou como diretor ou assistente de direção, materializando suas observações em cadernos de notas –, e da encenação londrina do San Quentin Drama Workshop, em 1984. A edição fac-similar desses cadernos de montagem prestou-se ao estabelecimento de um texto revisto e anotado, preparado por Donald McMillan e James Knowlson, biógrafo de Beckett e especialista em sua obra, mas de publicação posterior à morte do autor – cf. *The Theatrical Notebooks of Samuel Beckett: Waiting for Godot* (Londres: Faber & Faber, 1993).

Agradeço a leitura atenta e as muitas sugestões felizes de Samuel Titan Jr., essenciais para que a tradução ganhasse sua forma final.





Beckett dirige Karl Raddatz (Pozzo) no Schiller Theater (Berlim, 1975).

-
- 1 Na primeira edição, menciona-se diretamente um certo Bonnelly, pequeno viticultor de Roussillon, para quem Beckett trabalhou no período da vindima sem revelar sua identidade. Nas edições subsequentes, o nome escapa a Estragon e Vladimir, que apenas aludem à região de Macon em geral.

ESPERANDO GODOT



36

V's boots demonstration: deine .. seine with
forefinger echoing (avancing) Gogo leicht - Didi schwer.



E's used to a fro [redacted] from
boots to V's boots to V
incomprehending

Samuel Beckett

WARTEN AUF GODOT

Estragon: Horst Bollmann
Wladimir: Stefan Wigger
Pozzo: Carl Raddatz
Lucky: Klaus Herrm
Ein Junge: Torsten Sense

Inszenierung: Samuel Beckett
Bühne, Kostüme: Matias

SCHILLER-THEATER ab 8 MÄRZ 1975

After Nia and 2 Evil with parrot auch. [redacted]
cf A4 E's response to Wie fanden die mich
after Night number.

PERSONAGENS

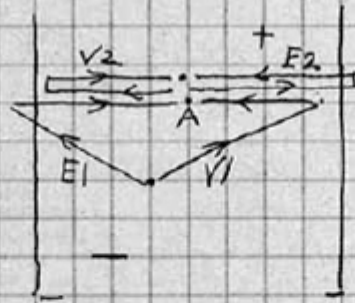
ESTRAGON

VLADIMIR

POZZO

LUCKY

MENINO

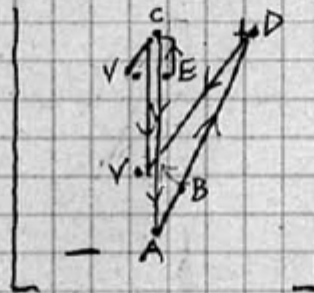


... ihm entgegen gehen

A V takes E's arm for \leftarrow E breaks away for \rightarrow

3 Possibilities

1. E hardly off when on again, V not off
2. Both " " " " " "
3. " off long enough for empty stage to carry.



- C Idiot V takes hold of E and draws him part of way to A. A-B backward B to slatter of V
- B Du willst nicht after hinken Ballen V with E
- D Rüh dich nicht to tree
- D-V Den Baum kann man

PRIMEIRO ATO

Nas páginas anteriores, na 86 e 140,
fac-símiles dos cadernos de direção
com anotações manuscritas de
Beckett, por ocasião da montagem
alemã de 1975, dirigida pelo autor.

Estrada no campo. Árvore. Entardecer.

Sentado sobre uma pedra, Estragon tenta tirar a bota. Faz força com as duas mãos, gemendo. Para, exausto; descansa, ofegante; recomeça. Mais uma vez.

Entra Vladimir.

ESTRAGON (*desistindo de novo*) Nada a fazer.

VLADIMIR (*aproximando-se a passos curtos e duros, joelhos afastados*)

Estou quase acreditando. (*Fica imóvel*) Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta. (*Encolhe-se, pensando na luta. Vira-se para Estragon*) Veja só! Você, aqui, de volta.

ESTRAGON Estou?

VLADIMIR Que bom que voltou. Pensei que tivesse partido para sempre.

ESTRAGON Eu também.

VLADIMIR Temos que comemorar, mas como? (*Pensa*) Levante que lhe dou um abraço. (*Oferece a mão a Estragon*)

ESTRAGON (*irritado*) Daqui a pouco, daqui a pouco.

Silêncio.

VLADIMIR (*magoado, com frieza*) Pode-se saber onde o senhor passou a noite?

ESTRAGON Numa vala.

VLADIMIR (*espantado*) Numa vala! Onde?

ESTRAGON (*sem indicar*) Logo ali.

VLADIMIR E eles não bateram em você?

ESTRAGON Bateram, mas não demais.

VLADIMIR Os mesmos de sempre?

ESTRAGON Os de sempre? Não sei.

Silêncio.

VLADIMIR Quando paro para pensar... estes anos todos... não fosse eu... o que teria sido de você...? (*Com firmeza*) Não seria mais do que um montinho de ossos, neste exato momento, sem sombra de dúvida.

ESTRAGON (*ofendido*) E daí?

VLADIMIR (*melancólico*) É demais para um homem só. (*Pausa. Com vivacidade*) Por outro lado, qual a vantagem de desanimar agora, é o que eu sempre digo. Deveríamos ter pensado nisso milênios atrás, em 1900.

ESTRAGON Chega. Ajude aqui a tirar esta porcaria.

VLADIMIR De mãos dadas, pular do alto da torre Eiffel, os primeiros da fila. Éramos gente distinta, naquele tempo. Agora é tarde demais. Não nos deixariam nem subir. (*Estragon luta com a bota*) O que você está fazendo?

ESTRAGON Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?

VLADIMIR Sapatos a gente tira todos os dias, cansei de explicar. Por que você não me ouve?

ESTRAGON (*cansado*) Me ajude!

VLADIMIR Dói?

ESTRAGON Dói! Ele quer saber se dói!

VLADIMIR (*colérico*) Tirando você, ninguém sofre. Eu não conto. Quería ver se estivesse no meu lugar, o que você diria.

ESTRAGON Doeu?

VLADIMIR Doeu! Ele quer saber se doeu!

ESTRAGON (*apontando com o indicador*) De qualquer modo, você bem que poderia fechar os botões.

VLADIMIR (*inclinando-se*) É verdade. (*Abotoa-se*) Nunca descuide das pequenas coisas.

ESTRAGON O que você queria? Você sempre espera até o último minuto.

VLADIMIR (*sonhador*) O último minuto... (*Medita*) Custa a chegar, mas será maravilhoso. Quem foi que disse isso?

ESTRAGON Por que você não me ajuda?

VLADIMIR Às vezes até sinto que está vindo. Então fico todo esquisito. (*Tira o chapéu, examina o interior com o olhar, vasculha-o com a mão, sacode-o, torna a vesti-lo*) Como se diz? Aliviado e ao mesmo tempo... (*busca a palavra*) apavorado. (*Enfático*) A-PA-VO-RA-DO. (*Tira o chapéu mais uma vez, examina o interior com o olhar*) Essa agora! (*Bate no chapéu, como quem quer fazer que algo caia, examina o interior com o olhar, torna a vesti-lo*) Enfim... (*Com esforço extremo, Estragon consegue tirar a bota. Examina seu interior com o olhar, vasculha-a com a mão, sacode-a, procura ver se algo caiu ao redor, no chão, não encontra nada, vasculha o interior com a mão mais uma vez, olhar ausente*) E então?

ESTRAGON Nada.

VLADIMIR Deixe ver.

ESTRAGON Não há nada para ver.

VLADIMIR Tente calçar de novo.

ESTRAGON (*tendo examinado o pé*) Vou deixar tomando um ar.

VLADIMIR Eis o homem: jogando nos sapatos a culpa dos pés. (*Tira o chapéu, examina o interior com o olhar, vasculha-o com a mão, sacode-o, bate nele, sopra no interior, torna a vesti-lo*) Alarmante, isto está ficando alarmante. (*Silêncio. Estragon mexe o pé, separando os dedos para que respirem melhor*) Um dos ladrões foi salvo. (*Pausa*) É uma estatística razoável. (*Pausa*) Gogô?

ESTRAGON O quê?

VLADIMIR E se nos arrependêssemos?

ESTRAGON Do quê?

VLADIMIR Ahnnn... (*Reflete*) Não precisamos entrar em detalhes.

ESTRAGON De termos nascido?

Vladimir rompe numa gargalhada, prontamente contida, levando as mãos ao púbis, rosto contraído.

VLADIMIR Nem rir ousamos mais.

ESTRAGON Terrível privação.

VLADIMIR Apenas sorrir. (*Seu rosto abre-se num sorriso máximo que se fixa, dura um certo tempo, depois se desfaz repentinamente*) Não é a mesma coisa. Enfim... (*Pausa*) Gogô?

ESTRAGON (*irritado*) O quê?

VLADIMIR Você já leu a Bíblia?

ESTRAGON A Bíblia...? (*Pensa*) Devo ter passado os olhos.^[1]

VLADIMIR Lembra dos Evangelhos?

ESTRAGON Lembro dos mapas da Terra Santa. Coloridos. Bem bonitos. O mar Morto de um azul bem claro. Dava sede só de olhar. É para lá que vamos, eu dizia, é para lá que vamos na lua de mel. E como nadaremos. E como seremos felizes.

VLADIMIR Você devia ter sido poeta.

ESTRAGON E fui. (*Indicando os farrapos com um gesto*) Não está na cara?

Silêncio.

VLADIMIR Onde é que eu estava? E seu pé, que tal?

ESTRAGON Inchado.

VLADIMIR Ah, é, os dois ladrões. Você lembra da história?

ESTRAGON Não.

VLADIMIR Quer que eu conte?

ESTRAGON Não.

VLADIMIR Ajuda a passar o tempo. (*Pausa*) Dois ladrões, crucificados lado a lado com nosso Salvador. Um deles...

ESTRAGON Nosso quê?

VLADIMIR Nosso Salvador. Dois ladrões. Dizem que um deles se salvou e o outro... (*Busca o contrário de “salvar-se”*) se perdeu.

ESTRAGON Salvou do quê?

VLADIMIR Do inferno.

ESTRAGON Vou embora. (*Não se move*)

VLADIMIR E no entanto... (*Pausa*) Como é que... não estou chateando, estou?

ESTRAGON Não estou ouvindo.

VLADIMIR Como é possível que, dos quatro evangelistas, só um fale em ladrão salvo? Todos quatro estavam lá – ou por perto – e apenas um fala em ladrão salvo. (*Pausa*) Vamos lá, Gogô, minha deixa, não custa, uma vez em mil...

ESTRAGON Estou ouvindo.

VLADIMIR Um em quatro. Dos outros três, dois nem falam disso e o terceiro diz que eles o xingaram, os dois.

ESTRAGON Quem?

VLADIMIR O quê?

ESTRAGON Que confusão! (*Pausa*) Xingaram quem?

VLADIMIR O Salvador.

ESTRAGON Por quê?

VLADIMIR Porque não quis salvá-los.

ESTRAGON Do inferno?

VLADIMIR Não, tonto. Da morte.

ESTRAGON E daí?

VLADIMIR Então os dois devem ter ido pro inferno.

ESTRAGON E então?

VLADIMIR Mas um dos quatro diz que um foi salvo.

ESTRAGON E daí? Não chegaram a um acordo e ponto.

VLADIMIR Todos quatro estavam lá. E só um fala em ladrão salvo.

Por que acreditar nele e não nos outros?

ESTRAGON Quem acredita nele?

VLADIMIR Todo mundo. Foi a versão que vingou.

ESTRAGON O povo é de uma burrice.

Levanta-se com esforço, vai mancando em direção à coxa esquerda, para, olha ao longe, mãos espalmadas sobre os olhos, dá a volta, vai em direção à coxa direita, olha ao longe. Vladimir acompanha-o com os olhos, depois vai apanhar a bota, examina o interior com o olhar, larga-a precipitadamente.

VLADIMIR Pfuh. (*Cospe no chão*)

Estragon volta ao centro do palco, olha em direção ao fundo.

ESTRAGON Lugar encantador. (*Dá a volta, caminha em direção à boca de cena, junto à plateia*) Esplêndido espetáculo. (*Volta-se para Vladimir*) Vamos embora.

VLADIMIR A gente não pode.

ESTRAGON Por quê?

VLADIMIR Estamos esperando Godot.

ESTRAGON É mesmo. (*Pausa*) Tem certeza de que era aqui?

VLADIMIR O quê?

ESTRAGON Que era para esperar.

VLADIMIR Ele disse: perto da árvore. (*Olham para a árvore*) Está vendo mais alguma?

ESTRAGON É o quê?

VLADIMIR Um chorão, eu acho.

ESTRAGON E as folhas?

VLADIMIR Deve estar morto.

ESTRAGON Chega de choro.

VLADIMIR A menos que não seja época.

ESTRAGON Para mim, parece mais um arbusto.

VLADIMIR Um arbúsculo.

ESTRAGON Um arbusto.

VLADIMIR Um... (*Recobra-se*) O que você está querendo dizer? Que erramos de lugar?

ESTRAGON Ele devia estar aqui.

VLADIMIR Não deu certeza de que viria.

ESTRAGON E se não vier?

VLADIMIR Voltamos amanhã.

ESTRAGON E depois de amanhã.

VLADIMIR Talvez.

ESTRAGON E assim por diante.

VLADIMIR Ou seja...

ESTRAGON Até que ele venha.

VLADIMIR Você é implacável

ESTRAGON Já viemos ontem.

VLADIMIR Ah, não, aí é que você se engana.

ESTRAGON Então, fizemos o que, ontem?

VLADIMIR Ontem? O que fizemos ontem?

ESTRAGON É.

VLADIMIR Pelo amor... (*Bravo*) Com você por perto, nada de certo.

ESTRAGON Por mim, estávamos aqui.

VLADIMIR (*olha ao redor*) O lugar parece familiar?

ESTRAGON Não foi isso que eu disse.

VLADIMIR Bom?

ESTRAGON Dá na mesma.

VLADIMIR Tudo igual... essa árvore... (*voltando-se para a plateia*)...
esse brejão.

ESTRAGON Tem certeza de que era hoje à tarde?

VLADIMIR O quê?

ESTRAGON Que era para esperar.

VLADIMIR Ele disse sábado. (*Pausa*) Acho.

ESTRAGON Depois do batente.

VLADIMIR Devo ter anotado. (*Procura nos bolsos, repletos de porcarias de todo tipo*)

ESTRAGON Mas que sábado? E hoje é sábado? Não seria domingo?
Ou segunda? Ou sexta?

VLADIMIR (*olhando pressuroso ao redor, como se a data pudesse estar inscrita na paisagem*) Não é possível.

ESTRAGON Ou quinta?

VLADIMIR O que vamos fazer?

ESTRAGON Se ontem ele esteve aqui à toa, hoje com certeza não volta.

VLADIMIR Mas você disse que ontem viemos nós.

ESTRAGON Posso estar enganado. (*Pausa*) E se ficássemos calados um instante, tudo bem?

VLADIMIR (*baixo*) Tudo bem. (*Estragon senta-se de novo. Vladimir zanza agitado pelo palco, parando ocasionalmente para investigar o horizonte. Estragon adormece. Vladimir para à frente de Estragon*) Gogô... (*Silêncio*) Gogô... (*Silêncio*) Gogô?

Estragon acorda sobressaltado.

ESTRAGON (*dando-se conta do horror da situação*) Estava dormindo. (*Em tom de recriminação*) Por que você nunca me deixa dormir?

VLADIMIR Estava me sentindo só.

ESTRAGON Tive um sonho.

VLADIMIR Não me conte!

ESTRAGON Sonhei que...

VLADIMIR NÃO ME CONTE!

ESTRAGON (*gesto indicando o universo*) Isso basta para você? (*Silêncio*) Nada gentil, Didi. Para quem você quer que eu conte meus pesadelos particulares, se não for para você?

VLADIMIR Que eles continuem particulares. Você sabe muito bem que não suporto isso.

ESTRAGON (*com frieza*) De vez em quando me pergunto se não seria melhor nos separarmos.

VLADIMIR Você não iria longe.

ESTRAGON O que, de fato, seria um contratempo e tanto. (*Pausa*) Não é mesmo, Didi? Um contratempo e tanto. Considerando a beleza do caminho. (*Pausa*) E a bondade dos viajantes. (*Pausa. Com brandura*) Não é, Didi?

VLADIMIR Calma.

ESTRAGON (*com volúpia*) Calma... calma... (*Sonhador*) Os ingleses dizem caaaalma. É uma gente caaaalma. (*Pausa*) Você conhece a piada do inglês no bordel?

VLADIMIR Conheço.

ESTRAGON Então me conte.

VLADIMIR Chega.

ESTRAGON Um inglês de porre chega ao bordel. A cafetina pergunta se ele prefere loira, morena ou ruiva. Continue.

VLADIMIR Chega!

Vladimir sai. Estragon levanta-se e o segue até o limite do palco. Mímica de Estragon análoga aos gestos de torcedores de boxe incentivando um pugilista. Vladimir volta, passa à frente de Estragon, atravessa o palco, olhos baixos. Estragon ensaia alguns passos em sua direção, para.

ESTRAGON *(com doçura)* Queria falar comigo? *(Vladimir não responde. Estragon dá um passo em sua direção)* Você tinha alguma coisa para me dizer? *(Silêncio. Outro passo adiante)* Diga, Didi.

VLADIMIR *(sem se voltar)* Não tenho nada a dizer.

ESTRAGON *(passo adiante)* Ficou bravo? *(Silêncio. Passo adiante)* Desculpe! *(Silêncio. Passo adiante. Toca-lhe o ombro)* Deixe disso, Didi. *(Silêncio)* Aperte aqui! *(Vladimir vira-se)* Um abraço! *(Vladimir vacila)* Não seja teimoso! *(Vladimir cede. Abraçam-se. Estragon recua)* Você fede a alho!

VLADIMIR É bom para os rins. *(Silêncio. Estragon olha atentamente para a árvore)* E o que fazemos agora?

ESTRAGON Esperamos.

VLADIMIR Sei, mas enquanto esperamos?

ESTRAGON E se a gente se enforcasse?

VLADIMIR Um jeito de ter uma ereção.

ESTRAGON *(excitado)* Uma ereção?

VLADIMIR Com tudo que se segue. Onde cair, a mandrágora brota. É por isso que a raiz grita, quando arrancada. Você não sabia?

ESTRAGON À força sem demora!

VLADIMIR Num galho? (*Aproximam-se da árvore, olhar atento*) Não dá para confiar.

ESTRAGON Podemos tentar.

VLADIMIR Tente.

ESTRAGON Depois de você.

VLADIMIR Nada disso, você primeiro.

ESTRAGON Por quê?

VLADIMIR Você é mais leve.

ESTRAGON Isso mesmo.

VLADIMIR Não entendo.

ESTRAGON Pense um pouco, use a cabeça.

Vladimir reflete.

VLADIMIR (*finalmente*) Não entendo.

ESTRAGON Vou explicar. (*Pensa*) O galho... o galho... (*Colérico*) Tente entender!

VLADIMIR Você é minha última esperança.

ESTRAGON (*com esforço*) Gogô leve, galho não quebra, Gogô morto. Didi pesado, galho quebra, Didi sozinho. (*Pausa*) Enquanto que... (*Busca a palavra certa*)

VLADIMIR Não tinha pensado nisto.

ESTRAGON (*achando*) Quem pode o mais, pode o menos.

VLADIMIR Mas será que eu sou o mais pesado?

ESTRAGON Você disse. Eu não sei de nada. Há uma chance em duas. Mais ou menos.

VLADIMIR Então, que fazemos?

ESTRAGON Nada. É o mais prudente.

VLADIMIR Esperar para ver o que ele nos diz.

ESTRAGON Quem?

VLADIMIR Godot.

ESTRAGON Isso!

VLADIMIR Vamos esperar até estarmos completamente seguros.

ESTRAGON Por outro lado, talvez fosse melhor malhar o ferro antes que esfrie.

VLADIMIR Estou curioso para saber o que ele vai propor. Sem compromisso.

ESTRAGON O que era mesmo que queríamos dele?

VLADIMIR Você não estava junto?

ESTRAGON Não prestei muita atenção.

VLADIMIR Ah, nada de muito específico.

ESTRAGON Um tipo de prece.

VLADIMIR Isso!

ESTRAGON Uma vaga súplica.

VLADIMIR Exatamente!

ESTRAGON E o que ele respondeu?

VLADIMIR Que ia ver.

ESTRAGON Que não podia prometer nada.

VLADIMIR Que precisava pensar mais.

ESTRAGON Dormir sobre o assunto.

VLADIMIR Consultar a família.

ESTRAGON Os amigos.

VLADIMIR Os agentes.

ESTRAGON Os correspondentes.

VLADIMIR Os registros.

ESTRAGON O saldo do banco.

VLADIMIR Antes de se pronunciar.

ESTRAGON Nada mais normal.

VLADIMIR Não é mesmo?

ESTRAGON A mim, parece.

VLADIMIR Também a mim.

Silêncio.

ESTRAGON (*ansioso*) E a gente?

VLADIMIR Como?

ESTRAGON Eu disse: e a gente?

VLADIMIR Não entendo.

ESTRAGON Qual é o nosso papel nisso tudo?

VLADIMIR Papel?

ESTRAGON Não se apresse.

VLADIMIR Qual é o nosso papel? O de suplicantes.

ESTRAGON É tão ruim assim?

VLADIMIR O senhor tem mais alguma exigência a fazer?

ESTRAGON E os nossos direitos? Evaporaram?

Riso de Vladimir, abruptamente abortado, como antes. Mesma rotina, menos o sorriso.

VLADIMIR Você me faria rir, se não fosse proibido.

ESTRAGON Nós os perdemos?

VLADIMIR (*nitidamente*) Acabamos com eles.

Silêncio. Permanecem imóveis, braços pendentes, cabeças caídas, joelhos arqueados.

ESTRAGON (*com fraqueza*) Não estamos amarrados? (*Pausa*) Estamos?

VLADIMIR (*levantando a mão*) Escute!

Escutam, grotescamente estáticos.

ESTRAGON Não estou ouvindo nada.

VLADIMIR Psss! (*Escutam. Estragon perde o equilíbrio, quase cai. Agarra o braço de Vladimir, que balança. Escutam, encostados um ao outro, olhos nos olhos*) Nem eu.

Suspiros de alívio. Distensão. Separam-se.

ESTRAGON Você me assustou.

VLADIMIR Pensei que fosse ele.

ESTRAGON Quem?

VLADIMIR Godot.

ESTRAGON Pfuh! O vento nos caniços.

VLADIMIR Podia jurar que eram gritos.

ESTRAGON E por que ele gritaria?

VLADIMIR Com o cavalo.

Silêncio.

ESTRAGON Vamos embora.

VLADIMIR Para onde? (*Pausa*) Pode ser que hoje à noite durmamos na casa dele, aquecidos, secos, de barriga cheia, sobre a palha. Vale a pena esperar, não vale?

ESTRAGON Não a noite inteira.

VLADIMIR Ainda é dia.

Silêncio.

ESTRAGON Estou com fome.

VLADIMIR Quer uma cenoura?

ESTRAGON Não tem outra coisa?

VLADIMIR Talvez eu tenha uns nabos.

ESTRAGON Me dê uma cenoura. (*Vladimir vasculha os bolsos, tira um nabo e o entrega a Estragon*) Obrigado. (*Dá uma mordida. Reclama*) É um nabo!

VLADIMIR Ah, desculpe! Podia jurar que era uma cenoura. (*Vasculha os bolsos mais uma vez, só encontra nabos*) Aqui só ficaram nabos. (*Continua procurando*) Você deve ter comido a última. (*Procura*) Espere, olhe aqui. (*Tira por fim uma cenoura e a entrega a Estragon*) Pronto, meu caro. (*Estragon seca a cenoura na manga e começa a comer*) Me devolva o nabo. (*Estragon devolve o nabo*) Faça durar, não sobrou mais.

ESTRAGON (*mastigando*) Eu fiz uma pergunta.

VLADIMIR Ah.

ESTRAGON Você me respondeu?

VLADIMIR Que tal a cenoura?

ESTRAGON Adocicada.

VLADIMIR Melhor assim, melhor assim. (*Pausa*) O que você queria saber?

ESTRAGON Não lembro mais. (*Mastiga*) É isso que me aborrece. (*Contempla a cenoura com admiração, girando-a no ar com a ponta dos dedos*) Uma delícia, a sua cenoura. (*Chupa meditativo uma ponta da cenoura*) Espere, estou lembrando. (*Arranca um pedaço*)

VLADIMIR E então?

ESTRAGON (*de boca cheia, distraído*) Não estamos amarrados?

VLADIMIR Não entendi uma palavra.

ESTRAGON (*mastiga, engole*) Perguntei se estamos amarrados.

VLADIMIR Amarrados?

ESTRAGON A-mar-ra-dos.

VLADIMIR Amarrados, como?

ESTRAGON Pés e mãos.

VLADIMIR Mas a quem? Por quem?

ESTRAGON Ao seu homem.

VLADIMIR A Godot? Amarrados a Godot? Que ideia! De maneira nenhuma! *(Pausa)* Não... ainda.

ESTRAGON O nome dele é Godot?

VLADIMIR Acho que sim.

ESTRAGON Veja só! *(Ergue pelo talo o que sobrou da cenoura e faz girar o resto diante dos olhos)* Que engraçado, quanto mais vai, pior fica.

VLADIMIR Comigo é ao contrário.

ESTRAGON O que quer dizer isto?

VLADIMIR Vou me acostumando aos poucos.

ESTRAGON *(depois de pensar bastante)* E isso é o contrário?

VLADIMIR Questão de temperamento.

ESTRAGON De caráter.

VLADIMIR Não tem jeito.

ESTRAGON Não adianta se debater.

VLADIMIR Somos o que somos.

ESTRAGON Não adianta se contorcer.

VLADIMIR Pau que nasce torto...

ESTRAGON Nada a fazer. *(Oferece o resto da cenoura a Vladimir)* Quer matar?

Um grito terrível ressoa, bem próximo. Estragon larga a cenoura. Ficam paralisados, depois correm para a coxia. Estragon para a meio caminho, retorna, pega a cenoura, enfia-a no bolso, precipita-se em direção a Vladimir que o espera, para de novo, retorna, pega a bota, depois corre para junto de Vladimir. Abraçados, cabeças nos ombros, fugindo da ameaça, esperam. Entram Pozzo e Lucky. O primeiro conduz o último, servindo-se de uma corda passada ao redor do pescoço, de modo que, a princípio, apenas Lucky é visível, seguido pela corda, longa o bastante para que ele chegue ao meio do palco

antes que Pozzo deixe a coxia. Lucky carrega uma mala pesada, uma banqueta dobrável, uma cesta de provisões e um casaco (sobre o braço); Pozzo, um chicote.

POZZO *(dos bastidores)* Eia! *(Estalo do chicote. Pozzo aparece. Atravessam o palco. Lucky passa à frente de Vladimir e Estragon e sai. Pozzo, tendo notado Vladimir e Estragon, para. A corda fica esticada. Pozzo puxa-a violentamente)* Para trás! *(Barulho de queda. É Lucky que cai com toda a sua carga. Vladimir e Estragon observam, divididos entre o impulso de socorrê-lo e o medo de se meterem onde não são chamados. Vladimir dá um passo em direção a Lucky. Estragon segura-o pela manga)*

VLADIMIR Me solte!

ESTRAGON Não saia daí.

POZZO Cuidado! Ele é bravo. *(Estragon e Vladimir olham para ele)*
Com os estranhos.

ESTRAGON *(em voz baixa)* É ele?

VLADIMIR Quem?

ESTRAGON O...

VLADIMIR Godot?

ESTRAGON Isso.

POZZO Apresento-me: Pozzo.

VLADIMIR De jeito nenhum.

ESTRAGON Ele disse Godot.

VLADIMIR De jeito nenhum.

ESTRAGON *(a Pozzo, tímido)* Cavalheiro, o senhor não seria por acaso Godot?

POZZO *(voz aterrorizante)* Eu sou Pozzo! *(Silêncio)* O nome não lhes diz nada? *(Silêncio)* Perguntei se o nome não lhes diz nada?

Vladimir e Estragon entreolham-se, em dúvida.

ESTRAGON (*tentando se lembrar*) Bozzo... Bozzo...

VLADIMIR (*idêntico*) Pozzo...

POZZO Pppozzo!

ESTRAGON Ah! Pozzo... deixe ver... Pozzo...

VLADIMIR É Pozzo ou Bozzo?

ESTRAGON Pozzo... não que eu me lembre.

VLADIMIR (*em tom de conciliação*) Conheci uma família Gozzo. A mãe tinha a gota serena.

Pozzo avança, ameaçador.

ESTRAGON (*com vivacidade*) Nós não somos daqui, meu senhor.

POZZO (*estacando*) Mas ainda assim, são seres humanos. (*Coloca os óculos*) Até onde se vê, pelo menos. (*Tira os óculos*) Da mesma espécie que eu. (*Explode num riso aberto*) Da mesma espécie que Pozzo. Feitos à imagem de Deus.

VLADIMIR Quer dizer...

POZZO (*cortante*) Quem é Godot?

ESTRAGON Godot?

POZZO Vocês me tomaram por Godot.

VLADIMIR Ah, de forma nenhuma, senhor, nem por um instante.

POZZO Quem é?

VLADIMIR Bem, é um... um conhecido.

ESTRAGON Longe disso, mal o conhecemos.

VLADIMIR É verdade... não o conhecemos muito bem... mas em todo caso...

ESTRAGON De minha parte, eu seria incapaz de reconhecê-lo.

POZZO Vocês me tomaram por ele.

ESTRAGON Bom, quer dizer... no escuro... o cansaço... a fraqueza... a espera... confesso que... cheguei a... por um instante...

VLADIMIR Não lhe dê ouvidos, senhor, não lhe dê ouvidos!

POZZO À espera? Vocês estão esperando por ele, então?

VLADIMIR Quer dizer...

POZZO Aqui? Nas minhas terras?

VLADIMIR Não fizemos por mal.

ESTRAGON Foi com boa intenção.

POZZO A estrada é de todos.

VLADIMIR Foi o que imaginamos.

POZZO É uma vergonha, mas é assim.

ESTRAGON Nada a fazer a respeito.

POZZO *(com gesto magnânimo)* Não se fala mais nisso. *(Puxa a corda)*

De pé! (Pausa) Toda vez que cai, ele adormece. (Puxa a corda) De pé, carniça! (Ouve-se Lucky levantar e recolher as coisas. Pozzo puxa a corda) Para trás! (Lucky entra aos tropeções) Alto! (Lucky para) Vire! (Lucky vira-se. A Vladimir e Estragon, afável) Caros amigos, fico feliz em tê-los encontrado. (Diante da expressão incrédula de ambos) De fato, estou genuinamente feliz. (Puxa a corda) Mais perto! (Lucky avança) Alto! (Lucky para. A Vladimir e Estragon) Vejam vocês, o caminho é longo quando se caminha tão solitário por... (consulta seu relógio) por... (calcula) seis horas, sim, exatamente, seis horas a fio, sem encontrar viva alma. (A Lucky.) Casaco! (Lucky põe a mala no chão, avança, entrega o casaco, recua, torna a pegar a mala) Segure isto. (Pozzo entrega-lhe o chicote, Lucky avança e, sem mãos, inclina-se e prende o chicote entre os dentes, depois recua. Pozzo começa a vestir o casaco, para) Casaco! (Lucky põe tudo no chão, avança, ajuda Pozzo a vestir o casaco, recua, pega tudo de novo) Bate um vento frio a esta hora. (Termina de abotoar o casaco, inclina-se, inspeciona, recompõe-se) Chicote! (Lucky avança, inclina-se. Pozzo arranca o chicote de sua boca. Lucky

recua) Vejam vocês, caríssimos, não posso passar tanto tempo sem a companhia de meus semelhantes (*observa seus semelhantes*), mesmo quando a semelhança é um tanto imperfeita. (*A Lucky*) Banqueta! (*Lucky põe a mala e a cesta no chão, avança, arma a banquetta, firma-a no chão, recua, torna a pegar a mala e a cesta. Pozzo observa a banquetta*) Mais perto! (*Lucky põe a mala e a cesta no chão, avança, desloca a banquetta, recua, torna a pegar a mala e a cesta. Pozzo senta-se, encosta o cabo do chicote contra o peito de Lucky e o empurra*) Para trás. (*Lucky recua*) Mais longe. (*Lucky recua mais um pouco*) Alto! (*Lucky para. A Vladimir e Estragon*) É por isso que, com a sua permissão, vou-me deixar ficar mais um pouco em sua companhia, antes de me aventurar adiante. (*A Lucky*) Cesta! (*Lucky avança, entrega a cesta, recua*) O ar livre abre o apetite. (*Abre a cesta, retira um pedaço de frango, uma fatia de pão e uma garrafa de vinho*) Cesta! (*Lucky avança, pega a cesta, recua, fica imobilizado*) Mais longe! (*Lucky recua*) Aí! (*Lucky para*) Ele fede. (*Bebe um gole do gargalo*) À nossa saúde. (*Solta a garrafa e começa a comer*)

Silêncio. Estragon e Vladimir, tomando coragem aos poucos, rodeiam Lucky, examinando-o de cabo a rabo. Pozzo ataca o frango com voracidade, jogando fora os ossos depois de tê-los sugado. Lucky verga-se lentamente, até a mala tocar o chão, endireita-se com brusquidão, recomeça a se vergar. Ritmo de quem dorme em pé.

ESTRAGON O que ele tem?

VLADIMIR Parece cansado.

ESTRAGON Por que não põe a bagagem no chão?

VLADIMIR Vou saber? (*Aproximam-se*) Cuidado!

ESTRAGON E se a gente perguntasse?

VLADIMIR Veja só isso!

ESTRAGON O quê?

VLADIMIR (*apontando*) O pescoço.

ESTRAGON (*olhando para o pescoço*) Não estou vendo nada.

VLADIMIR Olhe daqui.

Estragon coloca-se na posição de Vladimir.

ESTRAGON É mesmo.

VLADIMIR Em carne viva.

ESTRAGON Foi a corda.

VLADIMIR De tanto roçar.

ESTRAGON Previsível.

VLADIMIR Foi o nó.

ESTRAGON Sem dó.

Retomam a inspeção, detêm-se no rosto.

VLADIMIR Até que ele não é de se jogar fora.

ESTRAGON (*dá de ombros, fazendo um muxoxo*) Você acha?

VLADIMIR Um pouco efeminado.

ESTRAGON Ele baba.

VLADIMIR É evidente.

ESTRAGON Espuma.

VLADIMIR Um idiota, acho.

ESTRAGON Um cretino.

VLADIMIR (*aproximando a cabeça*) Um boçal, eu diria.

ESTRAGON (*mesmo gesto*) Pode ser.

VLADIMIR Está ofegante.

ESTRAGON É de se esperar.

VLADIMIR E os olhos!

ESTRAGON O que têm os olhos?

VLADIMIR Esubugalhados.

ESTRAGON Para mim, ele está nas últimas.

VLADIMIR Pode ser. *(Pausa)* Pergunte a ele.

ESTRAGON Será?

VLADIMIR O que temos a perder?

ESTRAGON *(timidamente)* Senhor...

VLADIMIR Mais alto.

ESTRAGON *(mais alto)* Senhor.

POZZO Deixem-no em paz! *(Voltam-se para Pozzo que, tendo acabado de comer, limpa-se com as costas da mão)* Não veem que ele quer descansar? *(Pega o cachimbo e começa a enchê-lo. Estragon repara nos ossos de frango no chão, fixando-os com avidez. Pozzo risca um fósforo e começa a acender o cachimbo)* Cesta! *(Lucky não se mexe. Pozzo atira o fósforo irritado e puxa a corda)* Cesta! *(Lucky quase cai, apruma-se, avança, coloca a garrafa na cesta, volta a seu lugar, retoma a atitude anterior)* O que vocês queriam? Não é o trabalho dele. *(Dá uma tragada, estica as pernas)* Ah, assim está melhor.

ESTRAGON *(timidamente)* Senhor...

POZZO O que é, meu bom homem?

ESTRAGON É que... o senhor já... bem... o senhor não... vai querer... precisar dos... ossos?

VLADIMIR *(escandalizado)* Não dava para você esperar?

POZZO Não por isso, não por isso, é natural. Se vou precisar dos ossos? *(Remexe-os com a ponta do chicote)* Não, pessoalmente não têm nenhuma serventia para mim. *(Estragon avança um passo na direção dos ossos)* Mas... *(Estragon para)* mas em princípio os ossos ficam com o carregador. É a ele, pois, que é preciso perguntar. *(Estragon volta-se para Lucky, hesita)* Mas não tenham medo, perguntem, perguntem, ele dirá.

Estragon se aproxima de Lucky, para diante dele.

ESTRAGON Senhor... com sua licença, senhor...

Lucky não reage. Pozzo estala o chicote. Lucky levanta a cabeça.

POZZO Estão lhe dirigindo a palavra, porco. Responda. (*A Estragon*)
Continue.

ESTRAGON Com sua licença, senhor, os ossos, o senhor quer os
OSSOS?

Lucky encara Estragon longamente.

POZZO (*absorto*) Senhor! (*Lucky abaixa a cabeça*) Responda! Quer os
ossos ou não? (*Silêncio de Lucky. A Estragon*) São seus. (*Estragon*
atira-se sobre os ossos, agarra-os e começa a roer) Mas que coisa
estranha. É a primeira vez que recusa um osso. (*Olha para Lucky*
com preocupação) Só espero que não me faça o papelão de ficar
doente! (*Solta uma baforada*)

VLADIMIR (*escandalizado*) É uma vergonha!

Silêncio. Estragon, estupefato, para de roer, olha para Vladimir e Pozzo,
alternadamente. Pozzo manifestamente calmo, Vladimir cada vez mais
agitado.

POZZO (*a Vladimir*) O senhor está aludindo a alguma coisa em
particular?

VLADIMIR (*decidido e atrapalhado*) Tratar um homem (*gesto em direção*
a Lucky) dessa maneira... acho isso... um ser humano... não... é
uma vergonha!

ESTRAGON (*não querendo ficar para trás*) Um escândalo! (*Torna a roer*)

POZZO Vocês são severos. (*A Vladimir*) Sem querer ser indiscreto,
qual é a sua idade? (*Silêncio*) Sessenta? Setenta? (*Silêncio. A*
Estragon) Quantos anos diria que ele tem?

ESTRAGON Pergunte.

POZZO Indiscrição minha. (*Esvazia o cachimbo, batendo-o contra o chicote, levanta-se*) Vou deixá-los. Agradeço pela companhia. (*Reflete*) A menos que acenda mais um cachimbo antes de partir. O que me dizem? (*Eles não dizem nada*) Ah, sou apenas um fumante ocasional, um fumante bissexto, não costumo acender meu cachimbo duas vezes seguidas, o coração (*leva a mão ao coração*) dispara. (*Pausa*) É a nicotina, acabamos tragando, apesar das precauções. (*Suspira*) Sabem como é? (*Silêncio*) Mas talvez vocês não fumem. Fumam? Não? Enfim, tanto faz. (*Silêncio*) Mas como voltar a me sentar, com naturalidade, agora que já me levantei? Sem passar a impressão de que... me fuge o termo... fraquejo? (*A Vladimir*) O que disse? (*Silêncio*) Por acaso não disse nada? (*Silêncio*) Tanto faz. Vejamos... (*Pensa*)

ESTRAGON Ah! Assim está melhor. (*Atira os ossos*)

VLADIMIR Vamos embora.

ESTRAGON Já?

POZZO Um instante! (*Puxa a corda*) Banqueta! (*Aponta com o chicote, Lucky desloca a banquetta*) Mais! Ai! (*Volta a sentar-se. Lucky recua, torna a pegar a mala e a cesta*) Eis-me reinstalado! (*Começa a encher o cachimbo*)

VLADIMIR Vamos embora.

POZZO Espero que não esteja expulsando vocês, estou? Fiquem mais um pouco, não vão se arrepender.

ESTRAGON (*farejando a esmola*) Tempo nós temos.

POZZO (*após acender o cachimbo*) O segundo nunca é tão bom (*tira o cachimbo da boca, contempla-o*) quanto o primeiro, quero dizer. (*Devolve o cachimbo para a boca*) Mas ainda assim é bom.

VLADIMIR Vou embora.

POZZO Ele não consegue mais suportar a minha presença. Talvez eu não seja particularmente humano, mas isso lá é motivo? (*A*

Vladimir) Pense duas vezes, antes de cometer um desatino. Digamos que parta agora, enquanto ainda está claro, pois apesar de tudo ainda é dia. (*Os três olham para o céu*) Bem. O que seria, nesse caso (*tira o cachimbo da boca, olha para ele*), estou sem fogo, (*reacende o cachimbo*) nesse caso... nesse caso.. o que seria nesse caso do seu encontro com o tal... Godet... Godot... Godin... (*silêncio*) enfim, sabe de quem estou falando, que carrega seu futuro nas mãos... (*silêncio*) enfim, seu futuro imediato.

ESTRAGON Ele tem razão.

VLADIMIR Como o senhor sabe?

POZZO Voltou a se dirigir a mim! Acabaremos grandes amigos.

ESTRAGON Por que ele não põe a bagagem no chão?

POZZO Também eu ficaria feliz em conhecê-lo. Quanto mais gente conheço, mais feliz eu fico. Até da mais humilde das criaturas nós nos despedimos mais sábios, mais ricos, mais seguros de nossas bênçãos. Até vocês... (*encara-os atentamente, primeiro um, depois o outro, a fim de que ambos se percebam visados*) até vocês, quem sabe, me acrescentarão alguma coisa.

ESTRAGON Por que ele não põe a bagagem no chão?

POZZO Sabe que isso me surpreenderia?

VLADIMIR Fizeram-lhe uma pergunta.

POZZO (*encantado*) Uma pergunta? Quem? Qual? (*Silêncio*) Não faz um instante me tratavam por senhor, tremendo de medo. Agora me fazem perguntas. Isto não vai acabar bem.

VLADIMIR (*a Estragon*) Acho que ele está escutando.

ESTRAGON (*que voltou a rodear Lucky*) O quê?

VLADIMIR Pode perguntar para ele agora. Está prestando atenção.

ESTRAGON Perguntar o quê?

VLADIMIR Por que ele não põe a bagagem no chão.

ESTRAGON É o que me pergunto.

VLADIMIR Então pergunte a ele, ora.

POZZO (*que acompanhou o diálogo com ansiedade atenta, temeroso de que a questão se perdesse*) Vocês querem saber de mim por que ele não põe no chão a bagagem, como a chamam?

VLADIMIR Exato.

POZZO (*a Estragon*) Tem certeza de que está de acordo?

ESTRAGON (*ainda dando voltas em torno de Lucky*) Ele está bufando feito uma foca.

POZZO Vou responder. (*A Estragon*) Mas faça-me o favor de parar quieto, sim, está me deixando nervoso!

VLADIMIR Venha cá.

ESTRAGON O que foi?

VLADIMIR Ele vai falar.

Imóveis, um apoiado no outro, esperam.

POZZO Ótimo. Todos a postos? Todos olhando para mim? (*Olha para Lucky, puxa a corda, Lucky levanta a cabeça*) Olhe para mim, porco! (*Lucky olha para ele*) Ótimo. (*Coloca o cachimbo no bolso, retira um pequeno vaporizador, vaporiza a garganta, recoloca o vaporizador no bolso, pigarreja, cospe, pega novamente o vaporizador no bolso, volta a vaporizar a garganta, recoloca-o no bolso*) Estou pronto. Estão todos me escutando? (*Olha para Lucky, puxa a corda*) Adiante! (*Lucky avança*) Aí! (*Lucky para*) Todos prontos? (*Olha para os três, Lucky por último, e puxa a corda.*) Ora, ora. (*Lucky levanta a cabeça*) Não gosto de falar no vazio. Bem. Vejamos. (*Pensa*)

ESTRAGON Vou embora.

POZZO O que foi mesmo que vocês perguntaram?

VLADIMIR Por que ele...

POZZO (*colérico*) Não me interrompa! (*Pausa. Mais calmo*) Se falarmos todos ao mesmo tempo, não vamos nunca sair do lugar. (*Pausa*) O que eu estava dizendo? (*Pausa. Mais alto*) O que eu estava dizendo?

Vladimir faz mímica de alguém levando uma carga pesada. Pozzo olha sem compreender.

ESTRAGON (*com ênfase*) Bagagem! (*Aponta o dedo para Lucky*) Por quê? Sempre segurando. (*Imita alguém curvado, ofegante*) Nunca no chão. (*Abre as mãos, endireita-se, com alívio*) Por quê?

POZZO Ah! Por que não disseram antes? A razão pela qual ele não fica à vontade. Tentemos esclarecer o assunto. Não teria ele esse direito? Sem dúvida que o tem. Seria, então, por que ele não quer? Isso sim é que é lógica. E por que ele não quer? (*Pausa*) Senhores, a razão é a seguinte.

VLADIMIR Preste atenção!

POZZO Para me impressionar, para que eu continue com ele.

ESTRAGON Como?

POZZO Pode ser que tenha me explicado mal. Ele quer despertar minha compaixão, para que eu renuncie à ideia de nos separarmos. Não, tampouco é bem assim.

VLADIMIR O senhor quer se livrar dele?

POZZO Quer me pegar, mas não vai conseguir.

VLADIMIR O senhor quer se livrar dele?

POZZO Ele imagina que, mostrando-se bom carregador, estarei disposto a mantê-lo nessa função futuramente.

ESTRAGON E não está?

POZZO Na verdade, ele carrega porcamente. Não é a sua vocação.

VLADIMIR O senhor quer se livrar dele?

POZZO Ele imagina que, mostrando-se incansável, vai me fazer mudar de ideia. Eis o seu cálculo deplorável. Como se me faltassem escravos. (*Os três olham para Lucky*) Atlas, filho de Júpiter! (*Silêncio*) É isto. Acredito ter respondido a sua questão. Querem fazer mais alguma? (*Rotina com o vaporizador*)

VLADIMIR O senhor quer se livrar dele?

POZZO Note que eu poderia estar no lugar dele e ele, no meu. Não tivesse o acaso escolhido o contrário. A cada um, o seu lote.

VLADIMIR O senhor quer se livrar dele?

POZZO O que disse?

VLADIMIR O senhor quer se livrar dele?

POZZO De fato. Mas em vez de expulsá-lo, coisa ao meu alcance, quero dizer, em vez de simplesmente colocá-lo no olho da rua, dar-lhe um pé na bunda, vou levá-lo, por bondade minha, ao mercado do São Salvador, onde espero embolsar alguma coisa. A bem da verdade, expulsar criaturas assim não é mesmo possível. Para fazer direito, seria preciso matá-las.

Lucky chora.

ESTRAGON Está chorando.

POZZO Até os velhos cães têm mais dignidade. (*Entrega o lenço a Estragon*) Vá consolá-lo, já que está condoído. (*Estragon hesita*) Tome. (*Estragon pega o lenço*) Enxugue as lágrimas. Assim ele se sentirá menos abandonado.

Estragon continua hesitante.

VLADIMIR Dê aqui, vou eu mesmo.

Estragon não quer entregar o lenço. Gestos infantis.

POZZO Vamos rápido. Logo ele vai parar de chorar. (*Estragon aproxima-se de Lucky, em posição de enxugar suas lágrimas. Lucky desfere-lhe um violento pontapé na tíbia. Estragon larga o lenço, pula para trás, faz um grande círculo no palco, mancando e berrando de dor*) Lenço. (*Lucky põe a mala e a cesta no chão, recolhe o lenço, avança, entrega-o a Pozzo, recua, pega a mala e a cesta de novo*)

ESTRAGON Porco! Cavalos! (*Arregaça as calças*) Me aleijou!

POZZO Eu disse que ele não gosta de estranhos.

VLADIMIR (*a Estragon*) Deixe ver. (*Estragon mostra-lhe a perna. A Pozzo, com raiva*) Está sangrando!

POZZO Bom sinal.

ESTRAGON (*com a perna ferida para cima*) Nunca mais vou andar!

VLADIMIR (*com ternura*) Eu carrego você. (*Pausa*) Se for o caso.

POZZO Parou de chorar. (*A Estragon*) Você tomou o lugar dele, em todo caso. (*Sonhador*) As lágrimas do mundo são em quantidade constante. Para cada um que irrompe em choro, em outra parte alguém para. Com o riso é a mesma coisa. (*Ri*) Não falemos mal, então, dos nossos dias, não são melhores nem piores do que os que vieram antes. (*Silêncio*) Não falemos bem, tampouco. (*Silêncio*) Não falemos. (*Silêncio*) Verdade que a população aumentou.

VLADIMIR Tente andar um pouco.

Estragon começa a mancar, para diante de Lucky, cospe nele, depois vai sentar-se onde estava quando a cortina se levantou.

POZZO Sabem quem me ensinou todas estas coisas bonitas? (*Pausa. Mirando o dedo para Lucky*) Ele!

VLADIMIR (*olhando para o céu*) Será que a noite não cairá jamais?

POZZO Sem ele, todos meus pensamentos, todos meus sentimentos seriam vulgares, preocupações profissionais. A beleza, a graça,

a verdade de primeira classe estavam além do meu alcance. Então, acolhi um knuk.

VLADIMIR (*contra sua vontade, deixando de olhar o céu*) Um knuk?

POZZO Lá se vão bem uns sessenta anos... (*calcula mentalmente*) é, sessenta logo, logo. (*Endireita-se, orgulhoso*) Olhando para mim, ninguém diz, não é? (*Vladimir olha para Lucky*) Ao lado dele, pareço um menino, não acha? (*Pausa. A Lucky*) Chapéu! (*Lucky põe a cesta no chão, tira o chapéu. Uma abundante cabeleira branca cai e emoldura seu rosto. Coloca o chapéu sob o braço e pega a cesta de novo*) Agora, repare. (*Pozzo tira o próprio chapéu.^[2] Ele é totalmente calvo. Recoloca o chapéu*) Viu bem?

VLADIMIR O que é isso, um knuk?

POZZO Vocês não são daqui. São deste século, pelo menos? Antigamente, havia os bufões. Hoje em dia, temos os knuks. Pelo menos quem pode se dar ao luxo.

VLADIMIR E agora o senhor vai mandá-lo embora? Um serviçal tão antigo, tão fiel?

ESTRAGON Estrume!

Pozzo mais e mais agitado.

VLADIMIR Depois de ter sugado toda a substância, o senhor o joga fora como... (*procura*) como uma casca de banana. Admita que...

POZZO (*gemendo, levando as mãos à cabeça*) Não aguento mais... não suporto... o que ele faz... é inconcebível... é de arrepiar... ele tem que partir... (*agita os braços*) vou enlouquecer... (*desaba, a cabeça sobre os braços*) não aguento mais... não aguento...

Silêncio. Todos olham para Pozzo. Lucky estremece.

VLADIMIR Ele não aguenta mais.

ESTRAGON É de arrepiar.

VLADIMIR É de enlouquecer.

ESTRAGON É revoltante.

VLADIMIR (*a Lucky*) Como você tem a coragem? É uma vergonha! Um patrão tão bom! Fazê-lo sofrer assim! Depois de tantos anos! Francamente!

POZZO (*soluçando*) Antes... ele era amável... me ajudava... me entretinha... me fazia bem... agora... ele me assassina...

ESTRAGON (*a Vladimir*) Será que ele quer colocar outro no lugar?

VLADIMIR O quê?

ESTRAGON Não entendi bem se ele quer outro no lugar ou apenas tirá-lo da sua cola.

VLADIMIR Acho que não.

ESTRAGON O quê?

VLADIMIR Não sei.

ESTRAGON Tem que perguntar.

POZZO (*mais calmo*) Senhores, não sei o que me deu. Peço-lhes perdão. Esqueçam tudo isto. (*Cada vez mais senhor de si*) Não me lembro mais exatamente do que disse, mas podem estar seguros de que não havia uma palavra de verdade. (*Endireita-se, bate no peito*) Por acaso tenho o aspecto de um homem que se pode fazer sofrer, eu? Convenhamos! (*Vasculha os bolsos*) Onde enfiar meu cachimbo?

VLADIMIR Tarde maravilhosa.

ESTRAGON Inesquecível.

VLADIMIR E ainda nem acabou.

ESTRAGON Parece que não.

VLADIMIR Mal começou.

ESTRAGON É sofrível.

VLADIMIR Pior que um espetáculo.

ESTRAGON De circo.

VLADIMIR De pantomima.

ESTRAGON De circo.

POZZO Mas onde diabos enfiei o meu pito?

ESTRAGON Divertido, ele! Agora perdeu a chaminé! *(Riso ruidoso)*

VLADIMIR Já volto. *(Vai em direção à coxia)*

ESTRAGON No fundo do corredor, à esquerda.

VLADIMIR Guarde o meu lugar. *(Sai)*

POZZO Perdi meu Abdullah.

ESTRAGON *(contorcendo-se de riso)* Ele é de morte!

POZZO *(levantando a cabeça)* Por acaso vocês não teriam visto...
(Percebe a ausência de Vladimir. Desolado) Ah! Ele foi embora!...
Sem se despedir de mim! Não é nada fino! Um pouco mais de
continência.

ESTRAGON O problema era justamente a incontinência.

POZZO Ah! *(Pausa)* Se é assim.

ESTRAGON *(levantando-se)* Venha comigo.

POZZO Fazer o quê?

ESTRAGON O senhor verá.

POZZO Quer que me levante?

ESTRAGON Venha... Venha logo.

Pozzo levanta-se e vai em direção a Estragon.

ESTRAGON Olhe!

POZZO Ah, bom!

ESTRAGON Acabou.

*Vladimir volta, sombrio, dá um encontrão em Lucky, derruba a
banqueta com um pontapé, vai e vem agitado.*

POZZO Ele não está satisfeito?

ESTRAGON Você perdeu coisas incríveis. Que pena!

Vladimir para, arruma a banquetta, retoma o vaivém, mais calmo.

POZZO Ele está sossegando. (*Olha ao redor*) De resto, tudo está mais tranquilo, estou sentindo. Uma grande paz se espraia do alto. Escutem. (*Levanta a mão*) Pã dorme.

VLADIMIR (*parando*) Será que a noite não cairá nunca?

Os três olham para o céu.

POZZO Não cogitam partir antes disso?

ESTRAGON Quer dizer... o senhor sabe...

POZZO Nada mais natural, nada mais natural. Eu mesmo, no seu lugar, se tivesse um encontro marcado com um Godin... Godet... Godot... enfim, vocês sabem de quem estou falando, esperaria até que fizesse noite negra antes de desistir. (*Olha para a banquetta*) Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.

ESTRAGON Posso ajudar?

POZZO Quem sabe se pedisse.

ESTRAGON O quê?

POZZO Se pedisse que eu voltasse a me sentar.

ESTRAGON Ajudaria?

POZZO Acho que sim.

ESTRAGON Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.

POZZO Não, não, não vale a pena. (*Pausa. Em voz baixa*) Insista um pouco.

ESTRAGON Mas como, não fique assim em pé, vai acabar se resfriando.

POZZO Acha mesmo?

ESTRAGON Não tenho a menor dúvida.

POZZO Está coberto de razão. (*Senta-se*) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado. (*Estragon se senta. Pozzo consulta o relógio*) Mas já é tempo de deixá-los, se não quiser me atrasar.

VLADIMIR O tempo parou.

POZZO (*colocando o relógio junto ao ouvido*) Não tenha tanta certeza, senhor, não tenha tanta certeza. (*Recoloca o relógio no bolso*) Tudo que quiser, menos isso.

ESTRAGON (*a Pozzo*) Está enxergando tudo negro hoje.

POZZO Menos o firmamento. (*Ri, satisfeito com o gracejo*) Paciência, vai chegar. Compreendo, vocês não são daqui, não sabem ainda como é o crepúsculo entre nós. Querem que eu conte? (*Silêncio. Estragon e Vladimir estão entretidos, aquele examinando a bota, este o chapéu. O chapéu de Lucky cai sem que ele se dê conta*) Não vou desapontá-los. (*Vaporizador*) Um pouco de sua atenção, por favor. (*Estragon e Vladimir continuam entretidos. Lucky está semiadormecido. Pozzo estala o chicote, que soa quase inaudível*) Qual o problema deste chicote? (*Levanta-se e estala o chicote com mais vigor, até conseguir. Lucky sobressalta-se. A bota de Estragon e o chapéu de Vladimir caem-lhes das mãos. Pozzo joga o chicote longe*) Não vale mais nada, este chicote. (*Olha para a plateia*) Onde estávamos mesmo?

VLADIMIR Vamos embora.

ESTRAGON Não fique aí parado em pé, vai acabar com pneumonia.

POZZO Isso mesmo. (*Senta-se de novo. A Estragon*) Qual é o seu nome?

ESTRAGON (*num piscar de olhos*) Catulo.

POZZO (*sem ter escutado*) Ah, é! A noite. (*Levanta a cabeça*) Mas prestem um pouco mais de atenção, ou não chegaremos a lugar algum. (*Olha para o céu*) Olhem! (*Todos olham para o céu, menos Lucky, que voltou a dormir. Percebendo, Pozzo dá um puxão na*

corda) Faça o favor de olhar para o céu, porco! (*Lucky vira a cabeça*) Bom, basta. (*Abaixam a cabeça*) O que há nele de tão particular? Enquanto céu, quero dizer? Pálido e luminoso, como um céu qualquer a esta hora do dia. (*Pausa*) Nestas latitudes. (*Pausa*) Com o tempo bom. (*A voz assume tom lírico*) Faz uma hora (*olha o relógio, prosaico*) mais ou menos (*tom lírico novamente*), depois de ter vertido sobre nós, desde as (*hesita, o tom cai*) digamos, dez horas da manhã, (*o tom se eleva*) seu incansável jorro de luzes brancas e vermelhas, que passou a perder o brilho fulgurante, pouco a pouco (*gesto das duas mãos que descem em estágios*), mais pálido, mais pálido, até que (*pausa dramática, gesto amplo e horizontal com as duas mãos se afastando*) puf! Acabado! Descansou enfim! (*Silêncio*) Mas (*levanta a mão em sinal de advertência*), mas, por trás deste manto de doçura e calma (*levanta os olhos ao céu, os outros o imitam, menos Lucky*), a noite vem a galope (*voz mais vibrante*) e virá se abater sobre nós (*estala os dedos*), zás!, assim (*perde a inspiração*), no momento em que menos a esperarmos. (*Silêncio. Voz morna*) É assim que acontece nesta terra de merda.

Longo silêncio.

ESTRAGON Desde que avisem antes.

VLADIMIR Pode-se aguardar.

ESTRAGON Sabe-se o que virá.

VLADIMIR Nada a temer.

ESTRAGON Basta esperar.

VLADIMIR Estamos acostumados. (*Pega o chapéu, examina o interior com os olhos, sacode-o, recoloca o chapéu*)

POZZO O que acharam de mim? (*Estragon e Vladimir entreolham-se sem compreender*) Bom? Regular? Passável? Morno? Francamente ruim?

VLADIMIR (*compreendendo primeiro*) Ah, muito bom, muito muito muito bom.

POZZO (*a Estragon*) E o senhor, que achou?

ESTRAGON (*com sotaque inglês*) Esplêndido, esplêndido!

POZZO (*fervoroso*) Obrigado, senhores. (*Pausa*) Preciso tanto de incentivo. (*Pensa*) Vacilei um pouco perto do fim. Não deu para notar?

VLADIMIR Ah, talvez um tantinho de nada.

ESTRAGON Pensei que fosse de propósito.

POZZO É a minha memória defeituosa.

Silêncio.

ESTRAGON Nesse meio tempo, nada acontece.

POZZO (*desolado*) Estão se aborrecendo?

ESTRAGON O bastante.

POZZO (*a Vladimir*) E o senhor?

VLADIMIR Não é bem uma folia.

Silêncio. Pozzo entrega-se a uma batalha interior.

POZZO Cavalheiros, os senhores foram... (*procura a palavra*) muito decentes comigo.

ESTRAGON Imagine!

VLADIMIR Que ideia!

POZZO Mas foram. Foram muito corretos. Por isso, me pergunto o que poderia eu, por minha vez, fazer por estes bravos homens, prestes a morrer de tédio?

ESTRAGON Cenzinho já estaria de bom tamanho.

VLADIMIR Nós não somos mendigos.

POZZO O que poderia fazer, digo a mim mesmo, para que o tempo lhes pareça menos arrastado? Dei-lhes ossos, falei disto e daquilo, troquei em miúdos o crepúsculo, são favas contadas. Mas será que basta, é a questão que não cala, será que basta?

ESTRAGON Qualquer trocado serve.

VLADIMIR Chega!

ESTRAGON Estou indo.

POZZO Será que basta? Sem dúvida. Mas eu sou magnânimo. É a minha natureza. Hoje. Azar o meu. (*Puxa a corda. Lucky olha para ele*) Vai me fazer sofrer, não resta dúvida. (*Sem se levantar, inclina-se e pega o chicote de volta*) O que preferem? Que ele dance? Que ele cante? Que ele recite? Que ele pense? Que ele...

ESTRAGON Quem?

POZZO Quem! Vocês sabem pensar, os dois, ou estou enganado?

VLADIMIR Ele pensa?

POZZO Perfeitamente. Em voz alta. Pensava que era uma beleza, antigamente, podia-se passar horas ouvindo. Agora... (*Estremece*) Enfim, azar. E então, querem que ele pense alguma coisa para nós?

ESTRAGON Preferia que ele dançasse, seria mais divertido.

POZZO Não necessariamente.

ESTRAGON Você não acha, Didi, que seria mais divertido?

VLADIMIR Gostaria de ouvi-lo pensando.

ESTRAGON E se ele dançasse primeiro e depois pensasse? Se não for pedir demais.

VLADIMIR (*a Pozzo*) Pode ser?

POZZO Mas com certeza, nada mais fácil. Além do mais, é a ordem natural. (*Riso breve*)

VLADIMIR Que ele dance, então.

Silêncio.

POZZO (*a Lucky*) Ouviu?

ESTRAGON Ele nunca se recusa?

POZZO Daqui a pouco eu explico. (*A Lucky*) Dance, restolho!

Lucky coloca a mala e a cesta no chão, avança um pouco em direção à boca de cena, volta-se para Pozzo. Estragon levanta-se para ver melhor. Lucky dança. Para.

ESTRAGON É só isso?

POZZO Continue!

Lucky repete os mesmos movimentos, para.

ESTRAGON Então, tá! (*Imita os movimentos de Lucky*) Assim, eu faço igual! (*Imita, quase cai, volta a se sentar*) Com um pouco de treino.

VLADIMIR Ele está cansado.

POZZO Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a *hornpipe*. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama?

ESTRAGON A agonia do João-ninguém.

VLADIMIR O câncer dos velinhos.

POZZO A dança da rede. Ele se imagina emaranhado numa rede.

VLADIMIR (*com sutilezas de esteta*) Há alguma coisa de...

Lucky apressa-se em retornar a sua carga.

POZZO (*como a um cavalo*) Uuupa!

Lucky estaca.

ESTRAGON Ele nunca se recusa?

POZZO Agora vou explicar. (*Vasculha os bolsos*) Esperem. (*Vasculha*)
Onde foi que enfiei a minha bombinha? (*Vasculha*) Essa agora!
(*Levanta a cabeça, inconsolável. Voz agonizante*) Perdi meu
vaporizador!

ESTRAGON (*voz agonizante*) Meu pulmão esquerdo está um lixo!
(*Tosse fraca. Voz tonitruante*) Mas o direito está como novo!

POZZO (*voz normal*) Azar, passo sem. O que eu estava dizendo?
(*Reflete*) Esperem! (*Reflete*) Essa agora! (*Levanta a cabeça*)
Ajudem.

ESTRAGON Estou tentando.

VLADIMIR Eu também.

POZZO Esperem!

Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio.

ESTRAGON (*triumfal*) Isso!

VLADIMIR Lembrou.

POZZO (*impaciente*) E então?

ESTRAGON Por que ele não põe a bagagem no chão?

VLADIMIR Nada disso!

POZZO Tem certeza?

VLADIMIR Disso você já falou.

POZZO Falei disso?

ESTRAGON Falou disso?

VLADIMIR Além do mais, ele já colocou a bagagem no chão.

ESTRAGON (*olhadela em direção a Lucky*) É verdade. E daí?

VLADIMIR Se ele já pôs a bagagem no chão, é impossível que
tenhamos perguntado por que não quer deixá-la.

POZZO Lógica impecável! ESTRAGON E por que ele pôs no chão?

POZZO Está vendo?

VLADIMIR Para poder dançar.

ESTRAGON É verdade.

Longo silêncio.

ESTRAGON (*levantando-se*) Nada acontece, ninguém vem, ninguém vai, é terrível.

VLADIMIR (*a Pozzo*) Mande-o pensar.

POZZO Entregue o chapéu dele.

VLADIMIR O chapéu?

POZZO Sem chapéu, ele não consegue.

VLADIMIR (*a Estragon*) Entregue o chapéu dele.

ESTRAGON Eu? Depois do pontapé que levei? Nem morto!

VLADIMIR Então, entrego eu o chapéu. (*Não se mexe*)

ESTRAGON Ele que pegue sozinho.

POZZO É melhor entregar o chapéu.

VLADIMIR Vou entregar o chapéu.

Pega o chapéu e o entrega a Lucky com o braço estendido. Lucky não se mexe.

POZZO Precisa pôr na cabeça.

ESTRAGON (*a Pozzo*) Peça para ele pôr sozinho.

POZZO É melhor pôr na cabeça dele

VLADIMIR Vou pôr o chapéu.

Contorna Lucky cuidadosamente, aproxima-se pouco a pouco por trás, põe-lhe o chapéu na cabeça e recua apressado. Lucky não se move. Silêncio.

ESTRAGON O que ele está esperando?

POZZO *Afastem-se. (Estragon e Vladimir afastam-se de Lucky. Pozzo puxa a corda. Lucky olha para ele) Pense, porco! (Pausa. Lucky começa a dançar) Pare! (Lucky para) Adiante! (Lucky vai em direção a Pozzo) Aí! (Lucky para) Pense! (Pausa)*

LUCKY Por outro lado, no que diz respeito...

POZZO *Pare! (Lucky se cala) Para trás! (Lucky recua) Aí! (Lucky para) Vire-se! (Lucky vira-se para a plateia) Pense!*

Durante o monólogo, os demais reagem da seguinte maneira: 1) Atenção total de Estragon e Vladimir. Desprezo e repugnância de Pozzo; 2) Protestos incipientes de Estragon e Vladimir. Sofrimento intensificado de Pozzo; 3) Estragon e Vladimir se acalmam e retomam a escuta, atentos. Cada vez mais agitado, Pozzo geme de desconforto; 4) Protestos violentos de Estragon e Vladimir. Pozzo dá um salto, puxa a corda. Gritaria generalizada. Lucky puxa a corda, se desequilibra, grita seu texto. Todos atiram-se sobre Lucky que se debate, gritando o texto.

LUCKY *(exposição monótona)* Dada a existência tal como se depreende dos recentes trabalhos públicos de Poinçon e Wattmann de um Deus pessoal quaquaquaqua de barba branca quaqua fora do tempo e do espaço que do alto de sua divina apatia sua divina athambia sua divina afasia nos ama a todos com algumas poucas exceções não se sabe por quê mas o tempo dirá e sofre a exemplo da divina Miranda com aqueles que estão não se sabe por quê mas o tempo dirá atormentados atirados ao fogo às flamas às labaredas que por menos que isto perdure ainda e quem duvida acabarão incendiando o firmamento a saber levarão o inferno às nuvens tão azuis às vezes e ainda hoje calmas tão calmas de uma calma que nem por ser intermitente é menos desejada mas não nos precipitemos e considerando por outro lado os resultados da investigação interrompida não nos precipitemos a investigação interrompida mas consagrada pela

Academia de Antropometria de Berna-sobre-Bresse de Testu e Conard ficou estabelecido sem a menor margem de erro tirante a intrínseca a todo e qualquer cálculo humano que considerando os resultados da investigação interrompida interrompida de Testu e Conard ficou evidente dente dente o seguinte guinte guinte a saber mas não nos precipitemos não se sabe por quê acompanhando os trabalhos de Poinçon e Wattmann evidencia-se claramente tão claramente que à luz dos esforços de Fartov e Belcher interrompidos interrompidos não se sabe por quê de Testu e Conard interrompidos interrompidos evidencia-se que o homem ao contrário da opinião contrária que o homem em Bresse de Testu e Conard que o homem enfim numa palavra que o homem numa palavra enfim não obstante os avanços na alimentação e na defecação está perdendo peso e ao mesmo tempo paralelamente não se sabe por quê não obstante os avanços na educação física na prática de esportes tais quais quais quais o tênis o futebol a corrida o ciclismo a natação a equitação a aviação a conação o tênis a camogia a patinação no gelo e no asfalto o tênis a aviação os esportes os esportes de inverno de verão de outono de outono o tênis na grama no saibro na terra batida a aviação o tênis o hóquei na terra no mar no ar a penicilina e seus sucedâneos numa palavra recomeço ao mesmo tempo paralelamente de novo não se sabe por quê não obstante o tênis recomeço a aviação o golfe o de nove e o de dezoito buracos o tênis no gelo numa palavra não se sabe por quê no Sena Sena-e-Oise Sena-e-Marne Marne-e-Oise a saber ao mesmo tempo paralelamente não se sabe por quê está perdendo peso e encolhendo recomeço Oise e Marne numa palavra a perda líquida per capita desde a morte de Voltaire sendo da ordem de por volta de duzentos grammas aproximadamente na média arredondando bem pesados e pelados na Normandia não se sabe por quê numa palavra enfim tanto faz fatos são fatos e considerando por outro lado o que é

ainda mais grave aquilo que se evidencia o que é ainda mais grave à luz de à luz das experiências em curso de Steinweg e Petermann o que se evidencia ainda mais grave se evidencia ainda mais grave à luz de à luz das experiências interrompidas de Steinweg e Petermann que nas planícies na montanha no litoral junto aos rios de água corrente fogo corrente o ar é o mesmo e a terra a saber o ar e a terra na grande glaciação o ar e a terra feitos de pedras na grande glaciação ai de mim no sétimo ano da sua era o éter a terra o mar feitos de pedras na grande escuridão na grande glaciação sobre o mar sobre a terra e pelos ares que pena recomeço não se sabe por quê não obstante o ténis fatos são fatos não se sabe por quê recomeço adiante numa palavra enfim ai de mim adiante feitos de pedras quem poria em dúvida recomeço mas não nos precipitemos recomeço a cabeça ao mesmo tempo paralelamente não se sabe por quê não obstante o ténis adiante a barba as labaredas as lágrimas as pedras tão azuis tão calmas ai de mim a cabeça a cabeça a cabeça a cabeça na Normandia não obstante o ténis os esforços interrompidos inacabados mais grave as pedras numa palavra recomeço ai de mim ai de mim interrompidos inacabados a cabeça a cabeça na Normandia não obstante o ténis a cabeça ai de mim as pedras Conard Conard... (*Confuso, Lucky deixa escapar ainda vociferações*) Ténis!... As pedras!... Tão calmas!... Conard!... Inacabadas!...

POZZO O chapéu!

Vladimir pega o chapéu de Lucky, que se cala e cai. Grande silêncio. Os vitoriosos ofegam.

ESTRAGON Estou vingado.

Vladimir observa o chapéu de Lucky, examina o interior com o olhar.

POZZO Me dê isto! (*Arranca o chapéu das mãos de Vladimir, atira-o por terra, sapatea em cima*) Assim ele nunca mais vai pensar.

VLADIMIR Mas ele não vai perder o rumo?

POZZO Eu dou o rumo. (*Cobre Lucky de pontapés*) De pé! Porco!

ESTRAGON Talvez tenha morrido.

VLADIMIR Vai acabar matando.

POZZO De pé! Carniça! (*Puxa a corda, Lucky escorrega um pouco. A Estragon e Vladimir*) Ajudem.

VLADIMIR Fazendo o quê?

POZZO Levantem!

Estragon e Vladimir põem Lucky em pé. Sustentam-no por um momento, depois soltam-no. Ele cai.

ESTRAGON Fez de propósito.

POZZO Têm que sustentá-lo. (*Pausa*) Vamos, vamos, levantem!

ESTRAGON Para mim já encheu.

VLADIMIR Vamos lá, pela última vez.

ESTRAGON Por quem ele nos toma?

VLADIMIR Vamos.

Levantam Lucky, sustentam-no.

POZZO Não o soltem! (*Estragon e Vladimir balançam*) Não se mexam! (*Pozzo vai pegar a mala e a cesta, trazendo-as em direção a Lucky*) Segurem bem! (*Coloca a mala na mão de Lucky, que a solta imediatamente*) Não soltem, não! (*Recomeça. Pouco a pouco, ao contato com a mala, Lucky volta a si e seus dedos acabam por se firmar, empunhando a alça*) Continuem segurando! (*Como antes, agora com a cesta*) Pronto, podem soltar. (*Estragon e Vladimir afastam-se de Lucky, que balança, se desequilibra, se verga, mas continua de pé, mala e cesta nas mãos. Pozzo recua, estala o chicote*)

Adiante! (*Lucky avança*) Para trás! (*Lucky recua*) Vire! (*Lucky se vira*) Resolvido, ele pode andar, (*voltando-se para Estragon e Vladimir*) obrigado, senhores, e permitam-me... (*vasculha os bolsos*) permitam-me desejar... (*vasculha*) desejar-lhes... (*vasculha*) desejar-lhes... (*vasculha*) Mas onde foi que enfiei meu relógio? (*vasculha*) Essa agora! (*Levanta a cabeça, desconcertado*) Um mecanismo de primeira e precisão de segundos, imaginem só. Foi papai quem me deu. (*Vasculha*) Talvez tenha caído no chão. (*Procura pelo chão, ajudado por Vladimir e Estragon. Pozzo desvira com o pé os restos do chapéu de Lucky*) Isto aqui, por exemplo.

VLADIMIR Veja se não está no bolsinho.

POZZO Esperem. (*Dobra-se, aproximando a cabeça da barriga, escuta*)

Não ouço nada. (*Faz sinal para que se aproximem*) Tentem vocês. (*Estragon e Vladimir se aproximam, inclinam-se sobre sua barriga. Silêncio*) Me parece que se deveria escutar o tique-taque.

VLADIMIR Silêncio!

Os três escutam, inclinados.

ESTRAGON Ouvi alguma coisa.

POZZO Onde?

VLADIMIR É o coração.

POZZO (*decepcionado*) Que merda!

VLADIMIR Silêncio!

Escutam.

ESTRAGON Talvez tenha parado.

Endireitam-se.

POZZO Qual de vocês fede assim?

ESTRAGON Ele tem mau hálito, eu, chulé.

POZZO Vou deixá-los.

ESTRAGON É o seu relógio?

POZZO Devo ter esquecido na mansão.

ESTRAGON Então, adeus.

POZZO Adeus.

VLADIMIR Adeus.

ESTRAGON Adeus.

Silêncio. Ninguém se move.

VLADIMIR Adeus.

POZZO Adeus.

ESTRAGON Adeus.

Silêncio.

POZZO E obrigado.

VLADIMIR Obrigado ao senhor.

POZZO Não por isto.

ESTRAGON Ah, sim.

POZZO Ah, não.

VLADIMIR Ah, sim.

ESTRAGON Ah, não.

Silêncio.

POZZO Não consigo... (*hesita*) partir.

ESTRAGON É a vida.

Pozzo se vira, distancia-se de Lucky, em direção à coxia, soltando a corda à medida que prossegue.

VLADIMIR Está indo na direção errada.

POZZO Preciso de um incentivo. (*Chega ao fim da corda, ou seja, à coxia, para, vira-se, grita*) Afastem-se! (*Estragon e Vladimir afastam-se para o fundo, olham para Pozzo. Estalo de chicote*)
Adiante! (*Lucky não se mexe*)

ESTRAGON Adiante!

VLADIMIR Adiante!

Barulho de chicote. Lucky põe-se em movimento.

POZZO Mais rápido! (*Sai da coxia, atravessa o palco seguindo Lucky. Estragon e Vladimir tiram o chapéu, acenam com a mão. Lucky sai. Pozzo faz estalar a corda e o chicote*) Mais rápido! Mais rápido! (*Quando está para desaparecer, Pozzo para e volta-se para trás. A corda se estica. Barulho de Lucky caindo*) Minha banqueta! (*Vladimir vai buscar a banqueta e a entrega a Pozzo que a atira para Lucky*) Adeus!

ESTRAGON, VLADIMIR (*acenando com a mão*) Adeus! Adeus!

POZZO De pé! Porco! (*Barulho de Lucky se levantando*) Adiante! (*Pozzo sai. Estalo de chicote*) Adiante! Adeus! Mais rápido! Porco! Eia! Adeus!

Silêncio.

VLADIMIR Ajudou a passar o tempo.

ESTRAGON Teria passado igual.

VLADIMIR É. Mas menos depressa.

Pausa.

ESTRAGON O que a gente faz agora?

VLADIMIR Não sei.

ESTRAGON Vamos embora.

VLADIMIR A gente não pode.

ESTRAGON Por quê?

VLADIMIR Estamos esperando Godot.

ESTRAGON É mesmo.

Pausa.

VLADIMIR Eles mudaram bastante.

ESTRAGON Quem?

VLADIMIR Aqueles dois.

ESTRAGON É isso! Vamos praticar conversação.

VLADIMIR Não é verdade que eles mudaram bastante?

ESTRAGON Muito provável. Todos mudam. Só nós é que nunca chegamos lá.

VLADIMIR Provável? É certo como o dia. Você prestou atenção neles?

ESTRAGON Devo ter prestado. Mas não os conheço.

VLADIMIR Conhece, é claro que conhece.

ESTRAGON Conheço nada.

VLADIMIR Nós dois conhecemos, vá por mim. Você esquece tudo.

(Pausa) A menos que não sejam os mesmos.

ESTRAGON Justo: por que não nos reconheceram?

VLADIMIR Isso não quer dizer nada. Eu mesmo fiz que não os reconheci. Além disso, ninguém nunca nos reconhece.

ESTRAGON Chega! O que a gente precisa... Ai! *(Vladimir não reage)* Ai!

VLADIMIR A menos que não sejam os mesmos.

ESTRAGON Didi! Agora é o outro pé! *(Vai mancando para o lugar em que estava sentado ao subir a cortina)*

VOZ NOS BASTIDORES Senhor!

Estragon para. Os dois olham na direção da voz.

ESTRAGON Lá vamos nós de novo!

VLADIMIR Venha cá, meu filho.

Entra um menino, assustado. Para.

MENINO Senhor Albert?

VLADIMIR Está falando com ele.

ESTRAGON O que você quer?

VLADIMIR Venha cá.

O menino não se mexe.

ESTRAGON Venha, estão mandando!

O menino avança receoso, para.

VLADIMIR O que você quer.

MENINO É o senhor Godot... (*Emudece*)

VLADIMIR Claro. (*Pausa*) Chegue mais perto.

O menino não se mexe.

ESTRAGON (*com ênfase*) Venha, estão mandando! (*O menino avança, receoso. Para*) Por que demorou tanto?

VLADIMIR Trouxe um recado do senhor Godot?

MENINO Trouxe, senhor.

VLADIMIR Tudo bem, pode falar.

ESTRAGON Por que demorou tanto?

O menino olha de um para o outro, sem saber o que responder.

VLADIMIR (*a Estragon*) Não amole o menino.

ESTRAGON (*a Vladimir*) Não me amole, você! (*Aproximando-se, ao menino*) Sabe que horas são?

MENINO (*recuando*) Não foi culpa minha, senhor!

ESTRAGON Foi minha, por acaso?

MENINO Fiquei com medo, senhor.

ESTRAGON Medo do quê? De nós? (*Pausa*) Desembuche!

VLADIMIR Já sei o que aconteceu. Assustou-se com os outros.

ESTRAGON Faz quanto tempo que você chegou?

MENINO Agora há pouco, senhor.

VLADIMIR Teve medo do chicote?

MENINO Foi, senhor.

VLADIMIR Dos gritos?

MENINO Foi, senhor.

VLADIMIR Dos dois cavalheiros?

MENINO Foi, senhor.

VLADIMIR Você os conhece?

MENINO Não, senhor.

VLADIMIR Você é daqui?

MENINO Sim, senhor.

ESTRAGON Que mentira! (*Pega o menino pelo braço, sacode-o*) Fale a verdade!

MENINO (*trêmulo*) Mas é verdade, senhor.

VLADIMIR Quer deixar o menino em paz. Qual é o seu problema? (*Estragon larga o menino, recua, leva as mãos ao rosto. Vladimir e o menino olham para ele. Estragon descobre o rosto, transtornado*) O que há com você?

ESTRAGON Sou infeliz.

VLADIMIR Não brinque! Faz tempo?

ESTRAGON Tinha esquecido.

VLADIMIR A memória faz das suas. (*Estragon quer falar, desiste, vai mancando sentar-se e começa a tirar as botas. Ao menino*) E então?

MENINO O senhor Godot...

VLADIMIR (*interrompendo*) Já vi você antes, não é?

MENINO Não sei, senhor.

VLADIMIR Você não me conhece?

MENINO Não, senhor.

VLADIMIR Não veio ontem?

MENINO Não, senhor.

VLADIMIR É a primeira vez que vem?

MENINO É, senhor.

Silêncio.

VLADIMIR Tudo conversa! (*Pausa*) Vá, continue.

MENINO (*de um jato*) O senhor Godot mandou dizer que não virá hoje à tarde mas virá amanhã com certeza.

VLADIMIR Só isso?

MENINO Só, senhor.

VLADIMIR Você trabalha para o senhor Godot?

MENINO Trabalho, senhor.

VLADIMIR Fazendo o quê?

MENINO Cuido das cabras, senhor.

VLADIMIR Ele é bom com você?

MENINO É, senhor.

VLADIMIR Não bate?

MENINO Em mim, não, senhor.

VLADIMIR Bate em quem, então?

MENINO No meu irmão, senhor.

VLADIMIR Ah, você tem um irmão?

MENINO Tenho, senhor.

VLADIMIR E o que ele faz?

MENINO Cuida das ovelhas, senhor.

VLADIMIR E por que ele não bate em você?

MENINO Não sei, senhor.

VLADIMIR Deve gostar de você.

MENINO Não sei, senhor.

VLADIMIR E a comida? (*O menino hesita*) Tem bastante comida?

MENINO O bastante, senhor.

VLADIMIR Você não é infeliz? (*O menino hesita*) Está ouvindo?

MENINO Sim, senhor.

VLADIMIR E então?

MENINO Não sei, senhor.

VLADIMIR Não sabe se é feliz ou não?

MENINO Não, senhor.

VLADIMIR Como eu. (*Pausa*) Onde você dorme?

MENINO No celeiro, senhor.

VLADIMIR Com o irmão?

MENINO Sim, senhor.

VLADIMIR Na palha?

MENINO Sim, senhor.

Pausa.

VLADIMIR Tudo bem, pode ir.

MENINO O que eu digo ao senhor Godot, senhor?

VLADIMIR Diga... *(hesita)* diga que nos viu. *(Pausa)* Você viu mesmo, não viu?

MENINO Sim, senhor. *(Recua, hesita, vira-se e sai correndo)*

A luz começa a diminuir bruscamente. Faz-se noite num instante. A lua nasce, ao fundo, sobe no céu, imobiliza-se, banhando o palco de uma claridade prateada.

VLADIMIR Finalmente! *(Estragon levanta-se, dirige-se a Vladimir, as duas botas na mão. Coloca-as junto à boca de cena, endireita-se e contempla a lua)* O que está fazendo?

ESTRAGON O mesmo que você, admirando a claridade.

VLADIMIR Não, com as botas.

ESTRAGON Vou deixá-las aqui. *(Pausa)* Alguém vai passar, parecido... igual... a mim, mas calçando menos, e vai ficar contente.

VLADIMIR Mas você não pode andar descalço.

ESTRAGON Jesus andava.

VLADIMIR Jesus! Olha só o que você está dizendo! Não vai querer se comparar a ele?

ESTRAGON A vida toda me comparei.

VLADIMIR Mas por lá fazia calor! Não chovia!

ESTRAGON É. E crucificavam rápido.

Silêncio.

VLADIMIR Não temos mais nada a fazer aqui. ESTRAGON Nem fora daqui.

VLADIMIR Deixe disso, Gogô, não fale assim. Amanhã vai ser outro dia.

ESTRAGON De que jeito?

VLADIMIR Você não ouviu o moleque?

ESTRAGON Não.

VLADIMIR Disse que Godot virá amanhã, com toda a certeza. *(Pausa)*

O que me diz disso?

ESTRAGON Então é só esperar aqui.

VLADIMIR Está maluco! Precisamos de abrigo. *(Toma Estragon pelo braço)* Venha. *(Puxa-o. Estragon deixa-se levar, depois resiste. Param)*

ESTRAGON *(olhando para a árvore)* Pena que não temos um pedaço de corda.

VLADIMIR Venha. Está esfriando. *(Puxa Estragon. Como antes)*

ESTRAGON Me lembre de trazer uma corda amanhã.

VLADIMIR Está certo. Venha. *(Puxa Estragon. Como antes)*

ESTRAGON Há quanto tempo estamos juntos o tempo todo?

VLADIMIR Não sei. Uns cinquenta anos, eu acho.

ESTRAGON Lembra do dia em que me atirei no Reno?

VLADIMIR Na colheita das uvas.

ESTRAGON Você me pescou de volta.

VLADIMIR Tudo isso está morto e enterrado.

ESTRAGON Minhas roupas secaram ao sol.

VLADIMIR Deixe isso para lá, sim? Vamos. *(Como antes)*

ESTRAGON Espere.

VLADIMIR Estou com frio.

ESTRAGON Fico me perguntando se não devíamos ter ficado sozinhos, cada um por si. *(Pausa)* Não fomos feitos para a mesma estrada.

VLADIMIR *(sem se zangar)* Não dá para ter certeza.

ESTRAGON Não, não se tem certeza de nada.

VLADIMIR Ainda podemos nos separar, se você achar melhor.

ESTRAGON Agora não vale mais a pena.

Silêncio.

VLADIMIR É mesmo. Agora não vale mais a pena.

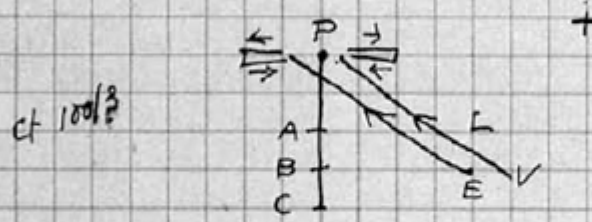
Silêncio.

ESTRAGON Então, vamos embora?

VLADIMIR Vamos lá.

Não se mexem.

Cortina.



TRIO

after	ich bin blind	steh stagger
"	denn Freunde	fall "
"	spät ist es	less "
"	moment schwankte	full "
"	Katzen den	less "
"	früher als gestern	stop "
"	ich gehe	full "
"	das ablenkung nennt	less "
"	Er stinkt so	P greifs V with RH
"	die augen nicht von mir	V/P to E/L

ich frage sie, ob es
ganz auf einmal gekom-
men ist

Before	Sind sie keine Räube	short break
"	lassen sie mich nicht allein	" "
"	wie spät ist es	" "
"	sie sagten etc	" "
"	wo sind wir es	" "
"	wo ist mein Kuchel	" "
"	was ist eigentlich passiert	" "

Unrealität

SEGUNDO ATO

Dia seguinte. Mesma hora. Mesmo lugar.

Botas de Estragon no centro, à frente, saltos colados, pontas separadas. Chapéu de Lucky no mesmo lugar.

Algumas folhas na árvore.

Entra Vladimir, com vivacidade. Para e observa longamente a árvore. Em seguida, num repente, põe-se a cruzar o palco, frenético, em todas as direções. Para mais uma vez em frente às botas, abaixa-se, toma um dos pés, examina-o, cheira-o, recoloca-o cuidadosamente em seu lugar. Retoma o vaivém agitado. Para junto à coxa à esquerda, olha longamente ao longe, a mão aberta sobre a testa. Vai e vem. Para junto à coxa à direita, como antes. Vai e vem. Para subitamente, junta as mãos sobre o peito, joga a cabeça para trás e põe-se a cantar a plenos pulmões.

VLADIMIR Um cão foi...

(Tendo começado baixo demais, para, tosse, recomeça mais alto)

Um cão foi à cozinha
Roubar pão e chouriço.
O chefe e um colherão
Deram-lhe fim e sumiço

Outros cães, tudo assistindo,
O companheiro enterraram...

(Para, breve ensimesmamento, depois continua)

Outros cães, tudo assistindo,
O companheiro enterraram,
Sob uma cruz que dizia

Aos demais que ali passavam:

Um cão foi à cozinha
Roubar pão e chouriço.
O chefe e um colherão
Deram-lhe fim e sumiço.

Outros cães, tudo assistindo,
O companheiro enterraram,

(Para. Como antes)

Outros cães, tudo assistindo,
O companheiro enterraram...

(Para. Como antes. Mais baixo)

O companheiro enterraram...

Cala-se, permanece imóvel por um momento, depois volta a cruzar o palco, frenético, em todas as direções. Para de novo em frente à árvore, vai e vem, para em frente às botas, vai e vem, junto à coxia à esquerda, olhar ao longe, junto à coxia à direita, olhar ao longe. Neste momento, Estragon entra pela esquerda, pés descalços, cabeça baixa e atravessa lentamente o palco. Vladimir vira-se e o vê.

VLADIMIR Você de novo! *(Estragon para, mas não levanta a cabeça.*

Vladimir vai em sua direção) Venha que lhe dou um abraço!

ESTRAGON Não me toque!

Vladimir suspende o arroubo, magoado. Silêncio.

VLADIMIR Quer que eu vá embora? *(Pausa)* Gogô! *(Pausa. Vladimir examina-o com atenção)* Eles bateram em você? *(Pausa)* Gogô!

(Estragon mantém-se calado, cabeça baixa) Onde passou a noite?
(Silêncio. Vladimir avança)

ESTRAGON Não me toque! Não pergunte nada! Não fale nada! Fique comigo!

VLADIMIR E eu alguma vez deixei você?

ESTRAGON Me deixou partir.

VLADIMIR Olhe para mim! *(Estragon não se move. Com violência)* Quer olhar para mim, por favor!

Estragon levanta a cabeça. Olham-se longamente, afastando-se, chegando mais perto e balançando a cabeça, como diante de um objeto de arte, tendendo cada vez mais um em direção ao outro, até que se abraçam, com tapinhas nas costas. Separam-se. Sem o apoio, Estragon quase cai.

ESTRAGON Que dia!

VLADIMIR Quem espancou você? Diga para mim.

ESTRAGON Mais um longo dia que se foi.

VLADIMIR Não ainda.

ESTRAGON Para mim, já acabou, aconteça o que acontecer. *(Silêncio)*
Agora há pouco, você estava cantando, eu ouvi.

VLADIMIR Verdade, lembro bem.

ESTRAGON Acabou comigo. Pensei, está sozinho, imagina que fui embora para sempre, e ele canta.

VLADIMIR Ninguém é dono do seu humor. Me senti ótimo o dia inteiro. *(Pausa)* Não tive que levantar à noite, nem uma vez.

ESTRAGON *(triste)* Está vendo? Mija melhor quando eu não estou.

VLADIMIR Senti sua falta... e ao mesmo tempo estava contente. Não é engraçado?

ESTRAGON *(chocado)* Contente!

VLADIMIR *(depois de refletir)* Talvez não seja a palavra certa.

ESTRAGON E agora?

VLADIMIR (*depois de refletir*) Agora... (*feliz*) aqui está você... (*neutro*) aqui estamos nós... (*triste*) aqui estou eu.

ESTRAGON Está vendo? Se sente pior quando estou aqui. Eu também, me sinto melhor sozinho.

VLADIMIR (*ofendido*) Então por que sempre volta?

ESTRAGON Não sei.

VLADIMIR Mas eu sei. Porque você não sabe se defender. Eu não teria deixado que batessem em você.

ESTRAGON Não conseguiria evitar.

VLADIMIR Por quê?

ESTRAGON Estavam em dez.

VLADIMIR Não, não, evitaria que se metesse em confusão.

ESTRAGON Não fiz nada.

VLADIMIR Então por que eles bateram?

ESTRAGON Não sei.

VLADIMIR Ah não, Gogô, há coisas que você não percebe e eu percebo. Você já deve ter reparado.

ESTRAGON Estou dizendo que não fiz nada.

VLADIMIR Talvez não. Mas a atitude? Quem tem amor à pele, não descuida da atitude. Mas chega de falar disso. Aqui está você, de volta, e eu estou bem contente.

ESTRAGON Estavam em dez.

VLADIMIR Você também, deve estar contente lá no fundo, confesse.

ESTRAGON Contente por quê?

VLADIMIR De me reencontrar.

ESTRAGON Você acha?

VLADIMIR Diga, mesmo que não seja verdade.

ESTRAGON O que quer que eu diga?

VLADIMIR Diga: estou contente.

ESTRAGON Estou contente.

VLADIMIR Eu também.

ESTRAGON Eu também.

VLADIMIR Estamos contentes.

ESTRAGON Estamos contentes. (*Silêncio*) O que vamos fazer agora que estamos contentes?

VLADIMIR Esperar Godot.

ESTRAGON É mesmo.

Silêncio.

VLADIMIR As coisas mudaram por aqui, de ontem para hoje.

ESTRAGON E se ele não vier?

VLADIMIR (*depois de um momento de espanto*) Aí a gente decide. (*Pausa*) Estava dizendo que as coisas mudaram por aqui, de ontem para hoje.

ESTRAGON Tudo escoa.

VLADIMIR Repare bem na árvore.

ESTRAGON Nunca se desce duas vezes pelo mesmo pus.

VLADIMIR A árvore, preste atenção na árvore.

Estragon olha para a árvore.

ESTRAGON Não estava aí ontem?

VLADIMIR Claro que estava. Esqueceu? Estivemos a ponto de nos enforcarmos nela. (*Pensa*) É, é assim mesmo. (*Separando as sílabas*) En-for-car-mos-ne-la. Mas você não quis. Não está lembrado?

ESTRAGON Você sonhou.

VLADIMIR Será possível que já tenha esquecido?

ESTRAGON Comigo é assim mesmo. Ou esqueço na hora ou nunca mais.

VLADIMIR E Pozzo e Lucky? Esqueceu também?

ESTRAGON Pozzo e Lucky?

VLADIMIR Ele apagou tudo!

ESTRAGON Lembro de um doido que me cobriu de pontapés e depois se fez de tonto.

VLADIMIR É o Lucky!

ESTRAGON É, desse eu lembro. Mas quando foi?

VLADIMIR E do outro, o que estava puxando, você não lembra?

ESTRAGON Me deu uns ossos.

VLADIMIR É o Pozzo!

ESTRAGON E você disse que foi ontem, a coisa toda?

VLADIMIR Sem dúvida.

ESTRAGON Aqui mesmo?

VLADIMIR Mas é claro, que ideia! Não está reconhecendo?

ESTRAGON (*repentinamente furioso*) Reconhecendo! Reconhecendo o quê? Passei minha vida de merda rastejando nesta lama e você vem me falar de nuances! (*Olha ao redor*) Repare bem nessa imundície! Nunca pus os pés fora daqui!

VLADIMIR Calma, calma.

ESTRAGON Então me deixe em paz com as suas paisagens! Debaixo da terra, é o que me interessa!

VLADIMIR Ainda assim, não vá me dizer que isto (*gesto*) se parece com a região de Macon! É muito, muito diferente.

ESTRAGON Macon! Quem falou em Macon?

VLADIMIR Mas você andou por aqueles lados, nas redondezas, não foi?

ESTRAGON Nunca, jamais pus os pés em Macon. A minha vida de merda foi toda cagada neste buraco, em Cacon!

VLADIMIR E no entanto estivemos juntos em Macon, ponho minha mão no fogo. Colhemos uvas, isso, no vinhedo de... (*estala os dedos*) está na ponta da língua... numa cidadezinha chamada... esqueci o nome do lugar, não lembra?

ESTRAGON (*mais calmo*) Pode ser. Não notei nada de especial.

VLADIMIR Mas por lá tudo é vermelho!

ESTRAGON (*exasperado*) Estou dizendo que não notei nada de especial!

Silêncio. Vladimir suspira profundamente.

VLADIMIR É difícil conviver com você, Gogô.

ESTRAGON Seria melhor a gente se separar.

VLADIMIR Você sempre diz isto. E sempre volta.

Silêncio.

ESTRAGON Para fazer direito, seria preciso me matarem, como o outro.

VLADIMIR Que outro? (*Pausa*) Que outro?

ESTRAGON Como bilhões de outros.

VLADIMIR (*sentencioso*) A cada um sua pequena cruz. (*Suspira*) Um piscar de olhos e um rápido adeus.

ESTRAGON Enquanto esperamos, vamos tratar de conversar com calma, já que calados não conseguimos ficar.

VLADIMIR É verdade, somos inesgotáveis.

ESTRAGON Para não pensar.

VLADIMIR Temos nossas desculpas.

ESTRAGON Para não ouvir.

VLADIMIR Temos nossas razões.

ESTRAGON Todas as vozes mortas.

VLADIMIR Um rumor de asas.

ESTRAGON De folhas.

VLADIMIR De areia.

ESTRAGON De folhas.

Silêncio.

VLADIMIR Falam todas ao mesmo tempo.

ESTRAGON Cada uma consigo própria.

Silêncio.

VLADIMIR Melhor, cochicham.

ESTRAGON Murmuram.

VLADIMIR Sussurram.

ESTRAGON Murmuram.

Silêncio.

VLADIMIR E falam do quê?

ESTRAGON Da vida que viveram.

VLADIMIR Não foi o bastante terem vivido.

ESTRAGON Precisam falar.

VLADIMIR Não lhes basta estarem mortas.

ESTRAGON Não é o bastante.

Silêncio.

VLADIMIR Como o ruflar de plumas.

ESTRAGON De folhas.

VLADIMIR De cinzas.

ESTRAGON De folhas.

Longo silêncio.

VLADIMIR Diga alguma coisa.

ESTRAGON Estou tentando.

Longo silêncio.

VLADIMIR (*angustiado*) Diga qualquer coisa!

ESTRAGON O que vamos fazer agora?

VLADIMIR Estamos esperando Godot.

ESTRAGON É mesmo.

Silêncio.

VLADIMIR Como é difícil!

ESTRAGON E se você cantasse?

VLADIMIR Ah, não. (*Pensa*) Só temos que recomeçar.

ESTRAGON É, não parece muito complicado.

VLADIMIR O primeiro passo é o mais difícil.

ESTRAGON Podemos começar de qualquer parte.

VLADIMIR Podemos, mas temos que decidir.

ESTRAGON É mesmo.

Silêncio.

VLADIMIR Me ajude!

ESTRAGON Estou me esforçando.

Silêncio.

VLADIMIR Quem faz força, escuta.

ESTRAGON É verdade.

VLADIMIR E fica difícil de encontrar.

ESTRAGON Isso!

VLADIMIR De pensar.

ESTRAGON Mas a gente pensa, ainda assim.

VLADIMIR Pensa nada, é impossível.

ESTRAGON Já sei! Vamos nos contradizer.

VLADIMIR Impossível.

ESTRAGON Você acha?

VLADIMIR Não corremos mais o risco de pensar.

ESTRAGON Então do que estamos reclamando?

VLADIMIR Pensar não é o pior.

ESTRAGON Claro que não, claro que não, mas já é alguma coisa.

VLADIMIR Como assim, já é alguma coisa?

ESTRAGON Boa ideia, vamos fazer perguntas.

VLADIMIR Que você quer dizer com isso?

ESTRAGON Já é alguma coisa ficar livre disso.

VLADIMIR De fato.

ESTRAGON E então? O que acha de repassarmos nossas bênçãos?

VLADIMIR O terrível é já ter pensado um dia.

ESTRAGON Mas será o nosso caso?

VLADIMIR De onde vêm todos esses cadáveres?

ESTRAGON Essas ossadas.

VLADIMIR Isso!

ESTRAGON De fato.

VLADIMIR Devemos ter pensado um pouco.

ESTRAGON Bem no princípio.

VLADIMIR Um ossário, um ossário.

ESTRAGON Basta não olhar.

VLADIMIR Mas atrai a visão.

ESTRAGON É verdade.

VLADIMIR Mesmo que tenhamos.

ESTRAGON Como?

VLADIMIR Mesmo que tenhamos.

ESTRAGON Devíamos ter mergulhado profundamente na Natureza.

VLADIMIR Tentamos.

ESTRAGON É verdade.

VLADIMIR Ah, com certeza, não é o pior.

ESTRAGON Pior, o quê?

VLADIMIR Ter pensado.

ESTRAGON De fato.

VLADIMIR Mas podíamos ter passado sem essa.

ESTRAGON O que você queria?

VLADIMIR Eu sei, eu sei.

Silêncio.

ESTRAGON Não foi tão mal como contracena.

VLADIMIR É, mas agora precisamos de alguma coisa nova.

ESTRAGON Deixe ver.

VLADIMIR Deixe ver.

ESTRAGON Deixe eu ver.

Refletem.

VLADIMIR O que eu estava dizendo? Podíamos retomar dali.

ESTRAGON Quando?

VLADIMIR Bem no começo.

ESTRAGON Começo do quê?

VLADIMIR Hoje à tarde. Dizia... dizia...

ESTRAGON Assim é exigir demais de mim, pode acreditar.

VLADIMIR Espere... teve o abraço... estávamos contentes... contentes... que fazer agora que estamos contentes... esperamos... deixe ver... estou quase lembrando... agora que estamos contentes... esperamos... deixa ver... isso! A árvore!

ESTRAGON A árvore?

VLADIMIR Você não lembra?

ESTRAGON Estou cansado.

VLADIMIR Repare nela.

Estragon olha para a árvore.

ESTRAGON Não estou vendo nada.

VLADIMIR Ontem à tarde, estava completamente seca, esquelética! E hoje, está coberta de folhas.

ESTRAGON De folhas!

VLADIMIR Da noite para o dia!

ESTRAGON Deve ser primavera.

VLADIMIR Mas da noite para o dia?

ESTRAGON Estou dizendo que não estávamos aqui ontem à tarde. Você teve um pesadelo.

VLADIMIR E, na sua opinião, onde estávamos ontem à tarde?

ESTRAGON Não sei. Em outro lugar. Noutro compartimento. Vazio é que não falta.

VLADIMIR (*seguro de si*) Tudo bem. Não estávamos aqui ontem à tarde. Então diga o que fizemos ontem à tarde?

ESTRAGON O que nós fizemos?

VLADIMIR Tente se lembrar.

ESTRAGON Bom... acho que jogamos conversa fora.

VLADIMIR (*se controlando*) Sobre o quê?

ESTRAGON Ah... isto e aquilo... sobre as botas. (*Com certeza*) Isso, me lembrei, ontem à tarde ficamos falando das botas. A mesma conversa, há cinquenta anos.

VLADIMIR Não lembra de nada que aconteceu, nenhuma circunstância?

ESTRAGON (*cansado*) Chega de me torturar, Didi.

VLADIMIR E do Sol? Da Lua? Não lembra?

ESTRAGON Deviam estar por perto, como sempre.

VLADIMIR Não notou nada de insólito?

ESTRAGON Ai de mim!

VLADIMIR E o Pozzo? E o Lucky?

ESTRAGON Pozzo?

VLADIMIR Os ossos.

ESTRAGON Pareciam de peixe.

VLADIMIR Foi Pozzo quem deu.

ESTRAGON Não sei.

VLADIMIR E o pontapé?

ESTRAGON O pontapé? É verdade, me cobriram de pontapés.

VLADIMIR Foi Lucky quem deu.

ESTRAGON Tudo isso foi ontem?

VLADIMIR Deixe ver sua perna.

ESTRAGON Qual delas?

VLADIMIR As duas. Arregace a calça. (*Apoiado num pé, Estragon estende a perna na direção de Vladimir, quase cai. Vladimir toma-lhe a perna. Estragon balança*) Arregace a calça.

ESTRAGON (*titubeando*) Não consigo.

Vladimir arregaça a calça, examina e larga a perna. Estragon quase cai.

VLADIMIR Agora a outra. (*Estragon estende a mesma perna*) A outra, eu disse! (*Como antes, agora com a outra perna*) Olhe a ferida, quase infeccionando.

ESTRAGON E daí?

VLADIMIR Cadê suas botas?

ESTRAGON Devo ter jogado por aí.

VLADIMIR Quando?

ESTRAGON Não sei.

VLADIMIR Por quê?

ESTRAGON Não me lembro.

VLADIMIR Não é isso, quero saber por que você as jogou por aí.

ESTRAGON Estavam me machucando.

VLADIMIR (*mostrando as botas*) Aqui estão. (*Estragon olha para as botas*) No mesmo lugar em que você as deixou ontem à tarde.

Estragon vai até as botas, inclina-se, examina-as de perto.

ESTRAGON Não são as minhas.

VLADIMIR Não são as suas!

ESTRAGON As minhas eram pretas. Estas são amarelas.

VLADIMIR Tem certeza de que as suas eram pretas?

ESTRAGON Quer dizer, eram cinza.

VLADIMIR E estas são amarelas? Deixe ver.

ESTRAGON (*erguendo uma das botas*) Enfim, meio esverdeadas.

VLADIMIR (*avançando*) Deixe ver. (*Estragon entrega-lhe a bota. Vladimir a examina, atirando-a com raiva*) Essa agora!

ESTRAGON Percebe? Tudo isso é muito...

VLADIMIR Ah, já sei! Entendi o que aconteceu.

ESTRAGON Tudo isso é muito...

VLADIMIR Claro como o dia. Alguém levou as suas e deixou as dele.

ESTRAGON Por quê?

VLADIMIR As dele não serviam mais. Então pegou as suas.

ESTRAGON Mas as minhas estavam apertadas.

VLADIMIR Para você. Não para ele.

ESTRAGON Estou cansado. *(Pausa)* Vamos embora.

VLADIMIR A gente não pode.

ESTRAGON Por quê?

VLADIMIR Estamos esperando Godot.

ESTRAGON É mesmo. *(Pausa)* O que vamos fazer, então?

VLADIMIR Não há nada a fazer.

ESTRAGON Mas não aguento mais.

VLADIMIR Quer um rabanete?

ESTRAGON Só tem isso?

VLADIMIR Tem rabanete e nabo.

ESTRAGON E cenoura, não tem mais?

VLADIMIR Não. Além disso, você abusa das cenouras.

ESTRAGON Então, me dê um rabanete. *(Vladimir vasculha os bolsos, só encontra nabos, finalmente acha um rabanete e o entrega a Estragon, que o examina, cheira)* Mas é preto!

VLADIMIR É um rabanete.

ESTRAGON Só gosto dos rosados, você está cansado de saber!

VLADIMIR Você não quer?

ESTRAGON Só gosto dos rosados!

VLADIMIR Então devolva.

Estragon entrega o rabanete.

ESTRAGON Vou procurar uma cenoura.

Não se move.

VLADIMIR Isto está cada vez mais insignificante.

ESTRAGON Não o suficiente. Ainda.

Silêncio.

VLADIMIR E se você experimentasse?

ESTRAGON Já tentei de tudo.

VLADIMIR As botas, quero dizer.

ESTRAGON Acha que devo?

VLADIMIR Ajuda a passar o tempo. (*Estragon hesita*) Garanto que será uma diversão.

ESTRAGON Um desenfado.

VLADIMIR Uma distração.

ESTRAGON Um desenfado.

VLADIMIR Experimente.

ESTRAGON Você me ajuda?

VLADIMIR Mas é claro!

ESTRAGON Até que a gente se vira, não é, Didi, os dois juntos?

VLADIMIR É sim, é sim. Venha, primeiro o esquerdo.

ESTRAGON Estamos sempre achando alguma coisa, não é, Didi, para dar a impressão de que existimos?

VLADIMIR (*impaciente*) É, é mesmo, somos mágicos. Mas não vamos nos desviar. (*Pega uma bota*) Venha, me dê o pé. (*Estragon aproxima-se, levanta o pé*) O outro, porco! (*Estragon levanta o outro pé*) Mais alto! (*Corpos emaranhados, cambaleiam pelo palco, Vladimir consegue finalmente calçar-lhe a bota*) Tente andar um pouco. (*Estragon anda*) E então?

ESTRAGON Serviu.

VLADIMIR (*pegando barbante no bolso*) Vamos amarrar.

ESTRAGON (*com veemência*) Nada disso, nada de laços, nada de laços!

VLADIMIR Vai se arrepender. Agora o outro. (*Como antes*) E então?

ESTRAGON Serviu também.

VLADIMIR Não estão apertando?

ESTRAGON (*dando alguns passos calcados*) Não ainda.

VLADIMIR Então pode ficar com elas.

ESTRAGON São grandes demais.

VLADIMIR Quem sabe, algum dia, você consiga umas meias.

ESTRAGON É mesmo.

VLADIMIR Vai ficar com elas, então?

ESTRAGON Chega de falar de botas.

VLADIMIR Tudo bem, mas...

ESTRAGON Chega! (*Silêncio*) Acho que vou me sentar assim mesmo.

Procura com os olhos onde se sentar, depois vai sentar-se no lugar em que estava sentado no princípio do primeiro ato.

VLADIMIR Era aí que você estava sentado ontem à tarde.

Silêncio.

ESTRAGON Se conseguisse dormir.

VLADIMIR Ontem à tarde, você dormiu.

ESTRAGON Vou tentar.

Coloca-se em posição fetal, cabeça entre as pernas.

VLADIMIR Espere. (*Aproxima-se de Estragon e começa a cantar alto*)

La la la la

ESTRAGON (*levantando a cabeça*) Não tão alto!

VLADIMIR (*mais baixo*)

La la la la

La la la la

La la la la

La la ...

Estragon adormece. Vladimir tira o paletó e cobre-lhe os ombros, depois põe-se a andar de uma extremidade à outra, esfregando os braços para se aquecer. Estragon acorda sobressaltado, levanta-se, dá alguns passos apressados. Vladimir corre até ele, passa-lhe o braço ao redor.

VLADIMIR Pronto... pronto... estou aqui... não tenha medo.

ESTRAGON Ah!

VLADIMIR Pronto... pronto... Acabou.

ESTRAGON Estava caindo.

VLADIMIR Acabou. Não pense mais nisso.

ESTRAGON Estava em cima de um...

VLADIMIR Não, não, não diga mais nada. Venha, vamos andar um pouco.

Toma Estragon pelo braço e faz que ande de uma extremidade à outra, até que Estragon se recusa a continuar.

ESTRAGON Chega! Estou cansado.

VLADIMIR Prefere ficar plantado aí, sem fazer nada?

ESTRAGON Prefiro.

VLADIMIR A escolha é sua.

Solta Estragon, vai pegar o paletó e o veste.

ESTRAGON Vamos embora.

VLADIMIR A gente não pode.

ESTRAGON Por quê?

VLADIMIR Estamos esperando Godot.

ESTRAGON É mesmo. (*Vladimir retoma o seu vaivém*) Não dá para você ficar parado?

VLADIMIR Estou com frio.

ESTRAGON Chegamos cedo demais.

VLADIMIR É sempre ao cair da noite.

ESTRAGON Mas a noite não vem.

VLADIMIR Vai cair de uma vez só, como ontem.

ESTRAGON E então será noite.

VLADIMIR E poderemos ir embora.

ESTRAGON E então será dia mais uma vez. (*Pausa*) O que fazer, o que fazer?

VLADIMIR (*parando de andar, com violência*) Quer parar com essa ladainha? Estou até aqui do seu choramingo.

ESTRAGON Vou embora.

VLADIMIR (*notando o chapéu de Lucky*) Olhe!

ESTRAGON Adeus.

VLADIMIR O chapéu de Lucky! (*Aproxima-se*) Estou aqui já faz uma hora e não tinha visto! (*Muito contente*) Excelente!

ESTRAGON Nunca mais vai me ver.

VLADIMIR Então não me enganei de lugar. Podemos ficar tranquilos. (*Pega o chapéu de Lucky, contempla-o, endireita-o*) Deve ter sido um belo chapéu. (*Coloca-o no lugar do seu, que estende a Estragon*) Tome.

ESTRAGON Quê?

VLADIMIR Segure isto para mim.

Estragon pega o chapéu de Vladimir. Vladimir arruma com as duas mãos o chapéu de Lucky. Estragon coloca o chapéu de Vladimir no lugar do seu, que estende a Vladimir. Vladimir pega o chapéu de

Estragon. Estragon arruma com as duas mãos o chapéu de Vladimir. Vladimir coloca o chapéu de Estragon no lugar do chapéu de Lucky, que estende a Estragon. Estragon pega o chapéu de Lucky. Vladimir arruma com as duas mãos o chapéu de Estragon. Estragon coloca o chapéu de Lucky no lugar do chapéu de Vladimir, que estende a Vladimir. Vladimir pega o seu chapéu. Estragon arruma com as duas mãos o chapéu de Lucky. Vladimir coloca o seu chapéu no lugar do chapéu de Estragon, que estende a Estragon. Estragon pega o seu chapéu. Vladimir arruma o seu chapéu com as duas mãos. Estragon coloca o seu chapéu no lugar do chapéu de Lucky, que estende a Vladimir. Vladimir pega o chapéu de Lucky. Estragon arruma o seu chapéu com as duas mãos. Vladimir coloca o chapéu de Lucky no lugar do seu, que estende a Estragon. Estragon pega o chapéu de Vladimir. Vladimir arruma o chapéu de Lucky com as duas mãos. Estragon estende o chapéu de Vladimir a Vladimir, que o pega e o estende a Estragon, que o pega e o estende a Vladimir, que o pega e o joga longe. Toda passagem numa movimentação frenética.

VLADIMIR Ficou bom?

ESTRAGON Não sei.

VLADIMIR Não, mas fica bem em mim?

Vira a cabeça para lá e para cá, vaidoso, atitude de modelo.

ESTRAGON Horrroso.

VLADIMIR Mas não mais do que de hábito?

ESTRAGON A mesma coisa.

VLADIMIR Então vou ficar com ele. O meu me incomodava. *(Pausa)*

Como explicar? (Pausa) Arranhava.

ESTRAGON Vou embora.

VLADIMIR Não quer representar?

ESTRAGON Representar o quê?

VLADIMIR Podíamos nos fazer de Pozzo e Lucky.

ESTRAGON Não conheço.

VLADIMIR Eu sou o Lucky, você, o Pozzo. (*Assume atitude de Lucky, vergado sob o peso da bagagem. Estragon observa-o, estupefato*) Sua vez.

ESTRAGON O que é que eu tenho que fazer?

VLADIMIR Me xingue!

ESTRAGON Nojento!

VLADIMIR Melhore!

ESTRAGON Canalha! Escroto!

Vladimir avança, recua, sempre vergado.

VLADIMIR Me mande pensar.

ESTRAGON O quê?

VLADIMIR Diga: pense, porco!

ESTRAGON Pense, porco!

Silêncio.

VLADIMIR Não consigo.

ESTRAGON Chega!

VLADIMIR Me mande dançar.

ESTRAGON Vou embora.

VLADIMIR Dance, porco! (*Se contorce no mesmo lugar, Estragon sai precipitadamente*) Não consigo! (*Levanta a cabeça, vê que Estragon não está mais lá, solta um grito agudo*) Gogô! (*Silêncio. Põe-se a cruzar o palco quase correndo. Estragon entra precipitadamente, sem fôlego, corre em direção a Vladimir. Param a poucos passos um do outro*) Você voltou, finalmente!

ESTRAGON (*ofegando*) Isso aqui é o inferno!

VLADIMIR Aonde você foi? Pensei que tivesse partido para sempre.

ESTRAGON Até a beira do aclave. Estão vindo.

VLADIMIR Quem?

ESTRAGON Não sei.

VLADIMIR Quantos?

ESTRAGON Não sei.

VLADIMIR *(triumfal)* É Godot! Enfim! *(Abraça Estragon com efusão)* Gogô! É Godot! Estamos salvos! Vamos a seu encontro! Vem! *(Puxa Estragon em direção à coxia. Estragon resiste, solta-se, sai correndo na direção oposta)* Gogô! Volte! *(Silêncio. Vladimir corre até a coxia onde Estragon acaba de entrar, olha ao longe. Estragon entra precipitadamente, corre em direção a Vladimir que se vira)* Você voltou, de novo!

ESTRAGON Aqui é o inferno!

VLADIMIR Foi muito longe?

ESTRAGON Até a beira do aclave.

VLADIMIR De fato, estamos num platô. Não há dúvida, servidos num platô.

ESTRAGON Estão vindo de lá também.

VLADIMIR Estamos cercados! *(Transtornado, Estragon precipita-se em direção ao fundo, bate e cai)* Imbecil! Não tem saída por aqui. *(Vladimir vai ajudá-lo a levantar, leva-o até a boca da cena. Gesto em direção ao público)* Aqui não tem ninguém. Corra, por aqui. Ande! *(Empurra-o em direção ao fosso. Estragon recua apavorado)* O que houve? Não quer? Compreensível. *(Reflete)* O único jeito é desaparecer.

ESTRAGON Onde?

VLADIMIR Atrás da árvore. *(Estragon hesita)* Rápido! Atrás da árvore! *(Estragon corre para trás da árvore, que o esconde apenas parcialmente)* Não se mexa! *(Estragon sai de trás da árvore)*

Decididamente esta árvore não vai nos servir para nada. (*A Estragon*) Ficou maluco?

ESTRAGON (*mais calmo*) Perdi a cabeça. (*Abaixa a cabeça, envergonhado*) Desculpe! (*Endireita a cabeça, orgulhoso*) Passou! Não vai acontecer de novo. Diga o que eu devo fazer.

VLADIMIR Não há nada a fazer.

ESTRAGON Você fica bem ali. (*Leva Vladimir até a coxa à esquerda, voltando-o para o caminho, de costas para o palco*) Aí, não se mexa e fique de olhos abertos. (*Corre para a coxa oposta. Vladimir olha por sobre o ombro. Estragon para, olha ao longe, vira-se. Os dois olham por sobre o ombro*) Um de costas para o outro, como nos velhos tempos! (*Continuam a se olhar por um instante, retomando a vigilância em seguida. Longo silêncio*) Você não está vendo nada?

VLADIMIR (*virando-se*) O quê?

ESTRAGON (*mais alto*) Você não está vendo nada?

VLADIMIR Não.

ESTRAGON Nem eu.

Continuam a vigiar. Longo silêncio.

VLADIMIR Deve ter se enganado.

ESTRAGON (*virando-se*) O quê?

VLADIMIR (*mais alto*) Você deve ter se enganado.

ESTRAGON Não grite.

Continuam a vigiar. Longo silêncio.

VLADIMIR, ESTRAGON (*virando-se ao mesmo tempo*) Será que...

VLADIMIR Ah, desculpe!

ESTRAGON Pode falar.

VLADIMIR Primeiro você!

ESTRAGON Não, você primeiro!

VLADIMIR Interrompi você.

ESTRAGON Muito pelo contrário.

Olham-se com raiva.

VLADIMIR Chega de cerimônia.

ESTRAGON Chega de teimosia, cabeçudo.

VLADIMIR *(aos gritos)* Acabe de falar, estou mandando.

ESTRAGON *(mesmo tom)* Acabe você.

Silêncio. Vão em direção um ao outro, param.

VLADIMIR Miserável!

ESTRAGON Boa ideia, uma troca de insultos. *(Trocam xingamentos.*

Silêncio) Agora, reconciliação.

VLADIMIR Gogô!

ESTRAGON Didi!

VLADIMIR Sua mão!

ESTRAGON Tome!

VLADIMIR Dê cá um abraço!

ESTRAGON Abraço?

VLADIMIR *(abrindo os braços)* Apertado!

ESTRAGON Vamos lá.

Abraçam-se. Silêncio.

VLADIMIR Como o tempo passa quando a gente se diverte!

Silêncio.

ESTRAGON O que vamos fazer agora?

VLADIMIR Enquanto esperamos.

ESTRAGON Enquanto esperamos.

Silêncio.

VLADIMIR E se fizéssemos os exercícios?

ESTRAGON Os movimentos.

VLADIMIR De alongamento.

ESTRAGON De relaxamento.

VLADIMIR De circunflexão.

ESTRAGON De relaxamento.

VLADIMIR Para aquecer.

ESTRAGON Para distender.

VLADIMIR Vamos lá.

Começa a saltar. Estragon o imita.

ESTRAGON (*parando*) Chega. Estou cansado.

VLADIMIR Estamos fora de forma. Vamos respirar fundo, assim mesmo.

ESTRAGON Não quero mais respirar.

VLADIMIR Tem razão. (*Pausa*) Vamos fazer a árvore, ajuda no equilíbrio.

ESTRAGON A árvore?

Vladimir faz a árvore, tremendo.

VLADIMIR (*parando*) Sua vez.

Estragon faz a árvore, tremendo.

ESTRAGON Você acha que Deus está me vendo?

VLADIMIR Quem sabe fechando os olhos.

Estragon fecha os olhos, tremendo mais forte.

ESTRAGON (*parando, a plenos pulmões*) Deus tenha piedade de mim!

VLADIMIR (*vexado*) E de mim?

ESTRAGON (*como antes*) De mim! De mim! Piedade! De mim!

Entram Pozzo e Lucky. Pozzo ficou cego. Lucky sobrecarregado como no primeiro ato. Corda como no primeiro ato, mas muito mais curta, para permitir a Pozzo seguir com mais comodidade. Lucky usando um chapéu novo. Ao deparar-se com Vladimir e Estragon, estaca. Continuando a andar, Pozzo choca-se contra ele. Vladimir e Estragon recuam.

POZZO (*agarrando-se a Lucky, que se desequilibra com o peso extra*) O que houve? Quem gritou?

Lucky cai, derrubando tudo e levando Pozzo para o chão. Ficam estendidos, imóveis, em meio à bagagem.

ESTRAGON É Godot?

VLADIMIR Quase fomos a pique. (*Vai até o monte, seguido por Estragon*) Reforços, finalmente!

POZZO (*voz branca*) Socorro!

ESTRAGON É Godot?

VLADIMIR Quase entregamos os pontos, mas aqui está nosso fim de tarde assegurado.

POZZO Aqui!

ESTRAGON Ele precisa de ajuda.

VLADIMIR Não estamos mais sós, esperando a noite, esperando Godot, esperando – esperando. Lutamos a tarde inteira, com

nossos poucos recursos. Agora, acabou. Já é amanhã.

POZZO Aqui!

VLADIMIR O tempo voltou a fluir. O Sol vai se pôr, a Lua vai despontar e nós partiremos daqui!

POZZO Piedade!

VLADIMIR Pobre Pozzo!

ESTRAGON Tinha certeza de que era ele.

VLADIMIR Quem?

ESTRAGON Godot.

VLADIMIR Mas não é o Godot.

ESTRAGON Não é o Godot?

VLADIMIR Não é o Godot.

ESTRAGON Quem é, então?

VLADIMIR É o Pozzo.

POZZO Sou eu! Sou eu! Me ajudem a levantar!

VLADIMIR Não está conseguindo se levantar.

ESTRAGON Vamos embora.

VLADIMIR A gente não pode.

ESTRAGON Por quê?

VLADIMIR Estamos esperando Godot.

ESTRAGON É mesmo.

VLADIMIR Talvez ainda tenha uns ossos para você.

ESTRAGON Ossos?

VLADIMIR De galinha. Não está lembrado?

ESTRAGON Foi ele?

VLADIMIR Foi.

ESTRAGON Pergunte.

VLADIMIR Não seria melhor ajudá-lo primeiro?

ESTRAGON A fazer o quê?

VLADIMIR A se levantar.

ESTRAGON Ele não consegue se levantar?

VLADIMIR Ele quer se levantar.

ESTRAGON Então que se levante.

VLADIMIR Ele não consegue.

ESTRAGON Qual o problema dele?

VLADIMIR Não sei.

Pozzo se contorce, geme, bate no chão com os punhos.

ESTRAGON E se a gente pedisse os ossos primeiro? Se recusar, nós o deixamos aí.

VLADIMIR Quer dizer que ele está em nossas mãos?

ESTRAGON É.

VLADIMIR E que devemos impor condições a nossa boa ação?

ESTRAGON Isso.

VLADIMIR Parece bastante inteligente, de fato. Só uma coisa me inquieta.

ESTRAGON O quê?

VLADIMIR Que Lucky avance de repente. Estaríamos fodidos.

ESTRAGON Lucky?

VLADIMIR Foi ele que atacou ontem.

ESTRAGON Já disse que eram uns dez.

VLADIMIR Não, nada disso, antes, o dos pontapés.

ESTRAGON Está por perto?

VLADIMIR Na sua frente. (*Gesto*) Por enquanto, está inerte. Mas pode desembestar a qualquer momento.

ESTRAGON E se lhe aplicássemos um bom corretivo, nós dois?

VLADIMIR Quer dizer, pular no pescoço enquanto está dormindo?

ESTRAGON Isso.

VLADIMIR A ideia é boa. Mas será que somos capazes? E está mesmo dormindo? *(Pausa)* Não, o melhor é aproveitar que Pozzo está pedindo socorro, socorrê-lo, e contar com sua gratidão.

ESTRAGON Mas ele não...

VLADIMIR Não percamos tempo com palavras vazias. *(Pausa. Com veemência)* Façamos alguma coisa, enquanto há chance! Não é todo dia que precisam de nós. Ainda que, a bem da verdade, não seja exatamente de nós. Outros dariam conta do recado, tão bem quanto, senão melhor. O apelo que ouvimos se dirige antes a toda a humanidade. Mas neste lugar, neste momento, a humanidade somos nós, queiramos ou não. Aproveitemos enquanto é tempo. Representar dignamente, uma única vez que seja, a espécie a que estamos desgraçadamente atados pelo destino cruel. O que me diz? *(Estragon não fala nada)* Claro que, avaliando os prós e os contras, de cabeça fria, não chegamos a desmerecer a espécie. Veja o tigre, que se precipita em socorro de seus congêneres, sem a menor hesitação. Ou foge, salva sua pele, embrenhando-se no meio da mata. Mas não é esse o xis da questão. O que estamos fazendo aqui, essa é a questão. Foi-nos dada uma oportunidade de descobrir. Sim, dentro desta imensa confusão, apenas uma coisa está clara: estamos esperando que Godot venha.

ESTRAGON É mesmo.

VLADIMIR Ou que a noite caia. *(Pausa)* Estamos no lugar e hora marcados e ponto-final. Não somos santos, mas estamos no lugar e hora marcados. Quantos podem dizer o mesmo?

ESTRAGON Multidões.

VLADIMIR Você acha?

ESTRAGON Não sei.

VLADIMIR É possível.

POZZO Socorro!

VLADIMIR O certo é que o tempo custa a passar, nestas circunstâncias, e nos força a preenchê-lo com maquinações que, como dizer, que podem, à primeira vista, parecer razoáveis, mas às quais estamos habituados. Você dirá: talvez seja para impedir que nosso entendimento sucumba. Tem toda a razão. Mas já não estaria ele perdido na noite eterna e sombria dos abismos sem fim? É o que me pergunto, às vezes. Está acompanhando o raciocínio?

ESTRAGON Nascemos todos loucos. Alguns continuam.

POZZO Socorro, eu pago bem!

ESTRAGON Quanto?

POZZO Cem francos.

ESTRAGON É pouco.

VLADIMIR Não diria o mesmo.

ESTRAGON Não acha pouco?

VLADIMIR Não é isso, não iria a ponto de afirmar que não tinha meu juízo perfeito quando vim ao mundo. Mas a questão não é esta.

POZZO Duzentos.

VLADIMIR Estamos esperando. Estamos entediados. (*Levanta a mão*) Não, não me conteste, estamos tremendamente entediados, é inegável. Bom. Aparece uma diversão e o que nós fazemos? Deixamos apodrecer. Vamos, ao trabalho. (*Avança em direção a Pozzo, para*) Num instante, tudo se dissipará, estaremos sós mais uma vez, rodeados de solidão. (*Sonha*)

POZZO Duzentos!

VLADIMIR É para já.

Tenta levantar Pozzo, não consegue, tenta novamente, tropeça na bagagem, cai, tenta se levantar, não consegue.

ESTRAGON Qual é o problema de vocês todos?

VLADIMIR Socorro!

ESTRAGON Vou embora.

VLADIMIR Não me deixe! Vão me matar!

POZZO Onde estou?

VLADIMIR Gogô!

POZZO Piedade!

VLADIMIR Me ajude!

ESTRAGON Eu vou embora.

VLADIMIR Me ajude primeiro. Depois vamos juntos.

ESTRAGON Promete?

VLADIMIR Juro!

ESTRAGON E nunca mais voltamos?

VLADIMIR Nunca!

ESTRAGON Vamos para os Pireneus.

VLADIMIR Para onde você quiser.

POZZO Trezentos! Quatrocentos!

ESTRAGON Sempre tive vontade de conhecer os Pireneus.

VLADIMIR Vai conhecer.

ESTRAGON Quem peidou?

VLADIMIR Foi o Pozzo.

POZZO Aqui! Aqui! Piedade!

ESTRAGON Que nojo!

VLADIMIR Vamos! Rápido! Me dê a mão!

ESTRAGON Vou embora. (*Pausa. Mais alto*) Vou embora.

VLADIMIR No fim das contas, vou conseguir me levantar sozinho.

(*Tenta se levantar, cai*) Mais cedo, mais tarde.

ESTRAGON Qual é o seu problema?

VLADIMIR Caia fora.

ESTRAGON Você fica?

VLADIMIR Por enquanto.

ESTRAGON Deixe disso, levante, vai apanhar um resfriado.

VLADIMIR Não se preocupe comigo.

ESTRAGON Deixe disso, Didi, não seja teimoso. (*Estende a mão para Vladimir, que se apressa em pegá-la*) Vamos, levante!

VLADIMIR Força!

Estragon puxa, se desequilibra, cai. Longo silêncio.

POZZO Aqui!

VLADIMIR Estamos aqui.

POZZO Quem são vocês?

VLADIMIR Somos homens.

Silêncio.

ESTRAGON É bem isso, homens sobre a terra.

VLADIMIR Você consegue levantar?

ESTRAGON Não sei.

VLADIMIR Tente.

ESTRAGON Daqui a pouco, daqui a pouco.

Silêncio.

POZZO O que aconteceu?

VLADIMIR (*com ênfase*) Quer fazer o favor de calar a boca? Que peste!

Só pensa nele mesmo!

ESTRAGON E se tentássemos dormir?

VLADIMIR Ouviu? Ele quer saber o que foi que aconteceu?

ESTRAGON Deixe-o para lá. Durma.

Silêncio.

POZZO Piedade! Piedade!

ESTRAGON (*sobressaltado*) O quê? O que foi?

VLADIMIR Você estava dormindo?

ESTRAGON Acho que sim.

VLADIMIR É aquele porco do Pozzo, de novo.

ESTRAGON Cale a boca dele! Quebre a cara dele!

VLADIMIR (*batendo em Pozzo*) Terminou? Quer calar a boca?

Verme! (Pozzo se desvencilha, soltando gritos de dor, e se afasta, rastejando. De tempos em tempos, para, escava o ar com gestos de cego, chamando por Lucky. Vladimir, apoiado no ombro, acompanha-o com o olhar) Está a salvo! (Pozzo desaba) Está no chão!

Silêncio.

ESTRAGON O que vamos fazer agora?

VLADIMIR Se pudesse me arrastar até ele.

ESTRAGON Não me deixe.

VLADIMIR E se eu o chamasse?

ESTRAGON Isso. Chame.

VLADIMIR Pozzo! (*Pausa*) Pozzo! (*Pausa*) Não responde.

ESTRAGON Os dois juntos.

VLADIMIR, ESTRAGON Pozzo! Pozzo!

VLADIMIR Mexeu.

ESTRAGON Tem certeza que o nome dele é Pozzo?

VLADIMIR (*angustiado*) Senhor Pozzo! Volte! Ninguém vai machucá-lo.

Silêncio.

ESTRAGON E se a gente tentasse outros nomes?

VLADIMIR Tenho medo que esteja gravemente ferido.

ESTRAGON Seria divertido.

VLADIMIR Divertido o quê?

ESTRAGON Experimentar outros nomes, um depois do outro.
Ajudaria a passar o tempo. Acabaríamos por descobrir o certo.

VLADIMIR Estou dizendo que ele se chama Pozzo.

ESTRAGON É o que veremos. Deixe eu ver. (*Pensa*) Abel! Abel!

POZZO Aqui!

ESTRAGON Viu só?

VLADIMIR Estou ficando cheio desse tema.

ESTRAGON Talvez o outro se chame Caim. (*Chama*) Caim! Caim!

POZZO Aqui!

ESTRAGON A humanidade inteira! (*Silêncio*) Olhe aquela nuvenzinha.

POZZO (*levantando os olhos*) Onde?

ESTRAGON Lá, no zênite.

VLADIMIR E daí? (*Pausa*) O que tem de tão extraordinário?

Silêncio.

ESTRAGON E se tentássemos outra coisa agora, que tal?

VLADIMIR Era justamente o que ia propor.

ESTRAGON Mas o quê?

VLADIMIR Já sei!

Silêncio.

ESTRAGON E se nos levantássemos, para começar?

VLADIMIR Vamos tentar de novo.

Levantam-se.

ESTRAGON Simples assim.

VLADIMIR Querer é poder, esse é o segredo.

ESTRAGON E agora?

POZZO Socorro!

ESTRAGON Vamos embora.

VLADIMIR A gente não pode.

ESTRAGON Por quê?

VLADIMIR Estamos esperando Godot.

ESTRAGON É mesmo. (*Pausa*) O que fazer?

POZZO Socorro!

VLADIMIR E se ajudássemos?

ESTRAGON O que temos que fazer?

VLADIMIR Ele quer levantar.

ESTRAGON E depois?

VLADIMIR Quer que alguém o ajude a levantar.

ESTRAGON Tudo bem, vamos ajudar. O que estamos esperando?

Ajudam Pozzo a se levantar, afastam-se dele. Ele volta a cair.

VLADIMIR Temos que segurá-lo. (*Como antes. Pozzo fica de pé entre os dois, os braços apoiados ao redor do pescoço de ambos*) Melhor assim?

POZZO Quem são vocês?

VLADIMIR Não nos reconhece?

POZZO Estou cego.

Silêncio.

ESTRAGON Será que ele prevê o futuro?

VLADIMIR (*a Pozzo*) Desde quando?

POZZO Tinha uma visão excelente. Vocês são amigos?

ESTRAGON (*rindo, ruidoso*) Quer saber se somos amigos!

VLADIMIR Nada disso, quer saber se somos amigos dele.

ESTRAGON E daí?

VLADIMIR A prova é que o ajudamos.

ESTRAGON Isso mesmo! Por acaso teríamos ajudado se não fôssemos amigos?

VLADIMIR Talvez.

ESTRAGON Verdade.

VLADIMIR Vamos deixar de sutilezas.

POZZO Não são bandidos?

ESTRAGON Bandidos! Por acaso temos cara de bandidos?

VLADIMIR Tenha dó, ele é cego!

ESTRAGON Puxa! É verdade. (*Pausa*) Que ele diz.

POZZO Não me deixem só.

VLADIMIR De modo algum.

ESTRAGON Por enquanto.

POZZO Que horas são?

ESTRAGON (*inspecionando o céu*) Vejamos...

VLADIMIR Sete horas?... Oito horas?

ESTRAGON Depende da época do ano.

POZZO Já anoiteceu?

Silêncio. Vladimir e Estragon observam o poente.

ESTRAGON Está amanhecendo, diria.

VLADIMIR Não é possível.

ESTRAGON E se for a aurora?

VLADIMIR Quanta bobagem! Daquele lado fica o oeste.

ESTRAGON O que você entende disso?

POZZO (*angustiado*) Já caiu a noite?

VLADIMIR Quer dizer, sair do lugar, não saiu.

ESTRAGON Estou dizendo que está amanhecendo.

POZZO Por que não me respondem?

ESTRAGON Para não dizer qualquer tolice.

VLADIMIR (*garantindo*) Está anoitecendo, senhor, estamos chegando à noite. Meu amigo estava tentando me confundir e admito que cheguei a duvidar, por um segundo. Mas não foi à toa que atravesssei esta longa jornada e asseguro que ela está quase esgotando seu repertório. (*Pausa*) Fora isto, como está se sentindo?

ESTRAGON Por mais quanto tempo temos que ficar carregando ele?
(*Soltam-no um pouco, voltam a sustentá-lo quando percebem que vai cair*) Não levamos o menor jeito para cariátides.

VLADIMIR O senhor dizia que tinha excelente visão, antes, se não entendi mal?

POZZO Isso mesmo, enxergava muito bem.

Silêncio.

ESTRAGON (*irritado*) Desenvolva! Desenvolva!

VLADIMIR Deixe-o em paz. Não está vendo que está se lembrando de quando era feliz? (*Pausa*) *Memoria praeteritorum bonorum* – deve ser doloroso.

POZZO Enxergava mesmo, muitíssimo bem.

VLADIMIR E foi assim, de repente?

POZZO Muito bem.

VLADIMIR Perguntei se foi assim, de repente.

POZZO Um belo dia, acordei cego como o destino. (*Pausa*) Me pergunto às vezes se não continuo dormindo.

VLADIMIR Quando aconteceu?

POZZO Não sei.

VLADIMIR Mas foi depois de ontem.

POZZO Pare de me interrogar. Os cegos não têm noção de tempo.

(*Pausa*) As coisas do tempo eles não veem.

VLADIMIR Veja só! Jurava que fosse o contrário.

ESTRAGON Vou embora.

POZZO Onde estamos?

VLADIMIR Não sei.

POZZO Não seria num lugar que chamam de Prancha?

VLADIMIR Não conheço.

POZZO Que aspecto tem? Parece com quê?

VLADIMIR (*olhar ao redor*) Impossível descrever. Não se parece com nada. Não tem nada. Tem uma árvore.

POZZO Então não é a Prancha.

ESTRAGON (*dobrando-se*) Diversão à vista.

POZZO Onde está meu criado?

VLADIMIR Está aqui.

POZZO Por que não vem quando eu chamo?

VLADIMIR Não sei. Parece estar dormindo. Vai ver que morreu.

POZZO O que aconteceu, exatamente?

ESTRAGON Exatamente!

VLADIMIR Vocês caíram, os dois.

POZZO Vá ver se ele está ferido.

VLADIMIR Mas não podemos deixá-lo.

POZZO Não precisam ir os dois.

VLADIMIR (*a Estragon*) Vá você.

POZZO Isso, que vá o seu amigo. Ele fede demais. (*Pausa*) O que ele está esperando?

VLADIMIR (*a Estragon*) O que está esperando?

ESTRAGON Estou esperando Godot.

VLADIMIR O que ele deve fazer mesmo?

POZZO Bom, primeiro ele puxa a corda, tomando cuidado para não estrangulá-lo, naturalmente. Quase sempre provoca alguma reação. Caso contrário, deve dar pontapés, no baixo-ventre e no rosto, na medida do possível.

VLADIMIR (*a Estragon*) Viu, não há nada a temer. É até uma oportunidade de se vingar.

ESTRAGON E se ele se defender?

POZZO Não não, ele nunca se defende.

VLADIMIR Voo em seu socorro.

ESTRAGON Não tire os olhos de mim! (*Vai em direção a Lucky*)

VLADIMIR Veja primeiro se está vivo. Não vale a pena bater, se estiver morto.

ESTRAGON (*inclinado sobre Lucky*) Está respirando.

VLADIMIR Então, vá em frente.

Com fúria súbita, Estragon cobre Lucky de pontapés, xingando-o aos gritos. Machuca o pé, contudo, e se afasta, mancando e gemendo. Lucky volta a si.

ESTRAGON (*parado, sobre um pé só*) Ah! Cavalo!

Estragon se senta, tenta descalçar as botas. Mas logo desiste, colocando-se em posição de descanso, os braços sobre os joelhos, a cabeça sobre os braços.

POZZO O que houve agora?

VLADIMIR Meu amigo se machucou.

POZZO E Lucky?

VLADIMIR Então é ele mesmo?

POZZO O quê?

VLADIMIR É mesmo o Lucky?

POZZO Não estou entendendo.

VLADIMIR E o senhor, o senhor é Pozzo?

POZZO Certamente, sou Pozzo.

VLADIMIR Os mesmos de ontem?

POZZO De ontem?

VLADIMIR Nós nos vimos ontem. (*Silêncio*) O senhor não lembra?

POZZO Não me lembro de ter encontrado ninguém ontem. Mas amanhã não vou me lembrar de ter encontrado ninguém hoje. Não conte comigo para esclarecer nada. E além disso, chega. De pé!

VLADIMIR O senhor o estava levando a São Salvador, para vender no mercado. O senhor nos contou. Ele dançou, pensou. O senhor enxergava bem.

POZZO Se está dizendo. Deixe-me, por favor. (*Vladimir se afasta*) De pé!

VLADIMIR Está se levantando.

Lucky se levanta, pega a bagagem.

POZZO Faz bem.

VLADIMIR Aonde vão com tanta pressa?

POZZO Não me ocupo disso.

VLADIMIR Como está mudado!

Carregado de bagagem, Lucky se posiciona à frente de Pozzo.

POZZO Chicote! (*Lucky coloca a bagagem no chão, procura o chicote, encontra-o, entrega-o a Pozzo, volta a pegar a bagagem*) Corda!

(Lucky coloca a bagagem no chão, entrega a ponta da corda na mão de Pozzo, volta a pegar a bagagem)

VLADIMIR O que tem na mala?

POZZO Areia. *(Puxa a corda)* Adiante! *(Lucky precipita-se, Pozzo o segue)*

VLADIMIR Não vá ainda.

POZZO *(parando)* Estou partindo.

VLADIMIR O que vão fazer quando caírem, longe de qualquer socorro?

POZZO Esperamos conseguir nos levantar. Depois, vamos seguir em frente.

VLADIMIR Antes de ir embora, peça a ele que cante.

POZZO A quem?

VLADIMIR A Lucky.

POZZO Cantar?

VLADIMIR É. Ou pensar. Ou recitar.

POZZO Mas ele é mudo.

VLADIMIR Mudo!

POZZO Perfeitamente. Não consegue nem mesmo gemer.

VLADIMIR Mudo! Mas desde quando?

POZZO *(subitamente furioso)* Não vão parar de me envenenar com essas histórias de tempo? É abominável! Quando! Quando! Um dia, não é o bastante para vocês, um dia como os outros, ficou mudo, um dia, fiquei cego, um dia, ficaremos todos surdos, um dia, nascemos, um dia, morremos, no mesmo dia, no mesmo instante, não basta para vocês? *(Mais calmo)* Dão a luz do útero para o túmulo, o dia brilha por um instante, volta a escurecer. *(Puxa a corda)* Adiante!

Saem. Vladimir os segue até o limite do palco, observa-os a se afastar. Um barulho de queda, secundado pela mímica de Vladimir, anuncia

que caíram de novo. Silêncio. Vladimir vai em direção a Estragon, que dorme, contempla-o por um momento, em seguida o acorda.

ESTRAGON (*gestos afoitos, palavras incoerentes. Finalmente*) Por que você nunca me deixa dormir?

VLADIMIR Me sentia só.

ESTRAGON Estava sonhando que era feliz.

VLADIMIR Ajuda a passar o tempo.

ESTRAGON Estava sonhando que...

VLADIMIR Cale a boca! (*Silêncio*) Fico me perguntando se está cego de verdade.

ESTRAGON Quem?

VLADIMIR Um cego de verdade diria que não tem noção de tempo?

ESTRAGON Quem?

VLADIMIR Pozzo.

ESTRAGON Está cego?

VLADIMIR Foi o que disse.

ESTRAGON E daí?

VLADIMIR Fiquei com a impressão de que estava nos vendo.

ESTRAGON Você sonhou. (*Pausa*) Vamos embora. A gente não pode. É mesmo. (*Pausa*) Tem certeza que não era ele?

VLADIMIR Quem?

ESTRAGON Godot.

VLADIMIR Mas quem?

ESTRAGON Pozzo.

VLADIMIR De jeito nenhum! De jeito nenhum! (*Pausa*) De jeito nenhum.

ESTRAGON Vou me levantar, assim mesmo. (*Se levanta com esforço*)
Ai!

VLADIMIR Não sei mais o que pensar.

ESTRAGON Meus pés! (*Senta-se de novo, tenta descalçar as botas*) Me ajude!

VLADIMIR Será que dormi, enquanto os outros sofriam? Será que durmo agora? Amanhã, quando pensar que estou acordando, o que direi desta jornada? Que esperei Godot com Estragon, meu amigo, neste lugar, até o cair da noite? Que Pozzo passou por aqui, com o seu guia, e falou conosco? Sem dúvida. Mas quanta verdade haverá nisso tudo? (*Tendo pelejado em vão com as botas, Estragon volta a se encolher. Vladimir o observa*) Ele não saberá de nada. Falará dos golpes que sofreu e lhe darei uma cenoura. (*Pausa*) Do útero para o túmulo e um parto difícil. Lá do fundo da terra, o coveiro ajuda, lento, com o fórceps. Dá o tempo justo de envelhecer. O ar fica repleto dos nossos gritos. (*Escuta*) Mas o hábito é uma grande surdina. (*Olha para Estragon*) Para mim também, alguém olha, dizendo: ele dorme, não sabe direito, está dormindo. (*Pausa*) Não posso continuar. (*Pausa*) O que foi que eu disse?

Vai e vem com agitação, para, finalmente, junto à coxa esquerda, olha ao longe. Entra pela direita o menino da véspera. Para. Silêncio.

MENINO Senhor... (*Vladimir se vira*) Senhor Albert...

VLADIMIR Aí vamos nós de novo. (*Pausa. Ao menino*) Não está me reconhecendo?

MENINO Não, senhor.

VLADIMIR Foi você que veio ontem?

MENINO Não, senhor.

VLADIMIR É a primeira vez que vem?

MENINO Sim, senhor.

Silêncio.

VLADIMIR Vem da parte do senhor Godot?

MENINO Sim, senhor.

VLADIMIR Ele não vem hoje.

MENINO Não, senhor.

VLADIMIR Mas virá amanhã.

MENINO Sim, senhor.

VLADIMIR Com certeza.

MENINO Sim, senhor.

Silêncio.

VLADIMIR Você encontrou alguém?

MENINO Não, senhor.

VLADIMIR Mais dois... (*hesita*) homens?

MENINO Não vi ninguém, senhor.

Silêncio.

VLADIMIR O que ele faz, o senhor Godot? (*Pausa*) Está ouvindo?

MENINO Estou, senhor.

VLADIMIR E então?

MENINO Não faz nada, senhor.

Silêncio.

VLADIMIR Como vai seu irmão?

MENINO Doente, senhor.

VLADIMIR Talvez tenha sido ele que veio ontem.

MENINO Não sei, senhor.

Silêncio.

VLADIMIR Ele usa barba, o senhor Godot?

MENINO Sim, senhor.

VLADIMIR Loira ou.... *(hesita)* ou morena?

MENINO *(hesitante)* Acho que é branca, senhor.

Silêncio.

VLADIMIR Misericórdia.

Silêncio.

MENINO O que eu digo ao senhor Godot, senhor?

VLADIMIR Diga que... *(interrompe)* diga a ele que me viu e que... *(reflete)* que me viu. *(Pausa. Vladimir avança, o menino recua, Vladimir para, o menino para)* Mas diga uma coisa, você tem certeza de que me viu? Não vai me dizer amanhã que nunca me viu?

Silêncio. Repentinamente, Vladimir avança de um salto, o menino o evita e sai correndo como uma flecha. O sol se põe, a lua nasce. Vladimir permanece imóvel. Estragon acorda, tira as botas, se levanta, botas na mão, coloca-as na extremidade do palco, à frente, na boca de cena, vai em direção a Vladimir, observa-o.

ESTRAGON Qual é o seu problema?

VLADIMIR Nenhum.

ESTRAGON Eu vou embora.

VLADIMIR Eu também.

Silêncio.

ESTRAGON Eu dormi muito?

VLADIMIR Não sei.

Silêncio.

ESTRAGON Aonde vamos?

VLADIMIR Não muito longe.

ESTRAGON Ah, vamos sim, vamos para bem longe daqui!

VLADIMIR A gente não pode.

ESTRAGON Por quê?

VLADIMIR Temos que voltar amanhã.

ESTRAGON Para quê?

VLADIMIR Para esperar Godot.

ESTRAGON É mesmo. (*Pausa*) Ele não veio?

VLADIMIR Não.

ESTRAGON E agora já é tarde demais.

VLADIMIR É, agora é noite.

ESTRAGON E se deixássemos para lá? (*Pausa*) Se a gente deixasse para lá?

VLADIMIR Ele nos puniria. (*Silêncio. Olha para a árvore*) Só a árvore vive.

ESTRAGON (*olhando para a árvore*) O que era mesmo?

VLADIMIR A árvore, está viva.

ESTRAGON Não é isso, a espécie.

VLADIMIR Não sei. Um chorão.

ESTRAGON Venha ver. (*Arrasta Vladimir até a árvore. Estacam diante dela. Silêncio*) E se gente se enforcasse?

VLADIMIR Com o quê?

ESTRAGON Você não tinha um pedaço de corda?

VLADIMIR Não.

ESTRAGON Então não podemos.

VLADIMIR Vamos embora.

ESTRAGON Espere, tem o meu cinto.

VLADIMIR É curto demais.

ESTRAGON Você me puxa pelas pernas.

VLADIMIR E quem vai me puxar?

ESTRAGON É verdade.

VLADIMIR Vamos tentar assim mesmo. (*Estragon desamarra a corda que sustenta suas calças. Estas, largas demais para ele, caem até os calcanhares. Olham para a corda*) Em princípio, poderia funcionar. Mas será que ele aguenta?

ESTRAGON Vamos ver. Segure.

Cada um pega uma extremidade da corda, puxam. A corda se rompe. Eles quase caem.

VLADIMIR Não vale nada.

Silêncio.

ESTRAGON Você disse que temos que voltar amanhã?

VLADIMIR Disse.

ESTRAGON Então traremos uma corda decente.

VLADIMIR Isso.

Silêncio.

ESTRAGON Didi.

VLADIMIR O quê?

ESTRAGON Não posso continuar assim.

VLADIMIR É o que todos dizem.

ESTRAGON E se a gente se separasse? Talvez ficasse melhor.

VLADIMIR Amanhã nos enforcamos. (*Pausa*) A não ser que Godot venha.

ESTRAGON E se vier?

VLADIMIR Estaremos salvos.

Vladimir tira o chapéu – o de Lucky –, olha para o interior, vasculha-o com a mão, sacode-o, recoloca o chapéu.

ESTRAGON Então, vamos?

VLADIMIR Arrume as calças.

ESTRAGON O quê?

VLADIMIR Arrume as calças.

ESTRAGON Tirar as calças?

VLADIMIR Ar-ru-me as calças.

ESTRAGON É mesmo.

Arruma as calças. Silêncio.

VLADIMIR Então, vamos embora.

ESTRAGON Vamos lá.

Não se mexem.

Cortina.

1 VLADIMIR (*espantado*) Na escola sem Deus?

ESTRAGON Sei lá se era com ou sem.

VLADIMIR Deve estar confundindo com La Roquette.

ESTRAGON Pode ser. Lembro dos mapas...

A referência à escola laica, muito francesa, foi omitida por Beckett da versão em inglês. [N. T.]

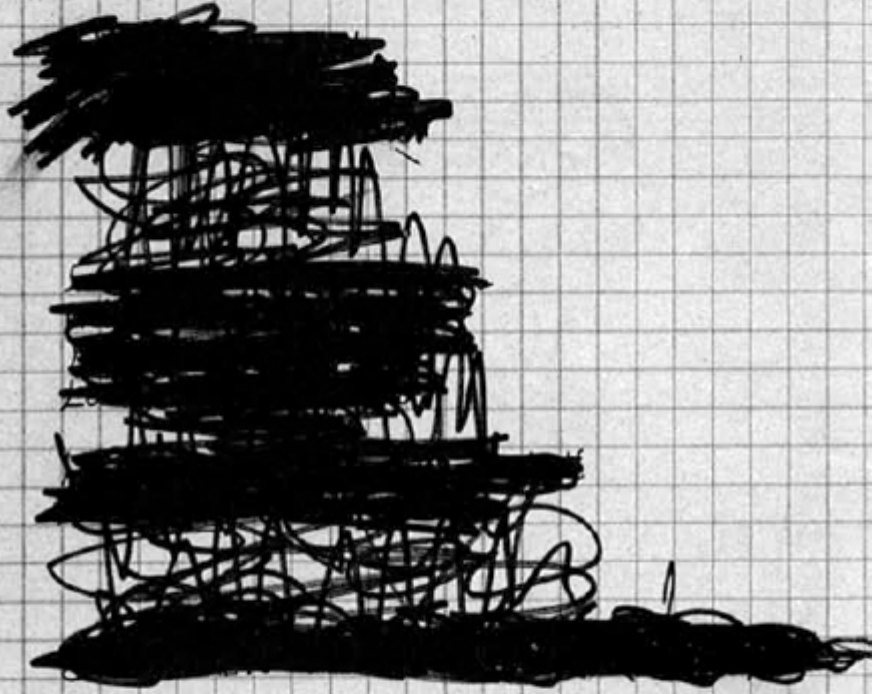
2 Os quatro usam chapéu-coco. [N. T.]

SOBRE ESPERANDO GODOT



42

6 Falls P 2 forward
L " "
V 1 backward
E " "



E's heavenward index in advance of Wüwendulle
as " " " " " " Siehwaldia

JEAN ANOUILH

O dramaturgo francês Jean Anouilh (1910-89) foi amigo e colaborador do diretor Jean-Louis Barrault e do ator Michel Bouquet; entre outras peças, publicou *Antigone* (1944), *La Valse des toréadors* (1952) e *L'Allouette* (1953). O trecho abaixo provém de um artigo publicado em *Arts & Spectacles* (27.02 a 05.03.1953).

“Nada acontece, ninguém vem, ninguém vai, é terrível.” Essa fala, dita por um dos personagens da peça, é seu melhor resumo. *Godot* é uma obra-prima que vai provocar desespero nos homens em geral e nos dramaturgos em particular. Acho que a noite de estreia no Théâtre de Babylone é tão importante quanto a noite de estreia de Pirandello em Paris, em 1923, apresentado por Pitoeff.

Deve-se tirar o chapéu – coco, evidentemente, como na peça – e rezar aos céus por um pouco de talento. A grandeza, a representação engenhosa, um estilo – chegamos a “algum lugar” no teatro. As *Pensées* de Pascal num esquete de *music-hall* encenado pelos palhaços Fratellini.

RUBY COHN

Ruby Cohn é professora emérita de teatro na Universidade da Califórnia em Davis. É autora de *Samuel Beckett: The Comic Gamut* (1962), um dos primeiros estudos a valorizar o elemento “comitrágico” do universo beckettiano, além de *Just Play: Beckett's Theatre* (1980), *Back to Beckett* (1973) e *The Beckett Canon* (2001). O trecho reproduzido foi tirado de *Back to Beckett*.

Como descrever o primeiro impacto a uma geração que cresceu com *Godot*? Agora que qualquer peça séria busca uma dimensão mítica; agora que a disjunção é o modelo retórico costumeiro das falas em cena; agora que a profundidade trágica sempre se apresenta em trajes clownescos; agora que a gestualidade dramática confina com a dança; agora que exposições narrativas são mais respeitáveis que solilóquios e a presença no palco não implica passado ou futuro – agora talvez seja difícil lembrar que nem sempre foi assim. *Esperando Godot* fez cair o pano sobre rei Ibsen.

Depois de quase duas décadas, minha fraca memória se apega ao calor daquele primeiro *Godot*, numa noite úmida de inverno. Nunca ouvira falar de Beckett quando assisti à peça pela primeira vez. Não conhecia a Bíblia bem o bastante para identificar o núcleo escritural da peça. Não tinha lido o Hegel da *Fenomenologia do espírito* bem o bastante para identificar a arquetípica relação Senhor-Escravo. Nem sequer era fã das comédias do cinema mudo. Numa palavra, cheguei a *Godot* sem preparo algum ou excessivamente armada por peças-problema da Broadway, clássicos da Comédie-Française e drama versificado. E, no entanto, percebi quase imediatamente que aqueles dois vagabundos falando francês eram eu; mais infelizes, mais adoráveis, mais engraçados, mais desesperados. Mas eu.



Na montagem de Jouanneau, um transformador elétrico substituiu a árvore, única referência na paisagem deserta para Estragon e Vladimir.



Phillipe Demarle (Vladimir) e David Warrilow (Estragon), sob direção de Joël Jouanneau, no Théâtre des Amandiers (Nanterre, 1991).

Risos não ecoaram pela pequena sala do Théâtre de Babylone, ao contrário de encenações a que assisti mais tarde. Antes, gargalhadas empalideciam em sorrisos ou caretas. Devia estar muito emocionada para reparar nos inauditos silêncios em cena que me impacientaram em produções posteriores. O *élan* daqueles vagabundos beckettianos aborígenes transportava-me através dos silêncios. Mas Pozzo e Lucky me repugnavam, evocando um domador de circo e seu animal amestrado. Covarde histórica para a dor física, mal podia olhar para o pescoço de Lucky, com medo de ver as escoriações, e encarava com desaprovação Pozzo, suposto responsável pelos ferimentos que eu não via. O monólogo de Lucky era tão terrível de assistir, com os tiques espasmódicos de Jean Martin, que pensei ser *esta* a razão pela qual não conseguia apreender seu sentido. Fiquei constrangidamente aliviada quando os outros três personagens calaram Lucky e não me lamentei nada

em vê-los, ele e seu senhor, pelo que imaginava fosse a última vez. Não me recordo de nenhuma das minhas impressões de intervalo, mas ainda vejo as folhas na árvore do segundo ato, como pedaços de papel crepon. E captei de imediato a importância da balada do cão. “A peça é sobre isto”, devo ter dito a mim mesma, enquanto me reencontrava com o jargão dos dois vagabundos, agora familiar. A volta de Pozzo e Lucky me surpreendeu, nem um pouco mais simpáticos, apesar de fisicamente deteriorados e subjugados. Fiquei ainda mais surpresa com o tratamento agressivo que os dois amigos dispensavam ao desgraçado par. Mas não me surpreendi quando Godot não veio. Não tive dúvidas de que o fim da peça *era* o fim, mas fiquei satisfeita em me ver confirmada pelos aplausos dispersos, aos quais me juntei vigorosamente. Não me lembro do número de voltas para aplauso, mas não foram muitas.

ROGER BLIN

Roger Blin (1907-84), ator e diretor de vanguarda francês, começou no teatro como assistente de Antonin Artaud, em 1935. Foi responsável pelas estreias de todas as peças de Beckett até *Oh! Les Beaux jours*, além de *Les Nègres* e *Les Paravents*, de Jean Genet. O trecho abaixo provém de um depoimento de 1965 incluído in Pierre Melèse, *Beckett* (1966).

Foi graças a Strindberg que me aproximei de Samuel Beckett, que conhecia apenas pela leitura que fez de alguns poemas no rádio. Entre 1949-50, eu dirigia o Théâtre de la Gaité-Mortparnasse, onde havia montado *A sonata dos espectros*. O espetáculo não ia bem, poucos espectadores se aventuravam. Mas um dia, entre eles, estava Beckett, que voltou uma segunda vez. Pouco tempo depois, recebi a visita de sua mulher, Suzanne, que me trouxe o manuscrito de *Esperando Godot*: sem dúvida, Beckett julgava que meu Strindberg me capacitava a compreendê-lo e encená-lo. Àquela altura, Suzanne já havia levado *Godot* às antessalas de inúmeros diretores, sem o menor sucesso. Três anos se passaram. Nesse intervalo – um ano apenas depois da iniciativa de sua mulher – conheci Beckett pessoalmente, por meio de seu editor, Jérôme Lindon, que acabava de publicar *Molloy*; encontro bastante intimidador, durante o qual falamos disto e daquilo, mas pouco de *Godot*, e unicamente no plano técnico. Certamente ansioso por ser encenado, mas inimigo de qualquer comprometimento, Beckett acompanhava meus esforços com paciência. Conseguí, enfim, graças a Georges Neveux, uma subvenção de 500 mil francos a título de “Ajuda à primeira peça”. Fui então procurar Jean-Marie Serreau, que dirigia o pequeno Théâtre de Babylone. Depois de um ano de hesitação, encorajado pela perspectiva da subvenção, que poderia regularizar sua situação

financeira, decidi permitir que me lançasse na aventura e eu meti mãos à obra. O resultado todos conhecem: após a primeira série de apresentações, recebidas primeiro com reações diversas, depois com entusiasmo, seguimos adiante em 1956, no teatro Hébertot, e em 1961, no Odéon-Théâtre de France, sem falar nas inúmeras turnês, em que levávamos conosco o cenário – a famosa árvore, dividida em três partes cuidadosamente embaladas. Imaginem que *Godot*, traduzido em vinte línguas, foi encenado em trinta países; mas vale dizer que apenas na Alemanha ele pôde ser considerado um espetáculo verdadeiramente “popular”, no sentido habitual do termo.

Durante os ensaios de *Godot*, Beckett ainda não tinha a grande experiência com teatro que adquiriu posteriormente, mas já dispunha de um conhecimento muito preciso do teatro como espetáculo, ou seja, como um acontecimento que se desenrola sobre um palco. (Aliás, note-se que, ao contrário de tantos outros autores, ele sempre se recusou a escrever sobre teatro ou especificamente sobre suas obras.) No texto, ele indicava os movimentos, os tempos que desejava, mas essas indicações dirigiam-se sobretudo ao leitor: uma vez no palco, as coisas mudam. É preciso levar em conta o imponderável da personalidade do ator, as imposições materiais, o valor expressivo de certas palavras. Ali, Beckett rapidamente se deu conta daquilo que apenas antecipara abstratamente, e submeteu-se de bom grado a minhas indicações: buscando uma estilização *a priori*, aprovava os ajustes na execução. Não se mostrava inimigo dos achados, mas fazia absoluta questão que fossem orgânica e totalmente justificados. Citar um que ele tenha aprovado? Certo, lá vão dois: no fim do primeiro ato, para acentuar o caráter derrisório do par Pozzo-Lucky, fiz com que dessem, um puxando o outro, uma volta completa no palco, como fariam os palhaços no circo. Ou ainda este: no segundo ato, quando Pozzo e Lucky estão caídos por terra e Vladimir discute com Estragon a conveniência de levantá-los, os dois passeiam ao redor do palco, caminhando sobre os corpos de

Pozzo e de Lucky aparentemente sem se dar conta, e as palavras “a humanidade inteira” coincidem com um pisão enérgico nas costas de Pozzo. Isso Beckett aceitou, pois não era um jogo de cena gratuito. O mesmo para a roupa de Lucky – ele o via vestido como um porteiro de estação, mas cedeu a minhas sugestões. Ainda não tinha esse desejo maníaco de precisão que teria mais tarde e, mesmo acompanhando ativamente os ensaios, deixava espaço ao diretor, desde que não impusesse nada que ele não aprovasse. De resto, a atitude do diretor em relação ao autor deve ser, na minha opinião, de humildade, mas de uma humildade ativa.

É muito provável que, ao escrever *Godot*, Beckett tenha sido influenciado na construção destes quatro grandes personagens pelos grandes comediantes americanos da época. Eu mesmo, enquanto imaginava montá-lo, estava verdadeiramente obcecado por eles e posso dizer que, um dia, tive uma visão súbita dos personagens como os concebia: eram, na forma ideal, Charlie Chaplin como Vladimir, Buster Keaton como Estragon e Charles Laughton como Pozzo, pois Pozzo deve ser representado por um gordo. Eu interpretei Pozzo, mas não era o papel para mim – representaria, dali em diante, Estragon. Um italiano me disse que Pozzo é “um magro que chora no interior de um gordo”. Ele é, na verdade, o mais infeliz, um grande garganta, nada mais.

Beckett não queria que o par Pozzo-Lucky tivesse ressonâncias sociais. Ainda assim, o que se apresenta a Vladimir e Estragon é o jugo da exploração, é a opressão social, é isso que os aguarda. Mas o pudor de Beckett se eriça quando lhe dizem que ele expressou algo que não queria dizer. E, além disso, ele se recusa a qualquer declaração sobre aquilo que escreveu.



Atrelado a Pozzo, Lucky carrega as malas, em cena do Primeiro Ato, sob a direção de Otomar Krejca (Avignon, 1978)



Samuel Beckett, Roger Blin e Lucien Raimbourg, na estreia de *Esperando Godot*, Théâtre de Babylone (Paris, 1953).



Samuel Beckett ao lado de Jean-Marie Serreau, diretor da companhia responsável pela segunda montagem da peça, e Alberto Giacometti, cenógrafo, durante ensaios de *Esperando Godot*, sob direção de Roger Blin. Théâtre de France Odéon (Paris, 1961).

Lembro-me que, antes das apresentações de *Godot*, fizemos num dia tal uma leitura no rádio e que entrevistaram Beckett na ocasião. Tudo que ele disse foi que não sabia por que havia escrito *Godot*, a peça veio por si só. A única certeza que tinha era que as personagens usavam chapéu-coco. Não se deve esquecer que há muitas vezes algo de trocista no que escreve este ex-leitor da École Normale da rue d'Ulm. É o caso, por exemplo, da barba branca do senhor Godot, que não havia na primeira versão – talvez para lançar uma falsa pista aos intérpretes de *Godot*; também é o caso de quando disse, por chiste, que *Godot* vinha de *godillot* [espécie de coturnos, botas pesadas e grosseiras], por causa dos sapatos de Estragon. O humor irlandês tem um grande papel em seu teatro. É um erro

representá-lo como um trágico: não se deve concluir *Godot* numa atmosfera de crucifixão, não se deve cair numa interpretação lacrimosa. Não se trata de um teatro de lágrimas, mas de crueldade, de humanidade.

Segundo Beckett, *Godot* é uma obra muito movimentada, um tipo de *western*. Na essência, acredito que ele procurou no teatro um caminho paralelo àquele que seguiu em seus romances. Lembrem-se de que, antes de *Godot*, ele havia publicado *Molloy* e em seguida *Malone morre e O inominável*. Seus personagens foram progressivamente tomados pela paralisia. Depois de *O inominável*, Beckett se viu num círculo vicioso e ele mesmo me disse: “Não sei mais o que fazer com os personagens. Não posso mais escrever romances. Ainda tenho algo a dizer no teatro, mas sempre na mesma direção”.

HAROLD HOBSON

Harold Hobson (nascido em 1904), crítico de teatro do *Sunday Times* no período entre 1947 e 1976, foi um entusiasta de primeira hora e ajudou a estabelecer a reputação de Samuel Beckett como um dos maiores dramaturgos do século. Também foi dos primeiros a defender a obra dramática de Harold Pinter. O trecho abaixo, sobre a estreia de *Godot* na Inglaterra, foi publicado em J. Calder (org.), *Beckett at 60* (1967).

Ao longo de toda minha vida, aconteceram três estreias que influenciaram profunda e definitivamente o rumo da dramaturgia inglesa. A primeira, e creio que a mais importante delas, foi o espetáculo de abertura de *Esperando Godot*, de Samuel Beckett, no Arts Theatre, em 3 de agosto de 1955. *Esperando Godot* foi dirigida por Peter Hall e apresentada por Donald Albery. A peça quebrou as algemas do enredo, varrendo-as para longe do teatro inglês. Destruiu a ideia de que o dramaturgo é Deus, conhecedor de tudo

sobre seus personagens e senhor de uma filosofia completa, resposta a todos os nossos problemas. Mostrou que a citação de Archer – uma boa peça imita a superfície audível e visível da vida – não é necessariamente verdadeira. Revelou que o drama se aproxima, ou pode se aproximar, da condição da música, tocando acordes mais profundos que os atingidos pela razão e dizendo coisas que escapam às garras da lógica. Renovou o teatro inglês numa única noite.

Assisti ao desempenho de Paul Daneman, Peter Woodthorpe, Peter Bull e Timothy Bateson primeiro com incompreensão, depois com interesse perturbado e por fim com ansiedade. O palco quase nu, vazio a não ser pela árvore desolada, os dois vagabundos preocupados com as botas, suas bexigas, sua solidão, sua expectativa constantemente frustrada pela chegada do não explicado e provavelmente inexplicável Godot, não pareciam anunciar uma boa história sobre pessoas interessantes, a expectativa que eu trazia sobre o que o teatro, quando em boa forma, poderia oferecer. Nada de enredo a se desenvolver, nenhuma intriga insinuando-se e, no entanto, a obsessão de um dos personagens com as razões pelas quais um dos ladrões na crucificação foi salvo penetrou em mim e cravou-se em minha mente. Trazia associações e ecos de nobreza. Aos poucos a sensação de que não se tratava de um autor ordinário tomou conta de mim. Essa sensação, contudo, não parecia ser compartilhada pela plateia no Arts Theatre. Algumas das primeiras falas da peça, como “Já me diverti melhor antes” provocavam risos irônicos; e quando os personagens bocejavam, o bocejo era repetido e amplificado por um gozador nos camarotes. Aqui e ali, podiam-se identificar núcleos de aguda desaprovação e a cada pouco um espectador se levantava e saía do teatro, irritado e aborrecido.



Pozzo, Lucky, Vladimir e Estragon, em cena do segundo ato da versão filmada de *Esperando Godot*, dirigida por Michael Lindsay-Hogg (dezembro de 2000).

Fiquei triste com tudo isso. O extraordinário monólogo de Lucky, no qual toda sabedoria e conhecimento do mundo são sovados até o lastimável limite da incoerência e insanidade, foi maravilhosamente dito por Timothy Bateson, mas não conseguiu alterar a disposição crescentemente hostil dos espectadores. Naquela noite, também estava no teatro Margaret Ramsay, que mais do que ninguém incentivou e descobriu jovens dramaturgos na Inglaterra. Há alguns dias, conversamos sobre o espetáculo. Ela havia lido a peça antes e ficara profundamente tocada. Enviara, então, o texto ao Arts Council, cujo parecerista devolveu-o com desprezo afrontoso, qualificando-o como lixo. Ela disse que me procurou com a vista no

primeiro ato e deparou-se comigo contorcido em meu lugar, melancólico e desconsolado. Pensou consigo mesma, “Ah, meu deus, ele não gostou”. Tudo que me recordava disso foi que, no intervalo, ela me disse: “Deixe que o autor fale, Harold. Todos os críticos vão odiá-lo”. Ao que respondi, antes houvesse esquecido, “Não sei por que deveriam”. De qualquer modo, Margaret Ramsay tinha razão. Na manhã seguinte, a peça teve péssimas resenhas. No domingo seguinte, Kenneth Tynan e eu escrevemos em sua defesa. Algumas semanas depois, o Arts Council tomou a iniciativa pouco comum de divulgar uma carta de desculpas pela cegueira ante seu esplendor.

Depois daquela noite, não consegui tirar *Esperando Godot* da cabeça. Fui vê-la de novo e de novo, tanto no Arts quanto no Criterion [a peça mudou de teatro em 12 de setembro de 1955], para onde Donald Albery corajosamente a transferiu. Ficou seis meses em cartaz, mesmo que quase todas as apresentações continuassem a ser interrompidas por insatisfeitos.

Escrevi sobre ela muitas vezes e fui muito criticado, tachado de chato, por fazê-lo. A peça continuava a ser violentamente atacada e até mesmo meu grande amigo Collie Knox se uniu ao coro de desprezo, entoado por homens de menos erudição e inteligência.

Mas aquela noite no Arts fixou-se em minha memória e, semanas mais tarde, ainda estava escrevendo sobre o sr. Beckett e *Esperando Godot* no *The Sunday Times*.

JOHN FLETCHER

John Fletcher é professor emérito de literatura comparada na Universidade de Kent, Inglaterra, autor de vários livros sobre literatura francesa. Sobre Beckett, assinou, entre outros, *The Novels of Samuel Beckett* e *Beckett: the Playwright*. O texto abaixo faz parte de J. Fletcher e J. Spurling, *Beckett: A Study of His Plays* (1972).

Em qualquer produção desta peça, um ponto vital é alcançar uma certa solidez. Ela pode não ter sido construída segundo linhas tradicionais, com exposição, desenvolvimento, peripécia e desenlace, mas *tem* uma estrutura firme, ainda que de outra natureza, uma estrutura baseada na repetição, na volta dos *leitmotifs* e no equilíbrio exato de elementos variáveis, e justamente esta estrutura deve ser destacada na montagem. O tipo de repetição ao qual os espectadores devem ser condicionados a responder pode ser visto no exemplo a seguir. Pozzo, após ter comido e acendido o cachimbo, diz com satisfação evidente: “Ah! Assim está melhor”. Duas páginas depois, Estragon faz exatamente o mesmo comentário logo depois de ter sugado o resto de carne dos ossos de galinha desprezados por Pozzo. Mas as circunstâncias, ainda que semelhantes, não são idênticas: Pozzo fartou-se à saciedade, Estragon fez uma magra refeição de suas sobras. A repetição das mesmas palavras em bocas diferentes é, portanto, um recurso irônico para acentuar um contraste, como o que existe entre o rugido egoísta de Pozzo, “Casaco!”, para Lucky no primeiro ato, e o gesto altruísta de Vladimir, colocando *seu* casaco sobre os ombros de Estragon no Segundo Ato.

A dinâmica da peça como um todo depende, pois, do equilíbrio. “É a forma que importa”, Beckett uma vez ressaltou a propósito do dito agostiniano que subjaz a muito do simbolismo da peça: “Não

desespere: um dos ladrões foi salvo. Não se anime: o outro se perdeu”. Certamente é a forma que importa e o diretor precisa ressaltar o “movimento estilizado” que o próprio Beckett destacou numa discussão com Charles Marowitz: um movimento que se apoia fortemente na assimetria, na repetição-com-uma-diferença. Nos dois atos, por exemplo, a chegada de Pozzo é curiosamente antecipada por um dos dois homens imaginando escutar sons de gente se aproximando e, enquanto no primeiro ato, os dois sustentam Lucky, no segundo, ambos tentam servir como cariátides para Pozzo. Mas o exemplo mais contundente é o fim de cada uma das duas seções, nos quais as palavras são idênticas, com mínima variação na pontuação para ralentar a segunda ocorrência, mas os papéis estão trocados: no primeiro ato, Estragon faz as perguntas, mas o segundo ato as confia a Vladimir:

VLADIMIR Então, vamos embora?

ESTRAGON Vamos lá.

Da primeira vez, essas duas sentenças podem ser ditas numa velocidade mais ou menos normal, mas na segunda ocasião elas devem ser pronunciadas com pausas de três a seis segundos entre cada uma das partes que a formam. Quando assim se faz, a intensa emoção que se produz na plateia, ao cair final da cortina, recende a grande tristeza.

Mas a reprodução assimétrica de quase tudo em dois atos de extensão desigual não é o único elemento estrutural na peça. Outro é a maneira pela qual o contraponto que orienta a estruturação em atos se espelha na caracterização contrastiva. O nome de Estragon tem o mesmo número de letras que o de Vladimir; o mesmo vale para Pozzo e Lucky. De fato, eles encontram-se associados, e ligados por uma complexa relação sadomasoquista há muitos anos. Mas suas naturezas são evidentemente conflitivas: Vladimir é do tipo intelectualizado e neurótico, Estragon, plácido e intuitivo; Pozzo é

um extrovertido intimidador, Lucky, o introvertido temeroso. Vladimir simpatiza instintivamente com Lucky e, por Pozzo, Estragon experimenta um certo grau de camaradagem. Vladimir e Pozzo – bem como Lucky e Estragon que trocam pontapés – estão nos extremos dos polos opostos. Estragon tem medo de ver-se “amarrado”, Lucky está efetivamente amarrado; Vladimir se inclina frente à autoridade, Pozzo a afirma pela força. De fato, os personagens, bem como os incidentes, maiores ou menores, são mantidos em equilíbrio instável ao longo da peça.

Outro elemento estrutural é a maneira pela qual a escrita é continuamente modulada de um tom ao oposto. A declamação de Pozzo sobre a noite, por exemplo, passa quase com violência do falso sublime ao ridículo prosaico e, depois de alcançar os picos “vibrantes”, desaba nas profundidades “melancólicas”, acabando no inevitável silêncio. Depois de uma longa pausa, Estragon e Vladimir saltam e trocam falas de vaudeville... A transição é primorosa, quase musical nas sutilezas, como o som de cordas quando os metais se extinguem. Modulação semelhante ocorre entre os torneios jocosos ao redor de Lucky no primeiro ato e as voltas angustiadas de Vladimir ao interrogar o Menino, no segundo ato, culminando no grande grito de dor emprestado da missa, “Cristo tenha piedade de nós”... Farsa e *páthos* estão intimamente mesclados o tempo todo, mas talvez mais obviamente no início do segundo ato, no abraço amoroso dos clowns que termina, muito apropriadamente, numa queda grotesca.



Barry McGovern (Vladimir) e Johnny Murphy (Estragon) no Gate Theatre (Dublin, 1988).

A totalidade do segundo ato tem mesmo um tom ligeiramente diferente do primeiro. Os diálogos são de uma natureza mais “intelectual”, menos abertamente ligados ao universo music-hall; o Pozzo confiante do Primeiro Ato se converte no cego decrépito do Segundo; e as palavras no Menino, ditas num jorro no primeiro ato, precisam ser extraídas a força por Vladimir na segunda vez. Todo esse segundo painel do díptico é menos naturalista e presume maior familiaridade com os dois vagabundos e seu estilo que permite uma retomada mais breve do tema. Pozzo entra mais tarde e parte mais cedo. O monólogo de Lucky no primeiro ato, pesadas as repetições e o jargão mutilado, cravava uma afirmação: a de que o homem, apesar da existência de um Deus ocupando-se do progresso nos mais variados tipos, está em franco declínio. Até mesmo essa afirmação de um *raisonneur* degradado não pode voltar no segundo ato, porque descobrimos, aterrorizados, que ele ficou mudo.

O discurso de Lucky, no entanto, como tantas coisas mais na peça, é calculadamente enganador, se esperamos que encerre uma chave de significado para a obra como um todo. Aqueles que ficam perplexos com o “significado” da peça podem pelo menos extrair algum conforto da certeza do autor de que ela “significa o que diz, nem mais nem menos”.

GÜNTHER ANDERS

Günther Stern (1902-92) adotou o nome “Anders” (o outro, o diferente) por sugestão de um editor que achava o seu um nome muito comum. Filósofo e crítico cultural alemão, fugiu da Alemanha nazista em 1933, com sua mulher, Hannah Arendt, e voltou à Europa em 1950, onde se destacou no movimento antinuclear. Autor de *Kafka: pró e contra* (1951, Cosac Naify, 2007) e *Bert Brecht: diálogos e reminiscências* (1962), entre outros. O excerto abaixo faz parte do ensaio “Ser sem tempo: sobre *Esperando Godot*, de Beckett”, publicado em *Neue Schweizer Rundschau*, janeiro de 1954.

Todos os comentadores concordam neste ponto: é uma parábola. Mas, ainda que a disputa sobre a interpretação dessa parábola seja travada com a máxima intensidade, nenhum daqueles que brigam sobre quem ou o que Godot seja – e que, de pronto, como se se tratasse do abc do niilismo, respondem a essa questão com “morte” ou “o significado da vida” ou “Deus” – dedicou a menor atenção ao mecanismo pelo qual todas as parábolas (e, portanto, também a parábola de Beckett) funcionam. Este mecanismo chamamos de “inversão”. O que é a inversão?

Quando Esopo e La Fontaine queriam dizer que os homens são como bichos, por acaso os mostravam como animais? Não. No lugar disso, invertiam – e este é o efeito peculiar, divertido e alienante de todas as fábulas – os termos da equação, seu sujeito e seu predicado, ou seja, afirmavam que os animais se comportavam como homens.

Para apresentar uma fábula sobre um tipo de existência que perdeu tanto sua forma quanto seu princípio e na qual a vida não mais progride [Beckett] destrói tanto a forma quanto o princípio até então característicos das fábulas: agora a fábula *destruída*, a fábula que não mais segue adiante, torna-se a representação adequada da vida estagnada; sua parábola sem significado sobre o homem ocupa o lugar da parábola do homem insignificante. Verdade: essa fábula não mais corresponde à forma ideal da fábula clássica. Mas como se trata de uma fábula sobre um tipo de vida que não mais tem algo que possa ser apresentado sob a fórmula de fábula, é a sua própria fraqueza, seu próprio fracasso que constituem sua força; se sofre de falta de coesão, é porque a falta de coesão é sua matéria constitutiva. Se ela renuncia a relatar uma ação, o faz apenas porque a ação que descreve é a vida desprovida de ação. Se desafia a convenção ao não oferecer história alguma, o faz por descrever o homem eliminado da, e desprovido de, história. Que os acontecimentos e os fragmentos de conversação que constituem a peça surjam sem motivação ou simplesmente se repitam (de uma maneira tão insidiosa que os envolvidos nem mesmo se deem conta da

repetição), tal afirmação precisa ser refutada: pois essa falta de motivação é motivada pela matéria constitutiva, e essa matéria constitutiva é uma forma de vida sem um princípio motor e sem motivação.

Ainda que se trate de uma, por assim dizer, fábula *negativa*, continua sendo uma fábula. Pois mesmo que dela não se possam extrair máximas ativas, a peça mantém-se no nível da *abstração*. Enquanto os romances dos últimos 150 anos contentaram-se em *narrar* um modo de vida que perdera seu princípio formal, esta peça representa *a falta de forma ela mesma*. E não apenas isto (a sua matéria constitutiva) é uma “abstração”; também os personagens são “abstrações”: os heróis da peça. Estragon e Vladimir são claramente *homens em geral*. Sim, eles são *abstratos* no mais cruel e literal sentido da palavra: são *ab-tracti*, o que quer dizer “extraídos”, “postos à parte”. E como eles, tendo sido extraídos do mundo, não tem mais nada a ver com ele, o mundo tornou-se, para eles, vazio. Assim, também o mundo da peça é uma “abstração”: um palco vazio, vazio a não ser por um adereço indispensável ao significado da fábula, uma árvore no centro, que define o mundo como um instrumento permanente para o suicídio e a vida como o não cometer suicídio.

Os dois heróis da peça, portanto, prosseguem meramente vivos, não mais vivendo em um mundo... A seus ouvidos [das criaturas beckettianas] o trovão dos ruídos do mundo que ensurdeceram Biberkopf [Franz, de *Berlin Alexanderplatz*] morreu; esqueceram-se até mesmo de tentar penetrar no castelo do mundo [alusão a Kafka]; renunciaram a medir este mundo pelos padrões de um outro [como faz Michael Kohlhaas, o herói da novela de Kleist]. Não é preciso nem dizer que esta perda real de um mundo requer meios especiais para ser representada na literatura ou no palco. Onde não mais existe um mundo, um choque com o mundo não é mais possível e, portanto, a possibilidade da tragédia foi confiscada. Ou, para formular mais precisamente, a tragédia deste tipo de existência

reside na inexistência até mesmo da possibilidade da tragédia e, ao mesmo tempo, no fato de que ela deve sempre na sua totalidade ser farsa (e não apenas, como no caso de seus predecessores, eventualmente atravessada pelo farsesco); e que, portanto, ele só possa ser representado enquanto farsa, enquanto farsa ontológica, não enquanto comédia. E isto é o que Beckett faz.

HUGH KENNER

O canadense Hugh Kenner (1907-2003), foi crítico e professor na Universidade Johns Hopkins e autor de estudos fundamentais sobre o modernismo anglo-americano e irlandês, entre eles *The Pound Era* (1951), *Dublin's Joyce* (1956) e *A Colder Eye* (1986). A passagem reproduzida provém de *A Reader's Guide to Samuel Beckett* (1973).

O modelo imediato de Beckett para a dupla de homens em *Esperando Godot* parece ser menos literário que estes [*Robinson Crusóe* e *Bouvard e Pécuchet*]. Didi e Gogô com seus chapéus-coco, um deles maravilhosamente incompetente, o outro um homem do mundo pouco adaptado e dedicado (parte do tempo) aos cuidados com o amigo, lembram mais do que quaisquer outros a clássica dupla do cinema dos anos 1930, Stan Laurel e Oliver Hardy, cujos embaraços com coisas tais como chapéus e botas eram notórios e cujas falas eram pronunciadas muito lentamente partindo do princípio de que a compreensão humana não era confiável funcionando à velocidade da luz. Sua *mise-en-scène* nos filmes era um país de sonhos, ao menos neste aspecto, o de que nenhuma explicação sobre a relação dos dois jamais foi aventada. Eles viajavam, enfrentavam provações, passavam por aventuras; sua amizade, posta à prova por torrentes de exasperação, nunca se tornou verdadeiramente vulnerável. Não pareciam envelhecer, nem ficar mais sábios. E, em perpétua agitação nervosa, os nervos de Laurel ocasionalmente protestando como os de um bebê, os de Hardy em busca de uma calma filosófica que ele nunca encontrou tempo de praticar, suportavam-se.

[...]

A essência da peça é, para ser breve, uma experiência humana tão banal quanto há. Nem parece valer a pena afirmar isso, exceto pelo fato de que tão raramente é mencionado. Lendo os críticos, ou

acompanhando as discussões, poder-se-ia facilmente supor que a essência da peça fosse alguma ou outra ideia esquiva – e uma ideia não muito bem expressa, já que há tanta controvérsia sobre qual seja.

A essência da peça é a espera, em meio à incerteza. Se nunca houve antes uma peça sobre a espera, foi porque nenhum dramaturgo antes de Beckett sequer ousou ensaiar algo semelhante. Parece contrário ao alimento de que se faz o teatro, em que a unidade normal é o evento e onde os intervalos entre os eventos são habilmente preenchidos para fazer-nos acreditar que os fios continuam se tramando e apertando a fim de produzir o evento seguinte. Em grande parte do *Agamemnon* a plateia está esperando pelo assassinato de Agamemnon. Também o Coro espera que a sentença se cumpra e Cassandra, enquanto espera que isso se dê, preenche o ar de profecias a quem ninguém empresta ouvidos (e ela sabe que ninguém vai ouvi-la, pesa sobre ela uma maldição desta natureza). Clitemnestra está esperando até que chegue a hora de matá-lo. Mas não é a mesma coisa. Ao se aproximar do clímax, a peça de Ésquilo arrasta seu clímax para o domínio do atual. Esperar pelo inevitável é espera de uma qualidade diversa, tanto que, não ocorresse a morte de Agamemnon, a peça daria a impressão de uma fraude. Mas não é uma fraude que Godot não venha.

Esperar e fazer com que a plateia compartilhe a espera; e explicar a qualidade da espera: isso não se faz com um “enredo”, que converge para um evento cuja não produção nos lograria a todos, nem tampouco com o simples preenchimento do tempo em cena (uma leitura em voz alta da lista telefônica, por exemplo). Beckett preenche o tempo com estruturas lindamente simétricas.



Jean-Claude Frissung e Thierry Bosc em *Esperando Godot*, sob direção de Claude Yersin, Nouveau Théâtre (Angers, 1989).

SUGESTÕES DE LEITURA

FICÇÃO

The Grove Centenary Editions of Samuel Beckett: Novels I; Novels II; The Poems; Short Fiction and Criticism. Ed. Paul Auster, prefácios de Cólom Tóibin, Salman Rushdie e J.M. Coetzee. Nova York: Grove, 2006.

More Pricks than Kicks. Londres: Chatto & Windus, 1934.

Murphy. Londres: Routledge, 1938.

Molloy. Paris: Les Éditions de Minuit, 1951 [em inglês: *Molloy*, trad. Samuel Beckett e Patrick Bowles. Paris: Olympia Press, 1955].

Malone Meurt. Paris: Les Éditions de Minuit, 1951 [em inglês: *Malone Dies*, trad. Samuel Beckett. Londres: John Calder, 1958].

L'Innommable. Paris: Les Éditions de Minuit, 1953 [em inglês: *The Unnamable*, trad. Samuel Beckett. Nova York: Grove Press, 1958].

Nouvelles et textes pour rien. Paris: Les Éditions de Minuit, 1955 [em inglês: *Stories and Texts for Nothing*, trad. Richard Seaver, Anthony Bonner e Samuel Beckett. Nova York: Grove Press, 1967].

Comment C'est. Paris: Les Éditions de Minuit, 1961 [em inglês: *How it is*, trad. Samuel Beckett. Nova York: Grove Press, 1964].

Imagination Morte Imaginez. Paris: Les Éditions de Minuit, 1965 [em inglês: *Imagination Dead Imagine*, trad. Samuel Beckett. Londres: Calder & Boyars, 1965].

From an Abandoned Work, 1967. Primeira versão em livro em *No's Knife: Collected Shorter 1945-1966.* Londres: John Calder, 1967.

Mercier et Camier. Paris: Les Éditions de Minuit, 1970 [em inglês: *Mercier et Camier*, trad. Samuel Beckett. Londres: Calder & Boyars / Picador, 1974].

Premier Amour. Paris: Les Éditions de Minuit, 1970 [em inglês: *First Love and Other Stories*, trad. Samuel Beckett. Nova York: Grove Press, 1974].

Le Dépeupleur. Paris: Les Éditions de Minuit, 1970 [em inglês: *The Lost Ones*. Nova York / Londres: Grove Press / Calder & Boyars, 1972].

All Strange Away. Nova York: Gotham Book Mart, 1976.

Pour finir encore et autres foirades. Paris: Les Éditions de Minuit, 1976 [em inglês: *Fizzles*, trad. Samuel Beckett. Nova York: Grove Press, 1976].

Company. Nova York / Londres: Grove Press / John Calder, 1980 [em francês: *Compagnie*, trad. Samuel Beckett. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980].

Mal Vu Mal Dit. Paris: Les Éditions de Minuit, 1981 [em inglês: *Ill Seen Ill Said*, trad. Samuel Beckett. Nova York: Grove Press, 1981].

Worstward Ho. Nova York / Londres: Grove Press / John Calder, 1983.

L'Image. Paris: Les Éditions de Minuit, 1988 [em inglês: *The Image*, trad. Samuel Beckett, in *As the Story Was Told*. Londres: John Calder, 1990].

Stirrings Still. Nova York / Londres: Grove Press / John Calder, 1988.

Dream of Fair to Middling Women. Edited by Eoin O'Brien and Edith Fournier. Londres: Black Cat Press, 1992.

TEATRO

The Grove Centenary Editions of Samuel Beckett: The Dramatic Works. Nova York: Grove, 2006.

En Attendant Godot. Paris: Les Éditions de Minuit, 1952 [em inglês: *Waiting for Godot*. Nova York: Grove Press, 1953].

All That Fall. Nova York: Grove Press, 1957 [em francês: *Tous ceux qui tombent*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1969].

Fin de Partie. Paris: Les Éditions de Minuit, 1957 [em inglês: *Endgame*. Nova York: Grove Press, 1958. Londres: Faber & Faber, 1958].

Krapp's Last Tape. Londres: Faber & Faber, 1959 [em francês: *La Dernière Bande suivi de Cendres*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1973].

Embers. Londres: Faber & Faber, 1960. Nova York: Grove Press, 1960.

Happy Days. Nova York: Grove Press, 1961 [em francês: *Oh les Beaux Jours*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1963].

Play. Londres: Faber & Faber, 1964 [em francês: *Comédie et actes divers*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1972].

Words and Music reimpresso em livro em *Play and Two Short Pieces for Radio*. Londres: Faber & Faber, 1964.

Film. Nova York: Grove Press, 1969.

Not I. Londres: Faber & Faber, 1973 [em francês: *Pas Moi*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1976].

Footfalls. Nova York: Grove Press, 1976 [em francês: *Pas suivi de quatre esquisses*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1978].

A Piece of Monologue. Londres: Faber & Faber, 1979 [em francês: *Solo*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1978].

Eleutheria. Paris: Les Éditions de Minuit, 1995.

POESIA

Whoroscope. Paris: The Hours Press, 1930.

Echo's Bones and Other Precipitates. Paris: Europa Press, 1935.

Collected Poems in English & French. Nova York: Grove Press, 1977.

Poems in English. Londres: John Calder, 1984.

ENSAIO

Proust. Londres: Chatto & Windus, 1931.

Disjecta. Miscellaneous Writings and a Dramatic Fragment. Ruby Cohn (org.). Londres: John Calder, 1983.

CORRESPONDÊNCIA

FEHSENFELD, Martha & Lois OVERBECK. *The Letters of Samuel Beckett: 1929-1940*. Cambridge / Nova York: Cambridge University Press, 2009.

CRAIG, George, FEHSENFELD, Martha, GUNN, Dan & Lois OVERBECK. *The Letters of Samuel Beckett: 1941-1956*. Cambridge / Nova York: Cambridge University Press, 2011.

HARMON, Maurice (org.). *No Author Served Better: The Correspondence of Samuel Beckett and Alan Schneider*. Harvard University Press, 1999.

SOBRE O AUTOR

BIOGRAFIA

KNOWLSON, James. *Damned to fame: The Life of Samuel Beckett*. Nova York: Grove, 2004.

OBRA DE REFERÊNCIA

ACKERLEY, C. J. & S. E. GONTARSKI. *The Grove Companion to Samuel Beckett: a Reader's Guide to His Works, Life and Thought*. Nova York: Grove, 2004.

CRÍTICA

- ASLAN, Odette. *Roger Blin and Twentieth-Century Playwrights*. Cambridge (MA): Cambridge University Press, 1988.
- BADIOU, Alain. *Beckett: l'incroyable désir*. Paris: Hachette, 1995.
- BAIR, Deirdre. *Samuel Beckett*. Nova York: Simon & Schuster, 1990.
- BLANCHOT, Maurice. "Où maintenant? Qui maintenant?", in *Le Livre à venir*. Paris: Gallimard, 1959.
- CALDER, J. (org.). *Beckett at 60: a Festschrift*. Londres: Calder & Boyars, 1967.
- COHN, Ruby. *Back to Beckett*. Princeton: Princeton University Press, 1974.
- _____. *Just Play: Beckett's Theatre*. Princeton: Princeton University Press, 1980.
- _____. *Samuel Beckett: The Comic Gamut*. Nova Jersey: Rutgers University Press, 1962.
- _____. *The Beckett Canon*. Ann Arbor (mi): University Of Michigan Press, 2001.
- CRONIN, Anthony. *Samuel Beckett: The Last Modernist*. Nova York: Da Capo Press, 1999.
- DUKES, Gerry. *Samuel Beckett: Illustrated Lives*. Londres: Penguin Books, 2001.
- FLETCHER, John & J. SPURLING. *Beckett: A Study of His Plays*. Londres: Eyre Methuen, 1972.
- FLETCHER, John. *The Novels of Samuel Beckett*. Londres: Barnes & Noble, 1970.
- GONTARSKI, S. E. (org.). *The Edinburgh Companion to Samuel Beckett and the Arts*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2014.
- HAERDTER, Michael. *Samuel Beckett inszeniert das Endspiel*. Frankfurt: Suhrkamp, 1967.
- HARMON, Maurice (org.). *No Author Better Served: The Correspondence of Samuel Beckett and Alan Schneider*. Cambridge (MA): Harvard

University Press, 1998.

KENNER, Hugh. *A Reader's Guide to Samuel Beckett*. Londres: Thames & Hudson, 1973.

_____. *Flaubert, Joyce and Beckett: The Stoic Comedians*. Londres: Dalkey Archive Press, 2005.

_____. *Samuel Beckett: A Critical Study*. Londres: Calder & Boyars, 1961.

KNOWLSON, James (org.). *Beckett Remembering / Remembering Beckett: A Centenary Celebration*. Nova York: Arcade Publishing, 2007.

_____. *Damned to Fame*. Nova York: Grove, 2004.

PILLING, John (org.). *The Cambridge Companion to Samuel Beckett*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

SITES

Journal of Beckett Studies:
<http://www.euppublishing.com/journal/JOBS>

Samuel Beckett Digital Manuscripts Project:
www.beckettarchive.org

Samuel Beckett: APMORNIA: www.themodernword.com/beckett

The Samuel Beckett On-line Ressources and Links Pages:
www.samuel-beckett.net

The Samuel Beckett Endpage: [www.ua.ac.be/main.aspx?
c=*sbeckett](http://www.ua.ac.be/main.aspx?c=*sbeckett)

SOBRE *ESPERANDO GODOT*

BOXALL, Peter (org.). *Samuel Beckett: Waiting for Godot / Endgame: a Reader's Guide to Essential Criticism*. Londres: Palgrave Macmillan, 2000.

COHN, Ruby. *Beckett: Waiting for Godot - Casebook Series*. Londres: Macmillan, 1987.

- CONNOR, S. (org.). *Waiting for Godot and Endgame. Contemporary Critical Essays. New Casebooks*. Londres: MacMillan, 1992.
- GRAVER, Lawrence & Raymond FEDERMAN (orgs.). *Samuel Beckett: The Critical Heritage*. Londres: Routledge & Kegan, 1979.
- MCMILLAN, Dougald & James KNOWLSON. *The Theatrical Notebooks of Samuel Beckett: Waiting for Godot*. Londres: Faber & Faber, 1993.
- SONTAG, Susan. “‘Esperando Godot’ em Sarajevo”, in *Questão de ênfase*, trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
-

EM PORTUGUÊS

FICÇÃO

- Companhia e outros textos (Companhia / Pra frente o pior / Sobressaltos / O caminho / Teto / Ouvido no escuro I e II)*, trad. Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 2012.
- Companhia*, trad. Elsa Martins. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- Pioravante Marche* (bilíngue), trad. Miguel Esteves Cardoso. Lisboa: Gradiva, 1988.
- Últimos trabalhos de Samuel Beckett*, trad. Miguel Esteves Cardoso. Lisboa: O Independente / Assírio & Alvim, 1996.
- Molloy*, trad. Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 2008.
- Murphy*, trad. Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- O inominável*, trad. Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 2009.
- Malone morre*, trad. Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 2014.
- Primeiro amor*, trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- Novelas*, trad. Eloísa Araújo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- Como é*, trad. Ana Helena Souza. São Paulo: Iluminuras, 2003.

O despovoador – Mal visto mal dito, trad. Eloísa Araújo. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

TEATRO

Eu não, trad. Rubens Rusche e Luiz Benati. São Paulo: Olavobrás, 1988.

Esperando Godot, trad. Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

Fim de partida, trad. Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

Dias felizes, trad. Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Teatro de Samuel Beckett. Lisboa: Arcádia, s.d.

POESIA

Poemas, trad. L. Benati. São Paulo: Olavobras, 1988.

ENSAIO

Proust, trad. Arthur Nestrovski. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

“Dante... Bruno.Vico.. Joyce”, in Arthur Nestrovski (org.). *Ensaaios sobre James Joyce*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

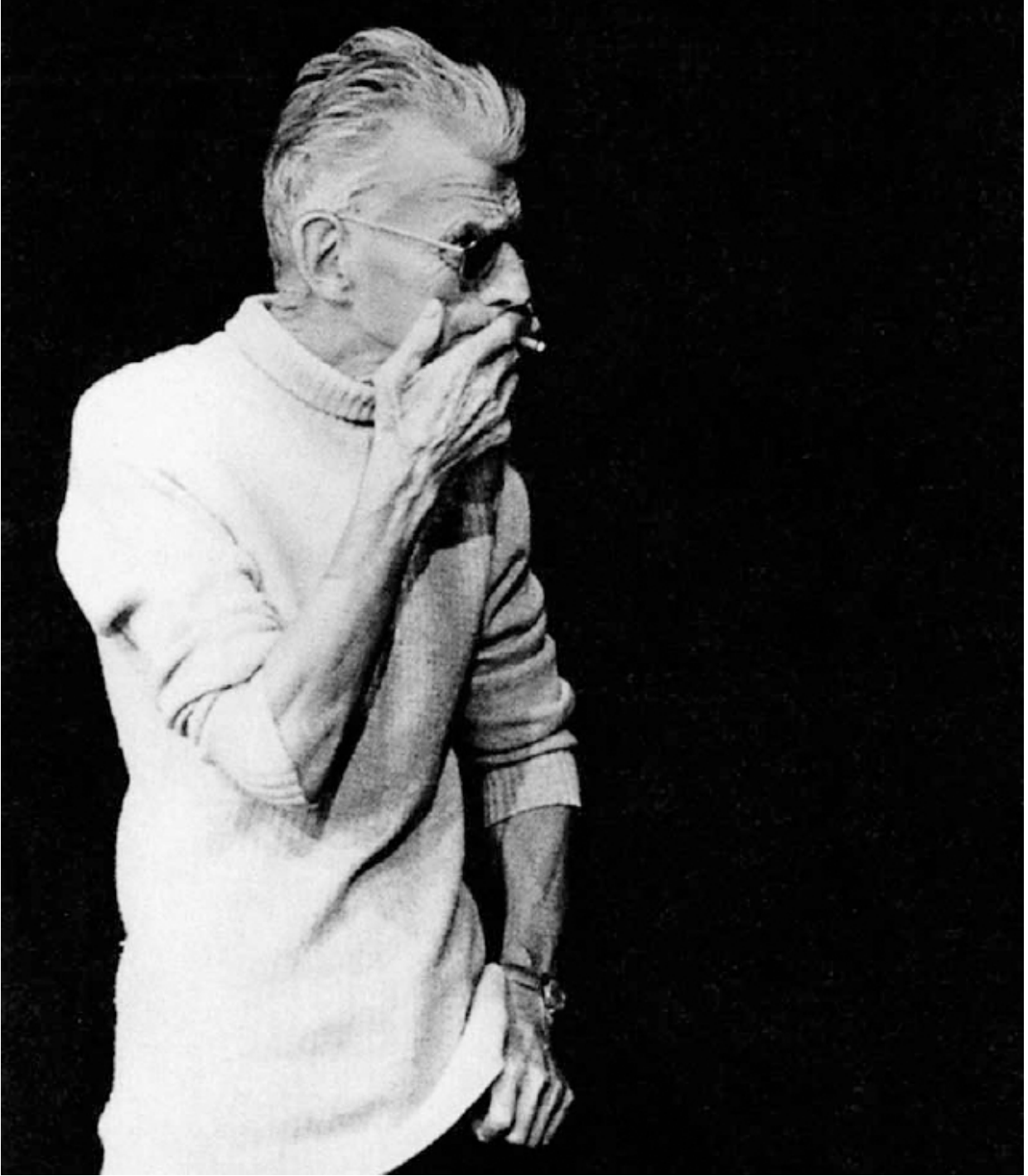
SOBRE O AUTOR

ANDRADE, Fábio de Souza. *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê, 2001.

ARAÚJO, Rosanne. *Nilismo heroico em Beckett e Hilda Hilst: fim e recomeço na narrativa*. Natal: EDUFRN, 2012.

AUSTER, Paul. *A arte da fome*, trad. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

- BERRETTINI, Célia. *Samuel Beckett: escritor plural*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BLOOM, Harold. “Beckett... Joyce. Proust... Shakespeare”, in *O cânone ocidental*, trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.
- BORGES, Gabriela. *A poética televisual de Samuel Beckett*. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2009.
- CAVALCANTI, Isabel. *Eu que não estou aí onde estou: o teatro de Samuel Beckett*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.
- ELLMANN, Richard. “A vida de Sim Botchit”, in *Ao longo do riocorrente*, trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ESSLIN, Martin. *O Teatro do Absurdo*, trad. Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968.
- JANVIER, Ludovic. *Beckett: escritores de sempre*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- RAMOS, Luiz Fernando. *O parto de Godot e outras encenações imaginárias*. São Paulo: Hucitec / Fapesp, 1999.
- SOUZA, Ana Helena. *A tradução como um outro original: Como é de Samuel Beckett*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.
- STEINER, George. “Do nuance e do escrúpulo”, in *Extraterritorial: a literatura e a revolução da linguagem*, trad. Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- TAGLIAFERRI, A. “Joyce e Beckett: Leitura Terminável e Interminável”, in Artur Nastrovski (org.). *Riverrun Ensaaios sobre James Joyce*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, pp. 167-77.
- UPDIKE, John. “Tênuê consolação da velha Irlanda”, in *Bem perto da costa*, trad. Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- VASCONCELLOS, Cláudia. *Teatro inferno: Samuel Beckett*. São Paulo: Terracota, 2012.



© Cosac Naify, 2005

© 1952 by Éditions de Minuit

Coordenação editorial MILTON OHATA

Assistente editorial LIVIA LIMA

Edição e preparação SAMUEL TITAN JR.

Projeto gráfico original PAULO ANDRÉ CHAGAS

Revisão RAUL DREWNICK

Adaptação e coordenação digital ANTONIO HERMIDA

Produção de ePub EQUIRETECH

1ª edição eletrônica, 2015

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Beckett, Samuel [1906-1989]

Esperando Godot: Samuel Beckett

Título original: *En attendant Godot*

Tradução e prefácio: Fábio de Souza Andrade

São Paulo: Cosac Naify, 2015

pp., 18 ils.

ISBN 978-85-405-0900-9

1. Beckett, Samuel, 1906-1989. Esperando Godot – Crítica e interpretação 2. Teatro inglês (Autores irlandeses) I. Andrade, Fábio de Souza. II. Título. III. Série.

05-6303

CDD-822.33

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro: Literatura inglesa 822.33

COSAC NAIFY


rua General Jardim, 770, 2º. andar

01223-010 São Paulo SP

cosacnaify.com.br [11] 3218 1444

atendimento ao professor [11] 3823 6560

professor@cosacnaify.com.br

 **Leitura Fácil**



**Este e-book foi projetado e desenvolvido em
dezembro de 2014, com base na 3ª edição impressa, de
2015.**

FONTES Farnham e Tungsten